UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
MESTRADO ACADÊMICO

MARIA VITÓRIA GUEDES

GAUCHISMO, CULTURA E HOSPITALIDADE: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DO ESPAÇO AFETIVO

CAXIAS DO SUL

2026

MARIA VITÓRIA GUEDES

GAUCHISMO, CULTURA E HOSPITALIDADE: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DO ESPAÇO AFETIVO

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa L.2 -Turismo, Hospitalidade, Cultura e Educação.
Orientação: Prof. Dr. André Brayner de Farias

CAXIAS DO SUL

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

G924g Guedes, Maria Vitória
Gauchismo, cultura e hospitalidade [recurso eletrônico] : uma abordagem etnográfica do espaço afetivo / Maria Vitória Guedes. – 2026.
Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2026.
Orientação: André Brayner de Farias.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: https://repositorio.ucs.br

1. Hospitalidade. 2. Folclore - Rio Grande do Sul. 3. Gaúchos. 4. Etnologia. 5. Movimento Tradicionalista Gaúcho. 6. Cultura. I. Farias, André Brayner de, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.483.13

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

MARIA VITÓRIA GUEDES

GAUCHISMO, CULTURA E HOSPITALIDADE: UMA ETNOGRAFIA DO ESPAÇO AFETIVO

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa L.2 -Turismo, Hospitalidade, Cultura e Educação.

Orientação: Prof. Dr. André Brayner de Farias

Aprovada em 29/09/2026.

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. André Brayner de Farias – Orientador
Universidade de Caxias do Sul - UCS

_____
Prof. Dr(a).Aline Passuelo de Oliveira
Universidade de Caxias do Sul - UCS

_____
Prof. Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul – UCS

_____
Prof. Dr. Renan de Lima da Silva
Universidade Federal de Santa Maria

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada mãe, que desempenhou esse papel com maestria. Eu não chegaria tão longe sem teu exemplo. Obrigada por sempre me incentivar aos estudos e a nunca desistir dos meus objetivos.

Dedico este trabalho à minha amada avó, por todo o amor, carinho, sabedoria e incentivo que sempre me ofereceu. Sua força e seus ensinamentos são parte essencial da pessoa que sou e desta conquista que hoje celebro.

Aos meus amigos, que estiveram presentes ao longo desta caminhada, compartilhando alegrias, desafios, dúvidas e conquistas. Obrigado por tornarem os momentos difíceis mais leves e por acreditarem em mim quando precisei de incentivo para seguir em frente.

Ao CTG Ronda Charrua, lugar de amizade, tradição, pertencimento e tantas histórias que fazem parte da minha trajetória. Dedico também a esta entidade, que me ensinou que preservar nossas raízes é, sobretudo, valorizar aquilo que somos e as pessoas que caminham conosco.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta jornada, minha sincera gratidão. Esta conquista carrega um pouco de cada um de vocês.

E essa dedicatória é, acima de tudo, a todas as minhas versões anteriores, que apesar de todas as incertezas com o futuro, sempre acreditou no potencial, na vontade de crescer e na força de vontade acima de tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar a oportunidade de ter uma profissão e conseguir me qualificar no que me proponho a fazer sempre com muito trabalho e dedicação. Passei por tantas intempéries ao longo dessa pesquisa, e finalizo com êxito e com todos os recursos que me foram disponibilizados.

Ao meu orientador

Ao meu orientador André, que foi muito prestativo e muito compreensivo com todo meu processo. Te agradeço por embarcar nessa viagem comigo e por me guiar tão lindamente. Admiro muito a sua trajetória acadêmica, e saiba que és um dos meus grandes exemplos no corpo docente da UCS.

Aos meus familiares

Agradeço a todos os meus familiares que me apoiaram infinitamente nessa fase tão importante na minha vida. Agradeço particularmente minha mãe, que sempre foi meu exemplo, de disciplina e garra e que eu posso realizar todos os meus sonhos. E agradeço também especialmente a minha avó, que muitas vezes me acolheu nos momentos difíceis mesmo quando não entendia os momentos que eu estava passando.

A CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao PPGTURH e UCS

Aos mestres e toda equipe do PPGTURH e UCS, que sempre me guiaram pelo melhor caminho e me mostraram o quanto nosso mundo é grande, e que temos muito ainda a explorar. A Regina, que foi meu primeiro contato no PPGTURH, que me guiou, me ajudou e disponibilizou seu tempo em muitos momentos para me socorrer. Aos professores, meu mais humilde agradecimento.

Ao CTG Ronda Charrua

A toda entidade do Centro de Tradições Gaúchas Ronda Charrua, meu mais profundo agradecimento pelo apoio, acolhimento e todo material disponibilizado. Ao setor cultural,

patronagem, coordenadores e integrantes num geral, eu não teria chegado tão longe sem vocês. Para a invernada Adulta, gratidão por terem me acolhido tão bem em meu início nesse novo desafio. E para a invernada Veterana, obrigada por me aceitarem novamente, mesmo após todos os contrapontos que me mantiveram distante de vocês. Aos integrantes que disponibilizaram seu tempo ao responder algum questionamento, ou que disponibilizaram suas imagens pessoais para que essa pesquisa ficasse mais e mais rica em detalhes e exemplos, meu eterno agradecimento.

Aos meus amigos

Amigos, todos aqueles que me incentivaram a não desistir e sempre continuar persistindo, mesmo não sabendo qual era o fim da linha. Agradeço pelos telefonemas, mensagens durante os meus momentos mais delicados, e a presença constante de todos vocês. Meu eterno agradecimento à Mariele M. Franco, por disponibilizar o seu tempo para me socorrer de última hora na formatação dessa pesquisa, jamais esquecerei tua gentileza e generosidade.

"Se queres ser universal, começa
por pintar a sua aldeia"
Lev Nikoláievitch Tolstói

RESUMO

Esta dissertação investiga as relações entre cultura, hospitalidade e espaço afetivo no contexto do tradicionalismo gaúcho, tendo como objeto de estudo o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Ronda Charrua, localizado no município de Farroupilha, Rio Grande do Sul. A pesquisa tem como intuito compreender como as práticas culturais, as relações de convivência e as experiências de hospitalidade contribuem para transformar o espaço físico da entidade em um lugar de vínculos, memórias e pertencimento. Parte-se da compreensão de que os CTGs ultrapassam sua função de preservação e reprodução das tradições, constituindo espaços de sociabilidade, construção identitária e produção de significados compartilhados. O referencial teórico articula discussões sobre cultura, identidade e tradição, dialogando com autores como Stuart Hall, Eric Hobsbawm e Terence Ranger, Paul Ricœur e Ruben George Oliven, além de estudos sobre hospitalidade, espaço e etnografia. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica e perspectiva ensaística, desenvolvida por meio de observação participante, registros em diário de campo, fotografias e aplicação de questionários aos participantes. O recorte empírico e temporal concentra-se nas experiências vivenciadas no CTG ao longo de 2025, especialmente durante o Baile de Candeeiro, a Pré-estreia da Invernada Veterana e o FestXirú, momentos que possibilitaram observar diferentes manifestações das relações sociais e culturais no cotidiano da entidade. A análise considera como principais marcadores empíricos o acolhimento, o cuidado, a disponibilidade, a partilha, a convivência, a transmissão de saberes entre gerações, a memória e o sentimento de pertencimento. Os resultados evidenciam que a hospitalidade se manifesta para além do ato de receber, estando presente nas pequenas atitudes, nos gestos de cuidado, na cooperação e nas relações estabelecidas entre os integrantes. Observa-se que são justamente essas experiências, associadas às práticas e aos símbolos da cultura tradicionalista, que atribuem novos sentidos ao espaço e fortalecem os vínculos afetivos entre os sujeitos. Conclui-se que o CTG Ronda Charrua constitui um espaço de produção de experiências afetivas, no qual a tradição não se apresenta como algo estático, mas como uma manifestação cultural constantemente vivenciada, compartilhada e ressignificada por seus participantes, reafirmando a importância dos Centros de Tradições Gaúchas na construção da identidade cultural, na preservação da memória coletiva e no fortalecimento dos laços comunitários.

Palavras-chave: Hospitalidade; Abordagem Etnográfica; Espaço Afetivo; Tradicionalismo; Identidade Cultural.

ABSTRACT

This dissertation investigates the relationships between culture, hospitality, and affective space within the context of Gaucho traditionalism, taking as its object of study the Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Ronda Charrua, located in the municipality of Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brazil. The research aims to understand how cultural practices, social interactions, and hospitality experiences contribute to transforming the entity's physical space into a place of bonds, memories, and belonging. It is based on the understanding that CTGs go beyond their role in preserving and reproducing traditions, constituting spaces of sociability, identity construction, and the production of shared meanings. The theoretical framework brings together discussions on culture, identity, and tradition, drawing on authors such as Stuart Hall, Eric Hobsbawm and Terence Ranger, Paul Ricœur, and Ruben George Oliven, as well as studies on hospitality, space, and ethnography. Methodologically, this is a qualitative study based on an ethnographic approach and an essayistic perspective, developed through participant observation, field diary entries, photographic records, and questionnaires administered to participants. The empirical and temporal scope focuses on experiences within the CTG throughout 2025, particularly during the Baile de Candeeiro, the Invernada Veterana Preview Event, and FestXirú, which provided opportunities to observe different expressions of social and cultural relationships within the entity's everyday life. The analysis considers welcoming practices, care, availability, sharing, social interaction, intergenerational knowledge transmission, memory, and a sense of belonging as its main empirical markers. The findings show that hospitality extends beyond the act of receiving guests and is also expressed through small gestures, acts of care, cooperation, and relationships established among members. These experiences, combined with the practices and symbols of Gaucho traditionalist culture, give new meaning to the space and strengthen affective bonds among individuals. It is concluded that CTG Ronda Charrua constitutes a space for the production of affective experiences, where tradition is not understood as something static, but rather as a cultural manifestation that is constantly experienced, shared, and reinterpreted by its participants, reaffirming the importance of Gaucho Traditionalist Centers in constructing cultural identity, preserving collective memory, and strengthening community ties.

Keywords: Hospitality; Ethnographic Approach; Affective Space; Traditionalism; Cultural Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Invernada Adulta do CTG Ronda Charrua - Enart 2024 19
Figura 2: Figura da prenda..... 22
Figura 3: Mapa do processo de ocupação territorial do RS..... 28
Figura 4: Quadro localizado no Palácio Piratini: a formação do Rio Grande do Sul, de Aldo Locatelli..... 32
Figura 5: Peão e prenda representando casal primitivo em dança tradicional..... 36
Figura 6: Evolução do trajar tradicional do gaúcho (1720-2016) 49
Figura 7: Garrão de potro e esporas..... 50
Figura 8: Peão e prenda com trajes primitivos 52
Figura 9: Exposição de trajes no CTG Ronda Charrua 53
Figura 10: Imagem de peão e prenda em festival artístico, com trajes típicos..... 54
Figura 11: Imagem da prenda com traje de época (pesquisa histórica)..... 55
Figura 12: Imagem de família tradicionalista gaúcha, atualmente participantes do CTG RONDA CHARRUA 56
Figura 13: Elenco adulto do CTG Ronda Charrua 64
Figura 14: Patrão Ângelo Venzon Neto 66
Figura 15: Brasão original do CTG Ronda Charrua..... 67
Figura 16: Brasão atual do CTG Ronda Charrua 67
Figura 17: Invernada adulta anos 2000..... 68
Figura 18: Invernada adulta - Enart 2001 68
Figura 19: Enart 2015 69
Figura 20: Invernada Veterana do CTG Ronda Charrua no Baile de Candeeiro 71
Figura 21: Detalhe de candeeiro para evento 72
Figura 22: Esboço de Mapa esquemático de localização 73
Figura 23: Construção do galpão do CTG Ronda Charrua 73
Figura 24: Vista interna do galpão durante ensaio da Invernada Mirim (07/2026) 74
Figura 25: XII Baile da Prenda Jovem 76
Figura 26: Galeria interna do Ronda Charrua para peões e prendas regionais..... 77
Figura 27: Gráfico sobre as idades dos entrevistados 81
Figura 28: Gráfico sobre as porcentagens de setores e invernadas 81
Figura 29: Gráfico sobre como os entrevistados percebem a hospitalidade 82
Figura 30: Invernada Veterana em sua pré-estréia 2025 86

Figura 31: Vista da entrada do CTG Ronda Charrua, com acesso para a churrascaria.....93
Figura 32: Vista do "Bolicho" e entrada para cozinha 94
Figura 33: Peões na dança Anú - FestXirú 2025 97
Figura 34: Evento de comemoração do FestXirú 2025 97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento da quantidade de CTG's cadastrados no MTG/RS 44
Quadro 2: Diário de campo evento 01 70
Quadro 3: Diário de campo – análise etnográfica de observação participante 83
Quadro 4: Diário de campo – análise etnográfica de observação participante 84
Quadro 5: Diário de campo – análise etnográfica de observação participante 84
Quadro 6: Diário de campo - análise etnográfica de observação participante 85
Quadro 7: Análise etnográfica do espaço físico x afetivo 90
Quadro 8: Diário de campo sobre espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante 94
Quadro 9: Diário de campo sobre espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante 95
Quadro 10: Diário de campo sobre o espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante 98
Quadro 11: Diário de campo sobre o espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante 98
Quadro 12: Bibliografia consultada e temática (continua) 109

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
ENART	Encontro de Artes e Tradição Gaúcha
FEGART	Festival Gaúcho de Arte e Tradição
FESTXIRU	Festival Estadual Tradicionalista Xiru e Veterano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JUVENART	Juvenil de Arte Gaúcha
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
RS	Rio Grande do Sul
RT	Região Tradicionalista
UCS	Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 23
2.1 A FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL 26
2.2 O GAÚCHO, O MITO E A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES NO RIO GRANDE DO SUL 32
2.2.1 Desmistificando o gauchismo 37
2.2.2 O MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho 42
2.2.3 A figura do peão e da prenda por trás do mito 51
2.3 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA EM GRUPOS CULTURAIS E A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 56
2.4 HOSPITALIDADE E CULTURA 60
3 CTG RONDA CHARRUA, UMA ANÁLISE ATRAVÉS DOS TEMPOS: METODOLOGIA E DIRETRIZES 64
3.1 A ENTIDADE E SEUS PROCESSOS CULTURAIS 69
3.1.1 Ambiente de pesquisa 72
3.1.2 Processos culturais, setorização e hierarquia 75
4 ETNOGRAFIA APLICADA – MEMÓRIA E AFETO: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO FÍSICO E AFETIVO NO CTG RONDA CHARRUA 78
4.1 COLETA DE DADOS DE INTEGRANTES 80
4.2 DIÁRIOS DE CAMPO REGISTRADOS SOBRE AS INVERNADAS 83
4.3 CONTRAPONTO ENTRE ESPAÇO FÍSICO E O ESPAÇO AFETIVO 87
4.4 DIÁRIOS DE CAMPO SOBRE O ESPAÇO AFETIVO COLETIVO 94
5 CONCLUSÃO 99
REFERÊNCIAS 104
APÊNDICE 1 – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS TEMÁTICAS 109
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIOS SUBMETIDOS AOS MEMBROS DO CTG RONDA CHARRUA 112
APÊNDICE 3 - ROTEIRO DESENVOLVIDO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 114
APÊNDICE 4 – DIÁRIO DE CAMPO DESENVOLVIDO PARA ANÁLISE DA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA 115
APÊNDICE 5 - CARTA DE PRINCÍPIOS MTG 116

1 INTRODUÇÃO

A abordagem final adotada neste estudo é etnográfica, fundamentada na observação participante, permitindo que a pesquisadora, uma acadêmica com formação em Arquitetura e Urbanismo, fosse inserida no campo de pesquisa como sujeito participativo nas práticas e relações investigadas. Nesse sentido, o espaço afetivo e sua análise como um todo nascem como um dos pilares centrais da pesquisa, assim como práticas coletivas que possam vir a remeter a alguma alusão à hospitalidade. Inicialmente, a pesquisa tomava forma através das práticas diárias de gaúchos de forma exponencial, e não focada em um grupo ou práticas específicas. Mas abordar grupos culturais proporciona uma riqueza de detalhes que vão além das atividades corriqueiras e comuns de um povo, região ou espaço físico comum, por proporcionar um material que busca o reconhecimento e o pertencimento cultural de seus personagens que aqui serão abordados e estudados.

A experiência como dançarina e participante ativa do Centro de Tradições Gaúchas Ronda Charrua do município de Farroupilha, na Serra Gaúcha, constitui um dos eixos empíricos desta pesquisa. Tal vivência e participação ativa[1] possibilitam a construção de um olhar sensível e situado sobre o objeto de estudo, favorecendo uma compreensão aprofundada das práticas culturais a partir do cerne do grupo, tornando o ensaio menos superficial. Ao investigar o cotidiano e as manifestações culturais dos gaúchos sob a perspectiva da hospitalidade, buscou-se não apenas compreender tais práticas cotidianas, mas também valorizar as experiências vividas no interior das comunidades que mantêm vivas essas tradições. Geertz (2015) aponta que essa inserção no campo permitiu explorar, com maior atenção aos detalhes, os gestos, rituais, formas de recepção e modos de convivência que caracterizam o dia a dia nos ambientes e grupos no geral, nesse caso os tradicionalistas e em grupos culturais a eles associados — práticas que, embora tenham origem nos Centros de Tradições Gaúchas, seguem se manifestando de forma significativa em diversas comunidades do Rio Grande do Sul.

Um Centro de Tradições Gaúchas é um espaço cultural que preserva práticas e valores ligados ao tradicionalismo e ao pertencimento à pátria, associado ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. No entanto, além das manifestações culturais visíveis — como danças, música e rituais —, existe uma dimensão relacional e emocional construída por meio da convivência e do

[1] A participação ativa nesse caso, refere-se ao convívio do dia a dia da entidade, assim como a participação em uma das invernadas.

acolhimento entre os participantes. Nesse contexto, a hospitalidade pode ser notada e, de alguma forma, compreendida, através das práticas sociais que favorecem a integração de membros e visitantes, contribuindo para a formação de vínculos afetivos e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo. O recorte temporal se torna primordial para que essa pesquisa e sua coerência sejam mais focadas. Como participante da entidade analisada, passei por um processo neste meio tempo em que estive no programa de mestrado: a inserção nessa entidade que tanto me acolheu, o meu ano dinâmico dentro da invernada adulta do CTG Ronda Charrua, e minha adesão à invernada veterana[2]. Tudo isso demonstrou a complexidade e a movimentação das interfaces entre dançarinos, vida pessoal e coordenação interna da entidade.

A observação participante, uma visão etnográfica de tais atividades praticadas e do espaço afetivo, será efetivada através de uma dançarina do Centro de Tradições Gaúchas Ronda Charrua, um CTG localizado no coração da cidade de Farroupilha, no estado do Rio Grande do Sul, com sua população muito enraizada na cultura ítalo-gaúcha e sua visão um tanto bairrista[3] em relação às práticas do dia a dia. A cidade traz consigo um senso de religiosidade muito característica, por abrigar o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, o qual recebe anualmente seus milhares de fiéis. A etnografia no espaço afetivo de um CTG busca compreender como práticas tradicionalistas produzem vínculos emocionais, reforçando identidades culturais e sentimentos de pertencimento entre os participantes (OLIVEN, 2006).

A pesquisadora, inserida ainda na primeira infância nos meios tradicionalistas, teve sua participação em algumas entidades ao longo de sua vida artística. Iniciou então suas atividades no CTG Ronda Charrua em janeiro do ano de 2025, após sua premiação em 1º Lugar em danças tradicionais Força A no Enart 2024 (Figura 1). Este ensaio em questão já estava sendo desenvolvido através de pesquisa cultural e turística nos maiores festivais da tradição gaúcha, mas de forma orgânica, o foco foi se desenvolvendo, movimentando e criando novas interfaces de pesquisa ao longo de experiências individuais e interligadas ao PPGTURH.

[2] O ano dinâmico referido é o ano de 2025, quando ocorreu uma alteração abrupta na rotina da participante em questão, que foi essencial para a riqueza de detalhes e experiências aqui documentadas.

[3] Bairrista é quem demonstra amor excessivo, orgulho exagerado ou defesa ferrenha pelo seu próprio bairro, cidade ou região natal. O termo pode indicar tanto um sentimento positivo de valorização das raízes quanto uma visão limitada que rejeita o que vem de fora.

Figura 1: Invernada Adulta do CTG Ronda Charrua - Enart 2024



Fonte: acervo particular concedido à autora.

A valorização e a continuidade da cultura local desempenham um papel fundamental tanto para o fortalecimento da identidade de uma região quanto para o avanço de pesquisas no âmbito acadêmico, especialmente nas áreas das ciências sociais e humanas. A permanência da cultura não apenas contribui para o desenvolvimento socioeconômico — como nos setores do turismo e do comércio —, mas também oferece uma rica base para investigações antropológicas e sociológicas sobre os modos de vida, os valores simbólicos e os rituais cotidianos de uma população. Inicialmente, esta reflexão partiria de um interesse em abordar a cultura gaúcha e o tradicionalismo sob uma perspectiva antropológica, destacando sua relevância não apenas como um traço identitário, mas também como um recurso estratégico para o fomento de atividades turísticas. Festivais tradicionais, rodeios, festas de comunidade e demais celebrações locais foram consideradas inicialmente como possíveis ferramentas de fomento para impulsionar o turismo cultural na região, contribuindo para a geração de renda e o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre os participantes e personalidades de relevância regional.

No entanto, ao longo do processo investigativo e de pesquisa, houve uma mudança de foco que ocorreu de maneira natural e orgânica. O olhar inicial, voltado para o potencial econômico e turístico dos eventos com foco no tradicionalismo gaúcho, como o Enart, FestXirú, Juvenart e demais festividades, passou a dar lugar a uma abordagem voltada à compreensão das dinâmicas simbólicas e afetivas que atravessam essas manifestações culturais, e de que forma

isso é observado, catalogado, narrado para fora desse meio. Nesse novo contexto, a hospitalidade emergiu como uma chave analítica particularmente relevante para entender os processos culturais em profundidade. Quando analisada por meio de métodos qualitativos, a hospitalidade revela-se não apenas como uma prática social, mas como um fenômeno relacional e simbólico que perpassa os rituais de acolhimento, as trocas cotidianas e os modos de convivência entre os sujeitos. Nesta dissertação, essa perspectiva está presente na forma como procuro compreender o CTG Ronda Charrua, não apenas como um espaço destinado à preservação e à manifestação da cultura gaúcha, mas como um lugar construído também pelas relações humanas, pelas experiências compartilhadas, pelas memórias e pelos sentimentos de pertencimento. A partir da aproximação com o campo, da observação participante, dos registros no diário de campo, das fotografias e dos questionários, busco relacionar aquilo que foi vivenciado e observado com as discussões teóricas que sustentam a pesquisa.

Nesse sentido, ela se apresenta como uma lente teórica potente para a compreensão da identidade cultural em transformação, permitindo analisar como os valores comunitários, as tradições e os sentidos de pertencimento são continuamente (re)construídos nas práticas sociais locais. Assim, a cultura local e sua permanência tornam-se não apenas objeto de estudo, mas também instrumento de reflexão sobre os processos de identificação, resistência e adaptação que caracterizam as sociedades contemporâneas, especialmente em contextos regionais marcados por forte tradição, como é o caso do Rio Grande do Sul.

A hospitalidade, entendida como uma prática sociocultural e simbólica, constitui um campo fértil para a compreensão dos processos culturais em diferentes contextos regionais. No caso do Rio Grande do Sul, estado localizado ao sul do Brasil, a hospitalidade se permeia em contornos específicos que revelam traços identitários profundos, relacionados à história da imigração, às práticas cotidianas e aos rituais de convivência. O Rio Grande do Sul possui uma história marcada por processos migratórios intensos - desde os povos indígenas originários até a chegada de portugueses, espanhóis, africanos escravizados, além de imigrantes alemães, italianos, poloneses e outros grupos europeus ao longo dos séculos XIX e XX[4]. Essa pluralidade étnica e cultural gerou um apanhado simbólico complexo e heterogêneo, que influencia profundamente os estilos de vida, os costumes e os rituais cotidianos da população gaúcha. Essa diversidade também se manifesta nas expressões linguísticas, nas práticas religiosas e nas formas de sociabilidade que atravessam diferentes gerações.

[4] Informação disponível no Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, que descreve o processo migratório da região.

A figura do gaúcho, idealizada a partir de elementos rurais, cavaleirescos e guerreiros, constitui um arquétipo[5] central na construção identitária do estado. Os rituais associados ao chimarrão, ao churrasco, à roda de conversa e à convivência comunitária expressam uma forma particular de hospitalidade que ultrapassa a mera recepção de visitantes, implicando uma ética relacional, um senso de pertencimento coletivo e um modo de ser no mundo. Trata-se de uma forma de hospitalidade enraizada no cotidiano, que valoriza o tempo compartilhado, a oralidade e a construção de vínculos duradouros.

O mito, a história de como foi criado, e o diálogo sobre a figura do gaúcho atual será analisada nos próximos capítulos, através dos principais autores, atuais e clássicos, sobre esse povo que hoje ocupa as planícies, serras e litoral do Rio Grande do Sul. As histórias, muitas vezes contadas e repassadas pelas gerações através de clássicos como O tempo e o Vento, de Érico Verissimo, ou através de novelas televisivas como A Casa das Sete mulheres, baseada também em obras literárias ficcionais, trazem uma imagem quase ilusória de um povo guerreiro, que em sua ocupação e posse de espaço, desenvolveu métodos de integração ao espaço, muitas vezes como forma de enfrentamento às intempéries do tempo, de sua localização, ou como forma de manter viva uma chama de sua cultura, que se enraíza com o passar dos anos através de pertencimento.

[5] O arquétipo do gaúcho representa a figura do homem livre, do cavaleiro e do guerreiro hospitaleiro, nascida nos pampas do sul da América do Sul.

Figura 2: Figura da prenda



Fonte: acervo particular da autora.[6]

O objetivo do ensaio em questão é analisar o modo com que as práticas culturais cotidianas e os rituais incorporados ao dia a dia dos integrantes do Centro de Tradições Gaúchas Ronda Charrua remetem a aspectos de hospitalidade, considerando o papel do espaço afetivo, das relações de convivência e da construção simbólica da identidade cultural gaúcha, a partir de uma abordagem etnográfica fundamentada na observação participante, assim como a utilização de uma prática etnográfica. Analisar, por meio da etnografia, como as práticas e eventos abordados no CTG contribuem para a construção de um espaço considerado afetivo e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre seus membros e visitantes.

Os objetivos específicos se configuram por:

a) identificar e descrever as práticas, gestos e rituais cotidianos presentes nos grupos culturais, em específico no CTG Ronda Charrua, que podem ser compreendidos como manifestações e que tendem a ser hospitaleiras;

[6] Imagem da autora no Festival Internacional de La Pátria Gaúcha, realizado em Tacuarembó, no Uruguai.

b) compreender como a hospitalidade se expressa para além dos eventos formais, manifestando-se no cotidiano, nas relações interpessoais e nas dinâmicas de convivência do tradicionalismo gaúcho;
c) analisar o papel do espaço — físico, simbólico e afetivo — na construção das experiências vivenciadas no contexto do CTG, e de que forma esses grupos culturais mantêm sua dinâmica de convivência.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esta dissertação, concebida também como um ensaio de caráter reflexivo, fundamenta-se na análise de conceitos centrais relacionados à cultura, ao espaço, à hospitalidade e à etnografia. A articulação entre essas categorias teóricas revela-se essencial para compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos, o território e as práticas culturais que configuram a identidade local. Nesse sentido, a abordagem antropológica mostrou-se indispensável no decorrer do trabalho desenvolvido e de estudos preliminares, uma vez que evidenciou a necessidade de desenvolver uma pesquisa voltada não apenas à análise bibliográfica, mas também à compreensão das experiências humanas, das memórias coletivas e das formas de pertencimento construídas no cotidiano, na convivência e na prática cultural.

A presente pesquisa assume um caráter ensaístico, pois busca construir uma reflexão sobre as relações entre cultura, hospitalidade e espaço afetivo, considerando não apenas os conceitos teóricos que envolvem esses temas, mas também as experiências e relações observadas no contexto do tradicionalismo gaúcho. Essa escolha parte da compreensão de que o fenômeno estudado não pode ser entendido somente por meio de descrições, sendo necessário olhar para os significados, as vivências e as relações que se estabelecem entre as pessoas e o espaço que compartilham.

Nesse sentido, Meneghetti (2011) compreende o ensaio como uma forma de construção do conhecimento que valoriza a reflexão e a interpretação, permitindo ao pesquisador estabelecer relações entre diferentes ideias e perspectivas. Essa maneira de pensar a pesquisa possibilita um olhar mais aberto sobre o objeto de estudo, dando espaço para questionamentos, interpretações e novas compreensões.

Assim, o caráter ensaístico está na possibilidade de refletir sobre essas experiências e compreender os sentidos que surgem das relações cotidianas. Mais do que apresentar uma descrição das práticas tradicionalistas, o propósito é pensar como essas práticas, juntamente

com os vínculos de hospitalidade e convivência, contribuem para atribuir significados ao espaço e transformá-lo em um lugar de afetividade, memória e pertencimento.

A identidade, o espaço vivido e a cultura local constituem elementos fundamentais para a compreensão da percepção afetiva que os indivíduos desenvolvem em relação ao território. Essa relação transcende a dimensão física do espaço, envolvendo aspectos simbólicos, históricos e sociais que fortalecem o sentimento de pertencimento e de responsabilidade pela preservação do patrimônio cultural. Nesse campo de discussão, destaca-se a contribuição de Paul Claval, geógrafo francês reconhecido por seus estudos sobre a Geografia Cultural e as relações entre sociedade, cultura e espaço. Sua produção teórica permite compreender que o espaço não é constituído apenas por características físicas e geográficas, mas também pelos valores, pelas representações e pelas práticas culturais desenvolvidas pelos grupos sociais. Conforme destaca Claval (2007), a cultura representa um conjunto de práticas, valores e representações que mediam a relação entre o ser humano e o ambiente em que vive, constituindo-se como um elemento estruturador das sociedades.

Segundo Claval (2007), a cultura manifesta-se por meio de diferentes critérios fundamentais. O primeiro deles refere-se à mediação entre o homem e a natureza, evidenciando que toda sociedade transforma o espaço a partir de suas necessidades, conhecimentos e práticas culturais. No contexto do Rio Grande do Sul, essa relação pode ser observada na formação histórica do território, marcada pelos processos de imigração, miscigenação e ocupação, fatores que contribuíram para a constituição da identidade regional.

Outro aspecto destacado pelo autor diz respeito à herança cultural, compreendida como resultado de um processo contínuo de comunicação entre as gerações. Sob essa perspectiva, as manifestações do tradicionalismo gaúcho constituem importantes mecanismos de preservação dos costumes, das crenças e das práticas sociais. A hospitalidade, por sua vez, também pode ser compreendida como expressão dessa herança, na medida em que representa um valor cultural reproduzido nas relações cotidianas e incorporado ao imaginário coletivo da população. Claval (2007) ressalta ainda que a cultura permite aos indivíduos e aos grupos projetarem-se para o futuro. Essa característica evidencia a importância das instituições culturais, dos grupos folclóricos e das organizações comunitárias responsáveis pela manutenção das tradições locais. Ao preservar rituais, festividades, danças, músicas e demais manifestações culturais, esses grupos contribuem não apenas para a conservação da memória coletiva, mas também para a renovação das práticas culturais diante das transformações sociais.

Outro elemento relevante refere-se ao fato de que a cultura é construída e transmitida por meio da linguagem, dos discursos e das representações simbólicas. Nesse contexto,

expressões linguísticas regionais, narrativas orais, poesias, lendas, cantigas e demais manifestações artísticas desempenham papel significativo na consolidação da identidade cultural, permitindo que valores, saberes e experiências sejam compartilhados entre diferentes gerações.[7]

Outro elemento relevante refere-se ao fato de que a cultura é construída e transmitida por meio da linguagem, dos discursos e das representações simbólicas. Nesse contexto, expressões linguísticas regionais, narrativas orais, poesias, lendas, cantigas e demais manifestações artísticas desempenham papel significativo na consolidação da identidade cultural, permitindo que valores, saberes e experiências sejam compartilhados entre diferentes gerações. Essa discussão aproxima-se dos estudos de Stuart Hall (1932–2014), teórico cultural jamaicano-britânico e uma das principais referências dos Estudos Culturais. Sua produção intelectual dedicou-se, entre outros temas, à compreensão das identidades, das representações e das transformações culturais na sociedade contemporânea. Em sua obra A identidade cultural na pós-modernidade, Hall (2006) questiona a ideia de uma identidade única, fixa e permanente, defendendo que os sujeitos constroem suas identidades a partir das relações sociais, dos contextos históricos e das representações culturais com as quais se identificam.

Como observa Hall (2006), as identidades culturais não são estáticas, mas continuamente construídas e reconstruídas nas relações sociais e nos processos históricos. Essa compreensão contribui para pensar a identidade gaúcha não como uma característica determinada exclusivamente pelo nascimento ou pela origem territorial, mas como uma identificação que também se desenvolve por meio das experiências, da convivência e da participação nas manifestações culturais. No contexto desta pesquisa, essa perspectiva permite compreender como os integrantes do CTG Ronda Charrua constroem e reafirmam seus vínculos com o tradicionalismo a partir das práticas compartilhadas no cotidiano.

Além disso, a cultura constitui importante fator de diferenciação social. As características próprias de cada comunidade resultam da interação entre fatores históricos, econômicos, geográficos e sociais que, ao longo do tempo, produzem formas específicas de organização e expressão cultural. Nesse sentido, a regionalização desempenha papel decisivo na constituição das singularidades que distinguem determinado grupo social dos demais.

Por fim, Claval (2007) destaca a paisagem como objeto privilegiado da Geografia Cultural, entendendo-a como expressão material das marcas deixadas pela ação humana sobre

[7] A importância com que a preservação das tradições se dá, muitas vezes, pela passagem de práticas entre gerações, mostra a deficiência das gerações mais jovens em manter as tradições e perpetuar as práticas no dia a dia, mostrando a importância de valorizar, nesse contexto, os jovens tradicionalistas.

o território. A paisagem, portanto, ultrapassa sua dimensão física, constituindo-se como registro das práticas culturais, das relações sociais e da memória coletiva de uma comunidade.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Santos (2006), importante geógrafo brasileiro cuja produção intelectual teve como uma de suas principais preocupações compreender a organização do espaço geográfico e suas relações com a sociedade. Para o autor, o espaço deve ser analisado a partir das ações humanas, dos processos históricos e das transformações sociais que nele acontecem. Em A natureza do espaço, Santos (2006) apresenta uma compreensão do espaço como resultado da relação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, demonstrando que a dimensão material e as práticas sociais são indissociáveis.

Dessa forma, a cultura pode ser compreendida como um sistema de valores, crenças, símbolos e práticas compartilhadas que orientam as ações de determinado grupo social. É por meio dessas manifestações que se consolidam identidades culturais, fortalecem-se os vínculos de pertencimento e preservam-se os elementos que conferem singularidade às comunidades. Sendo assim, compreender a cultura significa compreender também as formas pelas quais os indivíduos atribuem significado aos espaços que ocupam, às relações que estabelecem e às tradições que buscam preservar e transmitir às futuras gerações.

2.1 A FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Esta autora, gaúcha, nascida na cidade de Uruguaiana, na fronteira com a Argentina e o Uruguai, e atualmente moradora da cidade de Caxias do Sul, também possui uma trajetória pessoal vinculada ao movimento tradicionalista desde a infância. Por esse motivo, suas próprias vivências e experiências passam a integrar a reflexão desenvolvida nesta dissertação, não como substituição à investigação científica, mas como parte de uma aproximação biográfica e etnográfica com o objeto estudado.

Ao longo de sua trajetória, a pesquisadora também vivenciou diferentes momentos de aproximação e distanciamento dos Centros de Tradições Gaúchas e do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Durante um período de aproximadamente oito anos, manteve-se mais afastada dessas entidades, período em que concluiu sua graduação e pós-graduação. Esse afastamento possibilitou, posteriormente, um retorno ao tradicionalismo acompanhado de novos questionamentos e de um olhar mais atento às relações sociais, culturais e afetivas que se estabelecem nesses espaços. Assim, a experiência pessoal passa a contribuir para a compreensão do fenômeno estudado, especialmente no que se refere à hospitalidade e aos vínculos construídos entre os sujeitos.

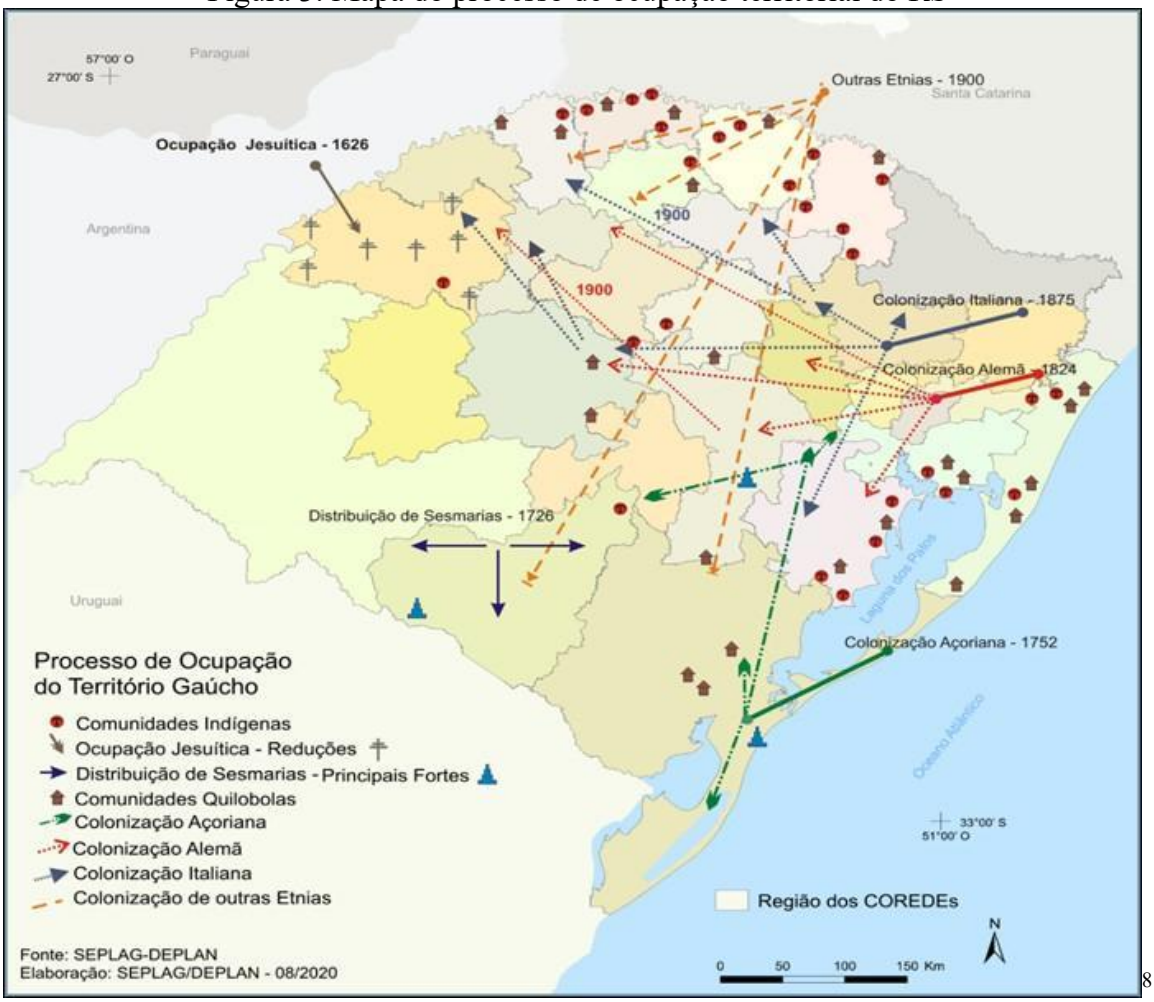
Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, ao longo da história, ocorreram diversas etapas de ocupação do território do Rio Grande do Sul (Figura 3). A partir de 1626, surgiram as primeiras reduções jesuíticas, como uma iniciativa de povoamento organizado, que foi essencial para o início da colonização. Entretanto, não se pode desconsiderar a presença dos povos originários que já habitavam esse território. Por volta de 1640, os jesuítas atravessaram o rio Uruguai e adentraram o território argentino e, cerca de quatro décadas depois, retornaram ao atual território brasileiro e reorganizaram a estrutura comunitária dos Sete Povos das Missões. Esses espaços organizados se caracterizaram como importantes centros econômicos, formando-se em torno da produção de erva-mate, da extração de couro e da criação de gado e seus derivados. Nos séculos seguintes, ocorreu uma redistribuição populacional e cultural ao longo da ocupação territorial rio-grandense. Ao sul, os municípios de porte médio retêm parte significativa da população, com propriedades rurais distribuídas em seu entorno, formando uma rede urbana mais dispersa. Ao norte do Rio Grande do Sul, observa-se maior concentração populacional e uma rede urbana mais concentrada, relacionada também à distribuição das propriedades e à estrutura de ocupação territorial.

O Rio Grande do Sul, localizado ao sul do Brasil, é reconhecido por sua identidade característica e, muitas vezes, caricata, marcada por diversas manifestações culturais e tendências que frequentemente estabelecem relações com abordagens hospitaleiras, o que demanda análises profundas e sensíveis. Esta autora, gaúcha, nascida na cidade de Uruguaiana, na fronteira com a Argentina e o Uruguai, e atualmente moradora da cidade de Caxias do Sul, além de membro do movimento tradicionalista desde a infância, torna-se uma espécie de objeto de estudo, no qual vivências e experiências também serão inseridas como base biográfica etnográfica, reunindo um apanhado de anos a serem analisados, e que são complementares à teoria da hospitalidade como um dos focos dessa dissertação. Como tradicionalista, mantive certa distância dos Centros de Tradições Gaúchas e do MTG durante um período de 8 anos, em que concluí minha graduação e pós-graduação.

Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, ao longo da história, ocorreram diversas etapas de ocupação do território do Rio Grande do Sul (Figura 3). A partir de 1626, surgiram as primeiras reduções jesuíticas, como uma iniciativa de povoamento organizado, que foi essencial para o início da colonização, porém, não se pode desconsiderar os povos originários do espaço, os indígenas. Por volta de 1640, os jesuítas atravessaram o rio Uruguai e adentraram o território argentino, e cerca de quatro décadas depois, retornaram ao Brasil e reorganizaram a estrutura comunitária dos Sete Povos das Missões. Esses espaços organizados se caracterizaram como importantes centros econômicos, formando-se em torno

da produção de erva-mate, da extração de couro e da criação de gado e seus atributos, que hoje sabemos serem as principais atividades econômicas e as maiores fontes de renda dessa região. Ocorreu, então, nos séculos seguintes, uma redistribuição populacional e cultural ao longo da ocupação territorial rio-grandense. Ao Sul, os municípios de porte médio retêm a maior parte da população, onde, ao redor, temos as propriedades rurais, gerando, assim, uma rede urbana mais distribuída. Ao norte do Rio Grande do Sul, temos uma maior concentração populacional e uma rede urbana mais concentrada, já que a distribuição de propriedades contribui para uma estrutura mais fragmentada.

Figura 3: Mapa do processo de ocupação territorial do RS



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2020, p. 1).

A formação histórica do Rio Grande do Sul está diretamente relacionada ao processo de expansão marítima europeia e às disputas territoriais entre as coroas portuguesa e espanhola durante o período colonial. As primeiras expedições ao litoral sul-americano, realizadas entre

[8] Mapa que demonstra os processos de imigração e da predominância da região.

1501 e 1530, possibilitaram o reconhecimento da costa meridional pelos navegadores ibéricos, inserindo a região nos projetos de ocupação e exploração das potências coloniais. Para compreender esse processo, destaca-se a contribuição de Sandra Jatahy Pesavento, historiadora brasileira reconhecida por seus estudos sobre a história do Rio Grande do Sul, especialmente no que se refere à formação social, política e econômica do estado. Sua produção permite compreender a constituição do território gaúcho para além de uma sequência de acontecimentos históricos, considerando também os conflitos, as relações de poder e as transformações sociais que participaram desse processo. Nesse sentido, suas análises contribuem para contextualizar a formação regional e compreender como os diferentes momentos históricos influenciaram a construção da identidade sul-rio-grandense (Pesavento, 2002).

Antes da chegada dos europeus, o território era ocupado por diferentes povos indígenas, entre os quais se destacam os Guarani, Kaingang e Charrua. Esses grupos possuíam formas próprias de organização social, sistemas produtivos, conhecimentos ambientais e expressões culturais que desempenharam papel fundamental na formação histórica da região. Conforme destaca Pesavento (2002), a presença indígena constitui elemento essencial para compreender a construção da identidade regional, uma vez que diversos aspectos de seus modos de vida foram incorporados às práticas culturais desenvolvidas posteriormente no território gaúcho.

A partir de 1626, a implantação das primeiras reduções jesuíticas constituiu uma das mais relevantes experiências de organização social, econômica e territorial da América Meridional. Organizadas pela Companhia de Jesus em conjunto com os povos guaranis, as reduções tinham como finalidade a evangelização, a produção agrícola, a criação de animais e o desenvolvimento de atividades artesanais. Nesse contexto, Arno Alvarez Kern, arqueólogo e historiador brasileiro, destaca-se por suas pesquisas sobre a arqueologia histórica e a experiência missioneira no sul do Brasil. Seus estudos contribuem para compreender as reduções jesuíticas como espaços de organização social, econômica e cultural, nos quais ocorreram processos de interação entre os povos indígenas e os representantes das missões europeias. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre a importância histórica das Missões Jesuíticas e seus reflexos na formação cultural do território rio-grandense (Kern, 1982).

Entre 1682 e 1707, consolidaram-se os Sete Povos das Missões, considerados um dos principais núcleos de ocupação do noroeste do atual território rio-grandense. Nesses povoados desenvolveu-se uma cultura marcada pela integração entre elementos europeus e indígenas, cuja influência permanece presente no patrimônio histórico, artístico e cultural do estado. As Ruínas de São Miguel Arcanjo, reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio Mundial desde

1983, representam um dos principais símbolos da memória missioneira e da herança jesuítico-guarani.

A assinatura do Tratado de Madri, em 1750, redefiniu os limites territoriais entre Portugal e Espanha na América Meridional ao adotar o princípio do *uti possidetis*, segundo o qual a posse efetiva do território passava a prevalecer como critério de delimitação das fronteiras. A aplicação desse tratado determinou a transferência dos Sete Povos das Missões para o domínio português, desencadeando intensos conflitos entre as populações indígenas e as autoridades coloniais (Pesavento, 2002).

Como consequência das determinações estabelecidas pelo Tratado de Madri, ocorreu a Guerra Guaranítica (1753-1756), caracterizada pela resistência dos povos guaranis à transferência compulsória de suas terras. Nesse contexto, destacou-se a liderança de Sepé Tiaraju, cuja atuação tornou-se um dos principais símbolos da resistência indígena diante do processo de expansão colonial portuguesa e espanhola. Sua trajetória passou a integrar o imaginário histórico do Rio Grande do Sul, sendo frequentemente associada à luta pela defesa do território e da autonomia dos povos originários (Kern, 1982).

Paralelamente aos conflitos fronteiriços, a Coroa Portuguesa incentivou a imigração de famílias açorianas entre 1752 e o final do século XVIII, promovendo sua instalação principalmente no litoral e na região central da então Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. A presença açoriana foi decisiva para a consolidação da ocupação permanente do território, contribuindo para o desenvolvimento da agricultura, da pesca, da religiosidade popular, da arquitetura, da culinária e das festividades tradicionais, elementos que permanecem presentes na cultura regional (Pesavento, 2002).

No final do século XVIII, a expansão da pecuária extensiva consolidou-se como a principal atividade econômica da região. O estabelecimento das grandes estâncias favoreceu o surgimento de um modo de vida fortemente vinculado ao trabalho campeiro, à criação de gado e ao domínio das técnicas equestres. Nesse contexto, formou-se a figura do gaúcho, personagem historicamente associado ao manejo do cavalo, ao consumo do chimarrão, às lidas rurais e aos valores de liberdade e coragem, que posteriormente seriam apropriados como símbolos da identidade cultural sul-rio-grandense (Lessa, 1985; Fagundes, 1980).

O Tratado de Santo Ildefonso, firmado em 1777, promoveu nova redefinição das fronteiras entre os domínios português e espanhol. Embora os conflitos territoriais tenham persistido nas décadas seguintes, o acordo reforçou a importância estratégica da região sul, favorecendo a circulação de pessoas, mercadorias e práticas culturais nas áreas de fronteira,

aspecto que contribuiu para a formação de uma identidade regional marcada pela interação entre diferentes povos (Pesavento, 2002).

Em 1801, a conquista definitiva dos Sete Povos das Missões pelas tropas portuguesas ampliou significativamente o território sob domínio lusitano, consolidando bases fundamentais para a configuração territorial do futuro estado do Rio Grande do Sul. Esse processo fortaleceu a integração política, econômica e militar da região ao Império Português e, posteriormente, ao Estado brasileiro (Love, 1975).

Em 1821, a antiga Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul foi elevada à condição de província, consolidando sua inserção administrativa no processo de formação do Estado brasileiro. Poucos anos depois, em 1824, iniciou-se a imigração alemã com a fundação da Colônia de São Leopoldo. Os imigrantes introduziram novas técnicas de agricultura familiar, formas de associativismo comunitário, práticas artesanais e modelos arquitetônicos que contribuíram significativamente para a diversificação econômica, social e cultural do estado. Conforme Roche (1969), geógrafo francês que desenvolveu estudos sobre a imigração e a organização territorial do Rio Grande do Sul, é importante para compreender as transformações provocadas pela colonização europeia na estrutura econômica e social do estado. Em seus estudos, o autor analisa a formação das colônias e as mudanças relacionadas à agricultura, à ocupação territorial e à organização das comunidades de imigrantes. Sua abordagem permite observar como esses processos contribuíram para a diversidade cultural e para a configuração de diferentes formas de organização social no território gaúcho. A Figura 4 permite observar a representação de um ideal eurocêntrico e luso-brasileiro na construção da identidade gaúcha, marcado pela valorização da figura do desbravador e do colonizador europeu. Entretanto, historiadores e pesquisadores destacam que a pintura evidencia a ausência do negro e de outros grupos étnicos enquanto sujeitos fundamentais no processo de formação do estado. Essa representação reforça uma perspectiva histórica oficial e elitista, predominante na década de 1950, que privilegiava a contribuição europeia em detrimento da diversidade étnica e cultural que também constituiu a sociedade gaúcha.

Figura 4: Quadro localizado no Palácio Piratini: a formação do Rio Grande do Sul, de Aldo Locatelli



Fonte: https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/formacao-do-rio-grande-do-sul. Acesso em 24/07/2026.

2.2 O GAÚCHO, O MITO E A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES NO RIO GRANDE DO SUL

A compreensão da identidade cultural parte do entendimento de que as identidades não são elementos fixos ou naturais, mas construções históricas e sociais que continuam a ser reproduzidas e reinterpretadas pelos atores[9] em seus meios de convívio. Stuart Hall foi um importante pesquisador dos estudos culturais, dedicando boa parte de seus trabalhos à compreensão da identidade, da cultura e das transformações sociais. Nascido na Jamaica e

[9] Atores, personagens, personas. Refere-se aos participantes analisados na pesquisa, ou a qualquer pessoa que se encaixe no cotidiano analisado.

radicado na Inglaterra, desenvolveu reflexões que ajudam a entender como as identidades são construídas a partir das experiências, das relações sociais e do contexto em que os indivíduos estão inseridos. Em sua obra A identidade cultural na pós-modernidade, Hall (2006) apresenta a identidade como algo que não permanece igual ao longo do tempo, mas que se transforma conforme as vivências e as relações estabelecidas pelos sujeitos. Essa compreensão contribui para pensar a identidade gaúcha não como algo pronto ou imutável, mas como uma construção que continua sendo vivenciada e ressignificada por aqueles que compartilham dessa cultura.

Em se falando do estado do Rio Grande do Sul, a formação da identidade regional esteve diretamente associada às interações entre diferentes grupos étnicos e culturais e aos diversos processos de ocupação territorial. A construção da sociedade sul-rio-grandense ocorreu a partir da posse territorial indígena, da colonização portuguesa e espanhola, da contribuição da população africana escravizada e, posteriormente, da chegada de grupos imigratórios vindos da Europa, especialmente alemães, italianos, poloneses e demais grupos. Essas relações produziram um intenso processo de mistura cultural, no qual costumes, práticas sociais, crenças e formas de socializar foram incorporados e ressignificados ao longo da história do povo pertencente a esse local.

Segundo Oliven (1996), a construção da identidade gaúcha não pode ser compreendida somente como resultado de uma herança cultural única e homogênea, mas como fruto de um processo de seleção e valorização de determinados elementos históricos e culturais que passaram a representar simbolicamente o conjunto da sociedade rio-grandense. Nesse processo, a figura do gaúcho consolidou-se como uma espécie de identidade-síntese da região, reunindo valores associados à coragem, à liberdade, ao trabalho campeiro, à honra e ao apego à terra. Essa construção foi fortalecida tanto por iniciativas institucionais quanto por práticas culturais cotidianas que contribuíram para a difusão e legitimação desse imaginário coletivo.

João Simões Lopes Neto ocupa um lugar de destaque entre os principais autores que mais contribuíram para a construção e referência da imagem do gaúcho como um dos símbolos da identidade sul-rio-grandense. João Simões Lopes Neto foi um escritor pelotense que se destacou por retratar, em suas obras, os costumes, a linguagem e o cotidiano do homem do campo no Rio Grande do Sul. Sua produção literária tornou-se uma das principais referências para a compreensão do imaginário regional gaúcho, especialmente por apresentar personagens e situações que valorizam as relações sociais, os hábitos e os modos de vida de seu tempo. Em suas narrativas, o autor não apenas descreve o ambiente rural, mas também contribui para construir uma imagem do gaúcho que, posteriormente, passa a ser reconhecida como parte da identidade regional. Por isso, sua obra é importante para compreender como a literatura também

participou da construção e da valorização de determinados símbolos da cultura gaúcha. Ao narrar o dia a dia de habitantes do meio rural, o autor não apenas registrou aspectos da vida social de sua época, mas também participou ativamente da elaboração de um imaginário coletivo sobre o que significa ser gaúcho (Lopes Neto, 2013). Em sua obra *Contos Gauchescos*, publicada originalmente em 1912, Simões Lopes Neto apresenta personagens profundamente vinculados ao universo das estâncias e da pecuária, evidenciando costumes, valores e formas de sociabilidade que marcaram a formação histórica do Rio Grande do Sul. Por meio dessas histórias, o autor valoriza elementos considerados centrais na cultura regional, como a habilidade no manejo dos cavalos, a destreza nas lidas rurais, a coragem diante das adversidades e a lealdade às relações de amizade e companheirismo (Lopes Neto, 2013).

A representação do gaúcho construída por Simões Lopes Neto enfatiza atributos como bravura, honra, honestidade e espírito de liberdade. Essas características, frequentemente associadas aos homens da fronteira sul, são apresentadas como qualidades que distinguem o gaúcho e ajudam a definir sua identidade. Entretanto, essa representação não corresponde simplesmente a um retrato fiel da realidade histórica. Trata-se também de um processo de seleção e valorização de determinados aspectos culturais, no qual algumas experiências são destacadas e transformadas em símbolos capazes de representar um grupo social mais amplo. Dessa forma, a literatura atua como um importante mecanismo de produção de signos[10], contribuindo para a formação de identidades coletivas e para a construção de memórias compartilhadas (Hall, 2006).

Essa análise referente à formação do estado é essencial para contextualizar parte imprescindível desse ensaio: a forma como o espaço físico dialoga com o espaço afetivo, e os valores simbólicos a eles atribuídos.

Pesavento (2002) demonstra que a figura do gaúcho foi sendo construída ao longo do tempo como um símbolo regional capaz de expressar valores, sentimentos de pertencimento e referências compartilhadas pela população rio-grandense. Dessa forma, a identidade não é compreendida como uma realidade objetiva, mas como uma representação social produzida historicamente e constantemente reinterpretada pelos diferentes grupos sociais. Conforme destaca Pesavento (2002), a literatura regional desempenha um papel muito importante e significativo na construção das memórias coletivas, pois oferece representações capazes de reforçar sentimentos de pertencimento e identificação social. Muitas das características

[10] O tal mito ao qual me refiro, corresponde a uma imagem ilusória do que é a figura do gaúcho, o que ele representa e a forma como é retratado. Muitas vezes essa descrição é utópica e não corresponde à realidade.

atribuídas ao gaúcho pelo movimento tradicionalista encontram respaldo nas imagens e valores difundidos por sua obra. Dessa forma, seus textos passaram a funcionar como referências culturais que ajudaram a legitimar determinadas interpretações sobre o passado regional e sobre os elementos considerados autênticos da cultura gaúcha. Dessa perspectiva, a figura do gaúcho deve ser compreendida como uma construção histórica e simbólica produzido por diferentes figuras sociais, entre elas, escritores, intelectuais, historiadores, instituições culturais e movimentos tradicionalistas. A identidade gaúcha não surgiu de forma natural, mas foi sendo elaborada ao longo do tempo por meio de processos de ocupação territorial, relações de fronteira, intercâmbios culturais, conflitos sociais e formulações simbólicas (Oliven, 2006).

Ribeiro (2015) interpreta o gaúcho como resultado de uma grande mistura de raças e crenças, ocorrida nas regiões de fronteira do sul da América. Segundo o autor, a formação da população rio-grandense envolveu a interação entre indígenas, portugueses, espanhóis e africanos, dando origem a uma cultura singular e única, marcada pela adaptação às condições geográficas, econômicas e sociais do espaço físico e afetivo. Para Ribeiro (2015), o gaúcho integra aquilo que denomina de “povos novos”, grupos humanos formados a partir da miscigenação de diferentes povos étnicos e culturais durante o processo de colonização. Assim, contribui para desconstruir interpretações que atribuem a identidade gaúcha exclusivamente à herança europeia, evidenciando seu caráter híbrido, mestiço e historicamente construído.

Complementando essa abordagem, Oliven (1992) argumenta que a identidade gaúcha deve ser entendida como uma construção cultural permanentemente recriada. O autor mostra que os elementos considerados representativos da cultura regional não correspondem necessariamente fielmente à experiência histórica do Rio Grande do Sul, mas resultam de processos de seleção, valorização e ressignificação de determinados símbolos e tradições. Segundo Oliven (1992), o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) desempenhou papel fundamental nesse processo ao eleger determinadas práticas, costumes e narrativas históricas como representações legítimas da cultura regional. Dessa forma, a figura do gaúcho passou a ser associada a valores como bravura, honra, hospitalidade e apego à terra, constituindo uma imagem ilusória, tornando-se assim um dos mais importantes símbolos de identidade do estado.

Golin (2004) questiona as interpretações romantizadas muitas vezes associadas ao gaúcho e à sua figura utópica. Para o autor, a identidade gaúcha resulta de diversas disputas políticas, sociais e ideológicas ocorridas ao longo da história desse estado em questão e de seu espaço físico. Golin (2004) argumenta que muitos dos elementos exaltados pelo tradicionalismo foram selecionados e reinterpretados para atender a determinados projetos de construção identitária. Assim, a imagem do gaúcho heroico, guerreiro e fiel à sua pátria, tende a ocultar a

diversidade social e cultural existente no Rio Grande do Sul, bem como os conflitos que marcaram sua formação histórica. Sua contribuição é fundamental para problematizar narrativas que transformam a identidade regional em um conjunto de características consideradas naturais ou imutáveis. Não se pode afirmar essa teoria, pois são tradições inventadas para servir a propósitos, ou políticos ou ideais. Na Figura 5, pode-se ver um par de dançarinos do CTG Ronda Charrua, em uma apresentação dos anos 2000, representando um casal com trajes precários, primitivos e em farrapos.

Figura 5: Peão e prenda representando casal primitivo em dança tradicional



Fonte: acervo particular concedido à autora.[11]

Fagundes (1980) estudou as manifestações culturais do Rio Grande do Sul, como costumes, hábitos e tradições, demonstrando que essas práticas desempenham papel fundamental na construção da memória coletiva e na preservação da cultura regional. Para Lessa (1954), o gaúcho não é apenas um indivíduo que vive no campo, mas um tipo cultural caracterizado por valores como coragem, solidariedade e respeito às tradições. Em sua obra O Sentido e o Valor do Tradicionalismo, Lessa (1954) afirma que a tradição é essencial para a

[11] Imagem dos anos 2000, acervo particular de integrante da invernada Veterana do CTG Ronda Charrua.

transmissão de valores e costumes às gerações futuras. Segundo Lessa (1954), o processo de modernização pode enfraquecer os vínculos culturais e comunitários, tornando a preservação das tradições um elemento fundamental para fortalecer a coesão social e a memória coletiva. Nessa perspectiva, o gaúcho representa um símbolo de valores como coragem, solidariedade e respeito às tradições.

Além disso, Lessa (1954) define o tradicionalismo como um movimento cultural voltado à preservação e à transmissão das heranças culturais do Rio Grande do Sul. Para o autor, o objetivo não consiste em reproduzir um passado idealizado, mas em manter vivos os valores e as práticas culturais que orientam a vida social no presente. As contribuições de Fagundes (1985) e Lessa (1954) demonstram que a identidade gaúcha é complexa e resulta de processos históricos, sociais e culturais. Nessa perspectiva, o gaúcho não constitui uma herança fixa ou exclusivamente europeia, mas uma construção histórica marcada pela mestiçagem e pela produção de imaginários sociais. O autor argumenta que a tradição funciona como um mecanismo de transmissão da cultura e de integração dos indivíduos ao grupo social.

Côrtes (1968) compreende o gaúcho como resultado de uma cultura popular viva, construída no cotidiano das estâncias e das relações sociais do interior do estado. Por meio de pesquisas de campo, dedicou-se ao registro e à preservação de manifestações culturais que se encontravam em processo de desaparecimento. Segundo Côrtes (1968), o tradicionalismo constitui um movimento de valorização e divulgação da cultura regional. Sua atuação destacou-se pela pesquisa empírica e pelo registro de manifestações culturais consideradas relevantes, buscando evitar que essas práticas fossem esquecidas em um contexto de crescente urbanização.

2.2.1 Desmistificando o gauchismo

O gauchismo constitui uma das expressões culturais mais significativas do Rio Grande do Sul, estando relacionado às diferentes formas de representar, valorizar e vivenciar a identidade gaúcha. Entretanto, para compreender esse fenômeno, é necessário considerar que a figura do gaúcho, tal como é reconhecida atualmente, não corresponde apenas à reprodução de um personagem histórico ou de um modo de vida existente no passado. Trata-se também de uma construção cultural que foi sendo elaborada ao longo do tempo, por meio da literatura, das manifestações populares, dos movimentos tradicionalistas e de diferentes práticas sociais. Nesse sentido, as contribuições de Ceres Karam Brum (2009) e Jocelito Zalla (2010) permitem compreender o gauchismo a partir de suas dimensões culturais, históricas e identitárias.

Ao refletir sobre o gauchismo como uma expressão da cultura popular do Rio Grande do Sul, Brum (2009) demonstra que a figura do gaúcho vem sendo utilizada como símbolo regional desde o final do século XIX. Esse processo ganhou força a partir da produção de uma literatura regionalista que contribuiu para construir e valorizar determinadas características associadas ao personagem. A autora observa que essa representação também recebeu influências da literatura nacionalista uruguaia e argentina, demonstrando que a construção simbólica do gaúcho não ocorreu de maneira isolada, mas esteve relacionada a um contexto cultural mais amplo, compartilhado entre territórios do sul da América.

Com o passar do tempo, essa imagem ultrapassou os limites da literatura e passou a integrar diferentes manifestações culturais, alcançando maior popularidade com a expansão dos movimentos tradicionalistas. A partir desse processo, elementos associados ao universo gaúcho, como as danças, as músicas, as poesias, a culinária, a linguagem e a indumentária, passaram a ocupar um espaço importante na afirmação da identidade regional. Essas manifestações procuram trazer para o presente referências de um modo de vida associado ao passado, atribuindo novos significados a práticas e símbolos que passam a representar a cultura gaúcha (BRUM, 2009).

Um aspecto importante da reflexão de Brum está na compreensão de que o gauchismo não se restringe ao estudo histórico da figura do gaúcho, mas envolve manifestações que utilizam essa representação como referência para produzir identificação e pertencimento. Nesse ponto, a autora recupera a definição de Maria Eunice Maciel (1994), segundo a qual o gauchismo reúne diversas manifestações culturais que têm o gaúcho como referência e investem nessa representação, alimentando sentimentos de pertencimento. A diferença está no fato de que essas manifestações não procuram apenas conhecer ou descrever o gaúcho historicamente, mas também celebrar suas tradições por meio da vivência e da representação de sua imagem. Essa distinção ajuda a compreender por que o gauchismo está presente em diferentes espaços da sociedade, envolvendo pessoas que encontram nessas práticas uma maneira de expressar sua identificação com a cultura regional.

A partir dessa compreensão, torna-se importante diferenciar gauchismo e tradicionalismo, uma vez que os conceitos estão relacionados, mas não possuem o mesmo significado. Brum (2009) apresenta o tradicionalismo como uma manifestação organizada do gauchismo, constituída por atividades e instituições que procuram celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida, conforme as interpretações construídas sobre esse passado. Os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), nesse contexto, representam espaços de organização e vivência dessas práticas, nos quais a cultura regional é expressa por meio de atividades artísticas,

culturais e sociais. Dessa forma, o tradicionalismo pode ser compreendido como uma das maneiras pelas quais o gauchismo se manifesta e se organiza socialmente.

A autora também chama a atenção para o fato de que essas manifestações envolvem disputas simbólicas em torno da interpretação da figura do gaúcho. Isso significa que diferentes sujeitos e grupos participam da construção daquilo que passa a ser reconhecido como representativo da identidade regional. Nesse processo, determinadas práticas, valores e costumes recebem maior destaque, enquanto outras experiências culturais podem acabar ocupando posições menos visíveis. A busca por uma representação considerada autêntica do gaúcho, portanto, também envolve a definição de quais elementos devem ser preservados e transmitidos como parte da tradição. Assim, a identidade gaúcha não deve ser entendida como algo único, homogêneo ou definitivo, mas como resultado de diferentes interpretações e formas de participação cultural (BRUM, 2009).

Essa discussão ganha maior profundidade quando Brum aborda a relação entre o tradicionalismo e a educação. A partir de trabalhos de campo realizados em escolas e em espaços tradicionalistas, a autora analisa como ocorre a formação dos sujeitos que participam desse universo cultural. Sua pesquisa demonstra que a transmissão da tradição não acontece apenas pelo contato com informações históricas, mas também pela participação em atividades, pela convivência e pelo aprendizado de práticas que envolvem valores e representações da identidade gaúcha. Nesse sentido, os CTGs e as instituições de ensino aparecem como espaços importantes na circulação e na reprodução dessas referências culturais. A autora também observa que a indústria cultural contribui para ampliar a divulgação da imagem do gaúcho, fazendo com que ela alcance diferentes públicos e espaços sociais (BRUM, 2009).

Outro ponto relevante apresentado pela pesquisadora está relacionado à dimensão afetiva do gauchismo. A participação em atividades tradicionalistas pode produzir vínculos de amizade, convivência, reconhecimento e pertencimento, fazendo com que esses espaços sejam percebidos por seus integrantes como ambientes de identificação coletiva. Portanto, a permanência dessas manifestações não depende exclusivamente da intenção de preservar costumes antigos, mas também dos significados que as pessoas atribuem a elas em suas experiências cotidianas. A tradição, nesse sentido, permanece presente porque é vivenciada, compartilhada e constantemente atualizada pelos sujeitos que participam dessas práticas.

Enquanto Brum contribui para compreender como o gauchismo se manifesta e produz identificação na sociedade, Jocelito Zalla (2010) oferece uma perspectiva histórica importante para analisar a construção da figura do gaúcho e a organização do movimento tradicionalista. Em seu estudo, intitulado A política do mito: debate e apropriação na elaboração do projeto

tradicionalista gaúcho de Luiz Carlos Barbosa Lessa, o autor investiga a elaboração de um dos principais fundamentos teóricos do Movimento Tradicionalista Gaúcho: a tese O Sentido e o Valor do Tradicionalismo, escrita por Luiz Carlos Barbosa Lessa e apresentada no I Congresso Tradicionalista Gaúcho, realizado em Santa Maria, em 1954.

A análise de Zalla demonstra que a figura do gaúcho, transformada em símbolo da identidade regional, foi construída ao longo de diferentes momentos históricos, especialmente por meio da literatura regionalista. Escritores e intelectuais participaram desse processo, atribuindo ao personagem características e significados que ultrapassaram sua existência histórica. Assim, o gaúcho passou a representar não somente um sujeito associado à vida rural e às atividades campeiras, mas também um conjunto de valores e referências culturais utilizados na construção de uma identidade coletiva. O autor destaca que essa representação não permaneceu estática, pois foi constantemente reinterpretada conforme os diferentes contextos políticos, culturais e literários do Rio Grande do Sul (ZALLA, 2010).

Essa perspectiva permite compreender que a imagem do gaúcho não surgiu pronta, tampouco permaneceu a mesma ao longo dos anos. Sua construção envolveu diferentes interpretações sobre a história regional, que foram sendo incorporadas às narrativas literárias e aos discursos de valorização da cultura sul-rio-grandense. Zalla (2010) demonstra, inclusive, que a tradição literária regionalista romântica teve papel importante nesse processo, contribuindo para transformar a figura do gaúcho em um símbolo capaz de representar uma identidade regional. Dessa maneira, o personagem histórico passou a assumir também uma dimensão simbólica, sendo utilizado para expressar ideias de pertencimento, diferenciação regional e continuidade cultural.

Ao analisar a elaboração do projeto tradicionalista de Barbosa Lessa, Zalla (2010) também evidencia que o movimento foi resultado de debates e preocupações que envolviam os próprios participantes do tradicionalismo. A organização desse projeto não se limitava à realização de atividades culturais, pois existia também uma preocupação em estabelecer objetivos e fundamentos que justificassem a importância do movimento para a sociedade gaúcha. Nesse contexto, a tese apresentada por Barbosa Lessa em 1954 procurou oferecer uma fundamentação para o tradicionalismo, articulando referências sociológicas e discussões sobre a identidade regional. Zalla procura, justamente, ampliar a compreensão desse documento, demonstrando que sua elaboração não pode ser explicada apenas pela influência das teorias da Escola de Chicago, mas precisa ser relacionada aos debates internos do movimento e às disputas intelectuais sobre a representação do gaúcho.

Outro aspecto importante do estudo está na compreensão de que o tradicionalismo se desenvolveu em meio a diferentes interesses e interpretações sobre o papel da cultura regional. Ao recuperar correspondências e debates entre os primeiros participantes do movimento, Zalla demonstra que havia preocupações que ultrapassavam a preservação de manifestações culturais. Alguns de seus integrantes defendiam que o tradicionalismo também deveria assumir uma atuação social mais ampla, envolvendo questões relacionadas às condições de vida do homem do campo e aos problemas contemporâneos do Estado. Essa discussão revela que o movimento não possuía uma única interpretação sobre seus objetivos e que sua organização foi marcada por diferentes expectativas em relação ao significado e à função da tradição na sociedade gaúcha (ZALLA, 2010).

A contribuição de Zalla torna-se especialmente relevante ao demonstrar que a tradição não deve ser compreendida como uma reprodução integral e inalterada do passado. As representações culturais são construídas a partir de escolhas, apropriações e interpretações realizadas em determinados contextos históricos. No caso do tradicionalismo gaúcho, elementos associados à literatura regionalista e à memória do passado foram retomados e reorganizados para fundamentar um projeto cultural no presente. Isso permite perceber que aquilo que é reconhecido como tradição também resulta de processos de construção e valorização simbólica, nos quais determinados elementos passam a representar a identidade de um grupo ou de uma região.

Dessa forma, as reflexões de Brum (2009) e Zalla (2010) se complementam ao possibilitar uma compreensão mais ampla do gauchismo. Enquanto Zalla contribui para identificar os processos históricos e intelectuais que participaram da construção da figura do gaúcho e da organização do tradicionalismo, Brum permite observar como essas representações são divulgadas, vivenciadas e transmitidas na sociedade. A aproximação entre os dois autores demonstra que o gauchismo não pode ser compreendido somente como um movimento de preservação de costumes, tampouco como uma representação isolada do passado. Ele envolve processos de construção identitária que articulam memória, cultura, tradição e pertencimento.

Nesse sentido, compreende-se o gauchismo como um fenômeno cultural e identitário que reúne diferentes manifestações e representações relacionadas à figura do gaúcho, sendo constantemente atualizado pelas práticas e experiências dos sujeitos que dele participam. Seus significados não se encontram limitados a uma única forma de expressão, pois podem estar presentes tanto em manifestações tradicionalistas organizadas quanto em outras práticas culturais que valorizam referências regionais. Assim, mais do que representar uma identidade pronta e acabada, o gauchismo participa de um processo contínuo de construção e

reconhecimento da identidade gaúcha, no qual o passado é retomado e ressignificado de acordo com as experiências e os contextos do presente.

2.2.2 O MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

A história do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) é resultado de um processo gradual de valorização da cultura, da memória e das tradições do Rio Grande do Sul. Embora a fundação oficial do MTG tenha ocorrido em 1966, suas origens remontam ao final do século XIX, quando surgiram as primeiras iniciativas organizadas de preservação da identidade regional (Lessa, 1985; Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2023).

Um dos marcos importantes da história do MTG foi a fundação do Grêmio Gaúcho, em 22 de maio de 1898, em Porto Alegre. Essa entidade é considerada uma das primeiras a se dedicar à valorização das tradições rio-grandenses. Outro marco importante foi a criação do Clube Farroupilha, em 19 de outubro de 1943, na cidade de Ijuí, que fortaleceu a preservação dos costumes e valores culturais gaúchos (Lessa, 1985).

Em setembro de 1947, um grupo de estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, liderado por João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, Luiz Carlos Barbosa Lessa e outros jovens, organizou a Ronda Gaúcha. Esse evento simbolizou uma retomada consciente dos costumes regionais, valorizando símbolos, práticas e manifestações culturais que, até então, encontravam-se pouco difundidas entre as novas gerações (Paixão Côrtes; Lessa, 1968).

Em 24 de abril de 1948, foi fundado o 35º Centro de Tradições Gaúchas, considerado o primeiro CTG oficialmente constituído no Estado. A criação dessa entidade marcou o início da organização institucional do tradicionalismo gaúcho e serviu de modelo para inúmeras associações que surgiriam posteriormente (35º Centro de Tradições Gaúchas, 2023).

O crescimento do movimento exigiu uma organização cada vez mais estruturada. Em 1954, realizou-se o I Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Santa Maria, que reuniu representantes de diversas entidades para discutir princípios, normas e objetivos comuns. Em 1959, durante o VI Congresso Tradicionalista Gaúcho, realizado em Cachoeira do Sul, foi criado o Conselho Coordenador, que passou a exercer papel fundamental na articulação entre as entidades tradicionalistas (Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2023).

Em julho de 1961, durante o VIII Congresso Tradicionalista, realizado em Taquara, foi aprovada a Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho, documento que permanece como referência filosófica e normativa para o movimento. A Carta estabelece os objetivos

fundamentais do tradicionalismo, orientando suas ações em defesa da cultura regional (Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2023).

A consolidação jurídica do movimento ocorreu em 28 de outubro de 1966, durante o XII Congresso Tradicionalista Gaúcho, realizado em Tramandaí, quando foi oficialmente criada a entidade denominada Movimento Tradicionalista Gaúcho. A partir desse momento, o tradicionalismo passou a contar com personalidade jurídica própria e uma estrutura federativa capaz de coordenar as diversas entidades espalhadas pelo Estado (Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2023).

Nas décadas seguintes, o MTG experimentou um intenso processo de expansão. Foram criadas as Regiões Tradicionalistas, ampliou-se significativamente o número de Centros de Tradições Gaúchas e consolidaram-se importantes eventos culturais, artísticos e campeiros. Essas iniciativas fortaleceram o tradicionalismo como um dos maiores movimentos culturais organizados da América Latina, contribuindo para a preservação do patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul e para a difusão da identidade gaúcha dentro e fora do Estado (Oliven, 2006; Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2023).

Atualmente, o Movimento Tradicionalista Gaúcho congrega cerca de 1.700 entidades tradicionalistas, distribuídas em 30 Regiões Tradicionalistas, promovendo atividades voltadas à preservação da cultura, da história, do folclore e dos costumes do povo gaúcho. O MTG desempenha papel central na manutenção da identidade cultural rio-grandense, articulando ações educativas, artísticas, campeiras e sociais que reforçam a continuidade das tradições entre diferentes gerações (Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2023).

Quadro 1: Levantamento da quantidade de CTG's cadastrados no MTG/RS

(continua)

Levantamento dos Centros de tradições Gaúchas (CTGs) no Rio Grande do Sul – através das REGIÕES TRADICIONALISTAS			
RT	**Nº de municípios**	**Características da RT**	**QTD. de CTGs Ativos**
1ª	11	Abrange a capital, Porto Alegre, e região metropolitana. Destaca-se por centralizar um grande número de entidades e por sua adaptação ao tradicionalismo urbano, mantendo vivas as danças, a indumentária e a culinária gaúcha mesmo em grandes centros; Cidade polo: Porto Alegre.	111
2ª	08	Seus CTGs destacam-se pela forte atuação social, engajamento com a comunidade e pela promoção de eventos que valorizam a integração e a diversidade cultural nas entidades; Cidade polo: São Jerônimo.	39
3ª	41	Abrange 41 municípios, com sede em cidades como Santo Ângelo e São Borja, e concentra ênfase na preservação da herança indígena e jesuítica, além das lendas locais, folclore e indumentária clássica do gaúcho campeiro; Cidade polo: Santo Ângelo.	64
4ª	04	É o "berço do tradicionalismo organizado" e abrange os municípios de Alegrete, Barra do Quaraí, Quaraí e Uruguaiana. A região tem sua sede administrativa sediada em Alegrete e concentra sua força na essência da cultura fronteiriça; Cidade polo: Uruguaiana.	31
5ª	15	Sediada em Santa Cruz do Sul e Vale do Rio Pardo. Caracteriza-se pelas origens na colonização alemã, mas com uma adesão fortíssima ao tradicionalismo. É uma região historicamente voltada para os concursos de prendas, peões e grandes eventos campeiros; Cidade polo: Santa Cruz do Sul.	59
6ª	04	Suas principais características unem a forte influência da cultura de fronteira, a herança da formação da República Rio-Grandense e as peculiaridades ecológicas do Extremo Sul; Cidade polo: Rio Grande.	21
7ª	42	Sediada em Passo Fundo, abrange 42 cidades e destaca-se fortemente pela sua representatividade campeira, artística e cultural, conquistando posições de destaque nacional, como o troféu “Tronco de Ouro” no Enecamp; Cidade Polo: Passo Fundo.	111

(continuação)

8ª	16	Sediada em Vacaria, engloba Campos de Cima da Serra. A característica central desta região é a vida campeira tradicional: o frio da região serrana, a lida com o gado e as grandes cavalgadas, sendo berço do famoso Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria; Cidade polo: Vacaria.	42
9ª	22	Conhecida como "Região Lendária", destaca-se pela forte força campeira, celeiro de campeões estaduais de laço, e pela integração entre as ricas tradições missioneiras e a produção artística anual do ENART; Cidade polo: Ijuí.	67
10ª	12	Suas maiores características incluem forte força campeira, legado missioneiro. É famosa por grandes eventos e pelo tradicionalismo raiz; Cidade polo: Santiago.	124
11ª	24	A região foca fortemente na preservação dos costumes campeiros, na realização de rodeios e no fortalecimento da cultura missioneira; Cidade polo: Bento Gonçalves.	39
12ª	05	Suas principais características envolvem a forte preservação da identidade cultural, artística e campeira em uma área altamente urbanizada; Cidade polo: Canoas.	42
13ª	17	Ela é uma das mais fortes e populosas do estado, congregando cerca de 3.834 tradicionalistas ativos, e se destaca por suas fortes tradições culturais e artísticas; Cidade polo: Santa Maria.	33
14ª	26	A 14ª RT é um polo ativo em festivais e concursos do MTG, abrigando edições importantes como o FEART (Festival Artístico Regional) e eventos de nível estadual, como o ENART Mirim e Juvenil; Cidade polo: Soledade.	82
15ª	23	Suas principais características giram em torno da forte herança cultural, abrangência geográfica e fomento às tradições; Cidade polo: Montenegro.	67
16ª	09	A região destaca-se fortemente por valorizar tanto a cultura campeira de planície quanto as tradições ribeirinhas ligadas à Lagoa dos Patos; Cidade polo: Camaquã.	15
17ª	16	Suas características centram-se na preservação dos usos e costumes rurais, forte integração com a comunidade e representatividade na cultura gaúcha; Cidade polo: Palmeira das Missões.	27

(continuação)

18ª	12	É fortemente caracterizada pela cultura do gaúcho de pampa, com destaque para a lida campeira, fortes raízes históricas de fronteira e uma culinária de influência castelhana; Cidade polo: Bagé.	84
19ª	34	Suas principais características incluem a forte herança da imigração europeia (italiana e polonesa) misturada ao gaúcho campeiro, e grande destaque em concursos artísticos e culturais estaduais; Cidade polo: Erechim.	69
20ª	29	Suas principais características incluem a forte herança missioneira, o destaque em competições estaduais e o turismo rural integrado; Cidade polo: Três passos.	38
21ª	09	Conhecida pelo forte vínculo com a cultura campeira e a história farroupilha, a região destaca-se pela preservação das tradições rurais e pela expressiva participação em concursos culturais e artísticos; Cidade polo: Canguçu.	20
22ª	06	Suas entidades realizam a manutenção da Chama Crioula e promovem a integração entre a comunidade local e as escolas, mantendo vivas as danças, a declamação, a trova e a indumentária; Cidade polo: Taquara.	23
23ª	23	Seus centros (CTGs) destacam-se por unir as tradições do gaúcho de planície e litoral, mesclando a cultura campeira com as peculiaridades e festividades típicas da região costeira; Cidade polo: Osório.	95
24ª	34	Suas maiores cidades polo são Lajeado e Encantado, e a região é historicamente muito ativa em eventos artísticos (como o Enart), campeiros e na promoção da cultura gaúcha; Cidade polo: Lajeado.	65
25ª	06	Sediada em Caxias do Sul. Abrange os municípios da Serra Gaúcha, caracterizando-se pela forte influência da imigração italiana e pela pujança econômica, refletida em CTGs muito ativos em rodeios e festivais artísticos como o ENART; Cidade polo: Caxias do Sul.	115
26ª	05	A região realiza eventos classificatórios para o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART) e para a Festa Campeira do Rio Grande do Sul (FECARS), além de concursos de prendas e peões a nível regional; Cidade polo: Pelotas.	17

(conclusão)

27ª	07	Por estarem em uma das regiões mais turísticas do estado, os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) e piquetes locais frequentemente realizam grandes eventos culturais e festivais que integram o tradicionalismo com o turismo regional; Cidade polo: Gramado.	86
28ª	14	Seus CTGs destacam-se pela forte integração comunitária, preservação das lidas campeiras, festivais artísticos regionais e fomento à juventude tradicionalista na região de Frederico Westphalen; Cidade polo: Frederico Westphalen.	19
29ª	11	Suas características são fortemente marcadas pela geografia do Alto Uruguai e pela forte integração comunitária na preservação da cultura gaúcha; Cidade polo: Sananduva.	23
30ª	12	Embora preserve o padrão tradicionalista do MTG, a região é fortemente marcada pela colonização alemã (especialmente em cidades como Dois Irmãos e Santa Maria do Herval). Isso cria uma mescla cultural única entre os costumes germânicos e a lida campeira gaúcha; Cidade polo: Novo Hamburgo.	31
40ª	-	Diferente das demais regiões, que abrangem cidades específicas dentro do Rio Grande do Sul, a 40ª RT engloba todos os CTGs e entidades tradicionalistas espalhados pelo Brasil (fora do RS) e pelo exterior.	1

Fonte: desenvolvido por autora com os dados do Site oficial do MTG do RS. (https://www.mtg.org.br/)

Ao compreender que as tradições são constituídas por elementos construídos no passado e transmitidos às gerações seguintes por meio de sucessivas interpretações, Ricouer (1997, p. 38) destaca a necessidade de acrescentar "[...] uma dialética material dos conteúdos à dialética formal da distância temporal; o passado nos interroga e questiona antes que o interroguemos e o questionemos". Essa perspectiva evidencia que a relação com o passado não é passiva, mas marcada por constantes processos de interpretação e ressignificação.

Nesse contexto, o conceito de "tradição inventada" foi desenvolvido por Eric Hobsbawm na obra *A Invenção das Tradições*, publicada originalmente em 1984 e organizada em parceria com Terence Ranger (Hobsbawm; Ranger, 2006). Para os autores, as tradições inventadas consistem em um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou explicitamente aceitas que, por meio de rituais e símbolos, buscam transmitir valores, normas de comportamento e formas de pertencimento. Essas práticas se fundamentam na repetição, criando a impressão de continuidade com o passado e, sempre que possível, vinculando-se a referências históricas consideradas legítimas.

Hobsbawm e Ranger (2006) argumentam que a invenção de tradições depende da utilização de elementos oriundos do passado, mesmo quando empregados para atender a finalidades contemporâneas. Essa apropriação contribui para conferir credibilidade e legitimidade às novas práticas sociais. Segundo os autores, uma das principais funções da tradição inventada é "[...] dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente [...]" (Hobsbawm; Ranger, 2006, p. 10). Os autores também classificam as tradições inventadas em três categorias principais: a primeira engloba aquelas que promovem ou simbolizam a coesão social e o sentimento de pertencimento a grupos ou comunidades, reais ou imaginadas; a segunda refere-se às tradições que legitimam instituições, posições sociais e relações de autoridade; e a terceira compreende aquelas voltadas à socialização dos indivíduos, à transmissão de valores e à formação de padrões de comportamento.

Nesse cenário, ampliaram-se os contatos entre governantes e população, ao mesmo tempo em que a participação política dos cidadãos se tornava mais significativa. Conforme observam Hobsbawm e Ranger (2006, p. 275), a expansão da democracia e o surgimento da política de massas "[...] dominaram a invenção das tradições oficiais no período de 1870-1914". Em vários países europeus e nos Estados Unidos, já se observavam formas mais amplas de sufrágio, enquanto a ideologia liberal consolidava avanços econômicos e sociais, reduzindo gradualmente a aceitação de práticas autoritárias. É nesse contexto mais amplo que começa a se consolidar aquilo que passou a ser denominado de "tradição gaúcha", fortemente vinculada à cultura rural da Região da Campanha e à figura do gaúcho como homem livre, trabalhador, corajoso, honrado e profundamente conectado ao ambiente em que vive. Como discutido anteriormente neste trabalho, essa representação tornou-se um dos principais símbolos da identidade sul-rio-grandense.

Segundo Maciel (1994, p. 8; p. 102), o gauchismo traz um sentimento de pertencimento. Para entender o gauchismo, é preciso observar as várias manifestações que usam o gaúcho como referência e que mostram o gaúcho. O regionalismo do Sul quer, acima de qualquer exposição, cuidar das tradições. O regionalismo do Sul muitas vezes, busca de forma errônea, representar a forma fiel o modo de viver do gaúcho, o modo de pensar do gaúcho, o modo de se vestir do gaúcho e o modo de dançar do gaúcho. Os tradicionalistas protegem o culto com clareza e, ao mesmo tempo, mostram o gaúcho como uma lenda viva. Os tradicionalistas fazem isso com paixão. O gaúcho muda ao passar dos anos e o gaúcho se redescobre de novo através das pesquisas novas e dos estudos recentes.

Historicamente, o termo gaúcho até o século XVIII se apresentava com um sentido pejorativo e foi somente a partir do século XIX, que o termo passou a ser utilizado para

denominar o peão, o guerreiro e o homem da estância. Assim, o termo ‘gaúcho’ adquiriu um significado novo e positivado, quando transformado em símbolo de identidade regional do Rio Grande do Sul. A identidade do termo gaúcho apresenta a ressignificação a partir do contato com as outras culturas e, também, ao longo do contexto histórico, o que resultou na personificação que na atualidade é reconhecida do gaúcho, sendo uma pessoa que nasce no Estado do Rio Grande do Sul. Neste sentido, como uma das formas de manter a identidade gaúcha e cultuar as tradições, os Centros de Tradições Gaúchas são o destaque enquanto espaços direcionados a esse processo de ressignificação do termo gaúcho. O Movimento Tradicionalista desenvolveu a ressignificação do gaúcho baseando-se na ideia de continuidade do passado, conferindo-lhe a autenticidade e o valor da verdade aos rituais e aos elementos que compõem a tradição. No ano de 1991, a Lei nº 9.405 instituiu a data de 20 de setembro como sendo o ‘Dia do Gaúcho’ e a data passou a ser considerada feriado no Estado do Rio Grande do Sul, data comemorativa que é marcada pelos desfiles cívicos a cavalo e em carros alegóricos que reúnem tradicionalistas, escolas, Brigada Militar, dentre outros. São ilustradas as representações da evolução do trajar tradicional do gaúcho (peão) e da gaúcha (prenda) para o período de 1720 a 2016, por meio de pinturas de Vasco Machado e outros artistas que retrataram o trajar do gaúcho ao longo dos séculos, como pode-se analisar na Figura 6.

Figura 6: Evolução do trajar tradicional do gaúcho (1720-2016)



Fonte: Zattera (2016, p. 38).

A pilcha constitui um dos principais elementos simbólicos da identidade cultural gaúcha, representando mais do que um conjunto de vestimentas. Trata-se de uma indumentária carregada de significados históricos, sociais e culturais, utilizada como expressão de pertencimento ao universo tradicionalista e como elemento de preservação da memória coletiva do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, vestir a pilcha significa assumir publicamente uma identidade cultural construída ao longo do tempo e vinculada aos valores do homem e da mulher do campo.

A palavra pilcha possui origem etimológica controversa. Os estudos linguísticos indicam que o termo deriva do espanhol platino, utilizado na região do Prata (Argentina e Uruguai), onde originalmente significava "objeto de valor", "pertence pessoal", "adorno" ou mesmo "dinheiro". Com o passar do tempo, especialmente no espaço sociocultural dos pampas, o vocábulo sofreu um processo de ressignificação, passando a designar as roupas e acessórios característicos do gaúcho. Assim, o significado contemporâneo da palavra está diretamente relacionado à valorização da indumentária tradicional como patrimônio cultural. Na Figura 8, pode-se ver uma bota masculina denominada garrão de potro, e esporas estilizadas e personalizadas para uma das invernadas do CTG Ronda Charrua.

Figura 7: Garrão de potro e esporas



Fonte: acervo disponibilizado por setor cultural do CTG Ronda Charrua.

Sob a perspectiva do tradicionalismo gaúcho, a nomenclatura "pilcha" foi institucionalizada a partir da organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que, desde a segunda metade do século XX, estabeleceu normas para a utilização da indumentária em eventos culturais e oficiais. Assim, o termo deixou de designar apenas uma peça de vestuário

para representar um conjunto padronizado de roupas e acessórios que simbolizam a cultura regional e a continuidade das tradições campeiras. As Diretrizes para a Pilcha Gaúcha definem, inclusive, as características dos trajes masculinos e femininos, reafirmando sua importância como símbolo oficial da cultura tradicionalista.

Do ponto de vista antropológico, a pilcha pode ser compreendida como um marcador de identidade social. Conforme observa Lessa (1985), a indumentária tradicional expressa valores, modos de vida e formas de pertencimento, funcionando como um dos principais símbolos da cultura gaúcha. Nesse contexto, a pilcha ultrapassa sua função utilitária e assume um papel de representação coletiva, fortalecendo vínculos entre os indivíduos e preservando práticas culturais transmitidas entre gerações.

Essa compreensão também dialoga com a concepção de cultura proposta por Geertz (2015), para quem os símbolos são elementos fundamentais na construção dos significados compartilhados por uma sociedade. A pilcha, portanto, pode ser interpretada como um símbolo cultural que comunica pertencimento, tradição e identidade, sendo utilizada em festas, rodeios, desfiles, danças e cerimônias como forma de reafirmação da memória social do povo gaúcho.

Assim, a nomenclatura "pilcha" não deve ser compreendida apenas como sinônimo de roupa típica. Trata-se de um conceito cultural que reúne aspectos históricos, identitários e simbólicos, representando a materialização de uma tradição construída historicamente e continuamente ressignificada pelos sujeitos que participam do universo tradicionalista.

2.2.3 A figura do peão e da prenda por trás do mito

A construção da identidade gaúcha ultrapassa a representação do homem campeiro e da mulher tradicionalmente conhecida como prenda, sendo resultado de um processo histórico permeado por disputas simbólicas, sociais e culturais. Ao longo do século XX, especialmente com a consolidação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), essas figuras passaram a representar modelos idealizados de comportamento, tornando-se símbolos da cultura regional. Entretanto, diferentes autores demonstram que tais representações são construções históricas e não reflexos exatos da realidade vivida nas estâncias do Rio Grande do Sul.

Figura 8: Peão e prenda com trajes primitivos



Fonte: acervo particular concedido para a dissertação.

Nesse contexto, Flores (2007) destaca que a imagem do peão como homem livre, valente e igualitário foi amplamente romantizada pela historiografia tradicional e pelo imaginário coletivo. Segundo o autor, essa visão obscurece as relações de trabalho existentes na sociedade pastoril, caracterizadas por hierarquias sociais e pela exploração da mão de obra. O peão histórico encontrava-se submetido à autoridade dos grandes proprietários rurais, exercendo atividades essenciais para a economia pecuária, mas sem desfrutar da autonomia frequentemente atribuída ao gaúcho mítico. Dessa forma, a idealização do peão contribuiu para ocultar conflitos sociais e consolidar uma narrativa heroica sobre a formação do Rio Grande do Sul. Na Figura 8, uma breve ilustração de um casal, dançarinos do CTG Ronda Charrua, com trajes típicos em farrapos, cujo objetivo foi uma das apresentações da abertura do Enart 2025, onde o CTG convidou dançarinos que fizeram parte da trajetória da entidade para uma única apresentação.

Sob outra perspectiva, Pesavento (2002) argumenta que a identidade gaúcha deve ser compreendida como uma construção histórica elaborada por diferentes grupos sociais ao longo do tempo. Para a autora, a tradição não corresponde à reprodução fiel do passado, mas à seleção de elementos considerados representativos da cultura regional. Nesse processo, determinadas imagens, como a do gaúcho campeiro, foram valorizadas e transformadas em símbolos identitários, enquanto outras experiências sociais permaneceram à margem da memória oficial. Assim, a identidade regional configura-se como um fenômeno dinâmico, constantemente reinterpretado conforme os interesses e os contextos históricos. Na figura 9, alguns dos trajes expostos em uma mostra cultural realizada no galpão do CTG Ronda Charrua, trazendo a diversidade da identidade do gaúcho através dos séculos, e em como essas representações são recapituladas reinterpretadas nos estudos e pesquisas apresentadas ao MTG.

Figura 9: Exposição de trajes no CTG Ronda Charrua



Fonte: acervo disponibilizado por setor cultural do CTG Ronda Charrua.

Essa compreensão é reforçada por Oliven (2006) ao afirmar que a identidade gaúcha foi consolidada por meio da criação de símbolos compartilhados capazes de fortalecer o sentimento de pertencimento regional. Para o autor, o tradicionalismo desempenhou papel fundamental na difusão desses símbolos, transformando o gaúcho em um modelo cultural que reúne valores como coragem, honra, lealdade, hospitalidade e respeito às tradições. Embora tais valores estejam profundamente incorporados ao imaginário coletivo, Oliven ressalta que eles correspondem a uma construção simbólica que simplifica a diversidade histórica e cultural do estado.

No caso da figura feminina, a representação da prenda também resulta desse processo de construção simbólica. A mulher rural, que historicamente desempenhava funções produtivas, familiares e comunitárias nas estâncias, passou a ser representada pelo tradicionalismo como guardiã dos costumes, da moral e da cultura gaúcha. Conforme observa Brum (2009), os concursos de prendas e as práticas educativas desenvolvidas pelos Centros de Tradições Gaúchas contribuíram para institucionalizar um modelo feminino baseado na valorização da indumentária, do conhecimento histórico e do comportamento considerado adequado às tradições.

Figura 10: Imagem de peão e prenda em festival artístico, com trajes típicos



Fonte: acervo particular concedido para a dissertação.

Sendo assim, a figura ilustrativa da prenda extrapola sua dimensão histórica para assumir um papel pedagógico na preservação da identidade cultural. Sob essa perspectiva, Lamberty (1989) sistematiza os princípios do tradicionalismo ao descrever os costumes, a organização dos CTGs, a indumentária e os símbolos que compõem o universo cultural gaúcho. Sua obra evidencia como o Movimento Tradicionalista Gaúcho estruturou mecanismos destinados à transmissão das tradições entre diferentes gerações, fortalecendo a imagem do

peão e da prenda como representantes oficiais da cultura regional. Acima, na Figura 09, pode-se ver um exemplo de prenda e peão com seus trajes típicos.

Observa-se, portanto, que tanto o peão quanto a prenda constituem personagens que extrapolam sua existência histórica para assumir funções simbólicas na construção da identidade gaúcha. Se, por um lado, representam valores amplamente associados à cultura do Rio Grande do Sul, por outro refletem escolhas históricas que privilegiaram determinadas narrativas em detrimento de outras. Compreender essas figuras para além do mito permite reconhecer que identidade, tradição e cultura são processos em permanente construção, resultado das relações entre memória, poder e pertencimento. Na Figura 11, uma foto pessoal da autora em um momento no ano de 2025, com um dos trajes do elenco adulto do CTG Ronda Charrua. Esse traje faz parte de um conjunto, cuja pesquisa rendeu o troféu de Melhor Indumentária no Enart 2024, que rendeu também a premiação de campeão em Danças Tradicionais Categoria A, para o grupo adulto do ano em questão.

Figura 11: Imagem da prenda com traje de época (pesquisa histórica)



Fonte: acervo da autora.

2.3 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA EM GRUPOS CULTURAIS E A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante está na tríade de investigação antropológica, sendo eles: o trabalho documental, as entrevistas e, por fim, a observação participante aqui abordada. Na prática, nota-se que a observação participante, também chamada de observação interna, posiciona o investigador dentro do contexto social que o investigador está estudando. Quando o investigador está no campo, o investigador percebe o ritmo do dia a dia da comunidade, da instituição, da organização ou do grupo de pessoas. O antropólogo procura entender as normas, os valores, as percepções e os significados que os indivíduos dão às práticas e aos comportamentos. Na minha experiência, a observação participante mostra detalhes que ficam escondidos quando se observa de longe e a presença do investigador pode mudar o jeito como os participantes agem. Percebe-se que a presença do investigador faz o investigador pensar sobre o impacto da atuação do investigador no campo de pesquisa (Burgess, 1997).

Para que a observação participante alcance seus objetivos, é necessário que o pesquisador seja aceito pelo grupo social investigado, desenvolvendo relações de confiança que possibilitem compreender os significados atribuídos pelos próprios participantes às suas experiências. Entretanto, conforme observa Agar (1980), o pesquisador costuma ser inicialmente percebido como um estranho ou intruso, situação que pode despertar desconfiança entre os interlocutores. Em outros contextos, especialmente quando o pesquisador é mais jovem, pode ocorrer uma postura de proteção ou paternalismo por parte dos participantes. Tradicionalmente, os estudos etnográficos previam permanências prolongadas em campo, frequentemente superiores a um ano, permitindo acompanhar ciclos sociais, culturais, econômicos ou rituais. Atualmente, embora pesquisas aplicadas recorram a metodologias de avaliação rápida, reconhece-se que períodos mais extensos de convivência tendem a produzir informações mais consistentes e aprofundadas.

Figura 12: Imagem de família tradicionalista gaúcha, atualmente participantes do CTG RONDA CHARRUA



Fonte: acervo particular concedido à autora.

Malinowski (1978) estabeleceu a observação participante como método central da pesquisa antropológica. Para ele, compreender uma cultura exige observar as práticas sociais em seu contexto cotidiano, buscando apreender o "ponto de vista do nativo". Sua proposta rompeu com estudos baseados apenas em relatos de terceiros e consolidou o trabalho de campo como requisito científico. Esse método se tornou, então, a base desse ensaio reflexivo, como uma forma de integrar o pesquisador ao meio dos personagens que foram analisados.

DaMatta (1987) destaca que a observação participante exige um movimento constante entre familiaridade e estranhamento. O pesquisador deve transformar o cotidiano aparentemente conhecido em objeto de reflexão científica, revelando estruturas culturais invisíveis à observação comum. A técnica coloca o pesquisador dentro do cotidiano do grupo que o pesquisador está estudando. Assim, o pesquisador percebe como as pessoas pensam. O pesquisador também nota o que as pessoas consideram importante nas práticas das pessoas. Na antropologia, a observação não é neutra. O investigador analisa a realidade usando as teorias, as categorias, as ideias e as hipóteses que o investigador já tem. Eu percebo que A observação participante oferece informações muito ricas e detalhadas. A observação participante recolhe os dados exatamente no mesmo lugar onde os fenômenos sociais acontecem. Eu vejo que a confiabilidade dos dados depende da qualidade da observação que a gente faz. Quando a observação é boa, a confiabilidade dos dados aumenta. A confiabilidade dos dados permite que a gente compare o que os sujeitos dizem com o que os sujeitos realmente fazem. O êxito da técnica depende da formação e da experiência do investigador. O êxito da técnica também

depende do rigor metodológico do investigador e do comprometimento ético do investigador (Ventura,1999). Na prática, eu vejo que a observação participante funciona bem quando o antropólogo é aceito pelo grupo estudado. Spradley (1980) enfatiza que o pesquisador deve aprender a cultura estudada como um sistema de conhecimentos compartilhados. A observação participante envolve alternar entre participação ativa e distanciamento analítico, registrando continuamente os significados expressos pelos interlocutores.

Na experiência pessoal, percebo que o antropólogo tem que fazer laços de confiança para entender a visão interna da comunidade. Normalmente, o investigador chega como um estranho. O investigador precisa de tempo e de convivência para se integrar ao grupo. A observação participante permite ao antropólogo ver as situações como elas surgem, no seu próprio contexto natural. Para mim, isso deixa claro que a observação participante depende da confiança que o antropólogo constrói. Mas a presença do investigador pode atrapalhar a naturalidade, mudando o jeito como os participantes agem e falam. Para mim, a confiança é essencial. Na minha experiência, ficar muito tempo no campo cria relações mais naturais e abre caminho para achar informações difíceis de encontrar. Quando a gente convive no campo de forma atenta e constante, a gente entende a cultura (Ribeiro, 2004). Uma das principais vantagens da observação participante reside na possibilidade de registrar os fenômenos sociais em seu contexto natural, preservando sua espontaneidade. Apesar de a presença do pesquisador poder influenciar comportamentos ou inibir determinadas manifestações, a permanência prolongada no campo tende a minimizar tais efeitos, favorecendo o acesso a informações mais sensíveis e permitindo uma compreensão mais ampla da cultura investigada. Nesse sentido, o pesquisador constitui o principal instrumento de produção dos dados, articulando referenciais teóricos, capacidade analítica, criatividade e sensibilidade para interpretar tanto aquilo que é explicitamente dito quanto os significados implícitos presentes nas ações e interações sociais.

O investigador é a ferramenta mais importante para coletar dados. O investigador olha o contexto usando as referências que já conhece, como teorias, conceitos e até preconceitos. O investigador também usa a criatividade e a imaginação. Na minha experiência, eu vejo que o investigador tem que ficar atento ao que não aparece. Na prática, a observação participante pede empatia. A observação participante coloca o investigador no lugar da outra pessoa. A observação participante faz o investigador questionar ideias já formadas. Para mim, esse equilíbrio entre atenção e imaginação faz toda a diferença. Assim, o investigador entende o que as pessoas falam. O investigador também entende o que as pessoas deixam em silêncio. O investigador vê as práticas das pessoas. O investigador vê as percepções das pessoas que são investigadas.

Segundo Robert Burgess (1997), a observação participante tem três modelos principais. No modelo "tornar‑se nativo", o investigador aprende a agir como os membros do grupo estudado. No modelo "agente oculto", o investigador tenta ficar despercebido e, às vezes, usa uma participação escondida. No modelo "advogado", o investigador assume o papel de defensor dentro do grupo. Para mim, esses três modelos mostram como o investigador pode se posicionar de forma diferente dentro do grupo estudado.

Outro desafio da observação participante surge quando o pesquisador analisa o próprio meio social. O desafio é difícil. Quando o pesquisador olha para o próprio meio, o pesquisador tem que estranhar o que já conhece, como se fosse um estranho dentro da própria casa. É como quando o pesquisador estuda outra cultura: o objetivo é tornar familiar o que antes era estranho. Eu vejo que a antropologia visual tem grande importância hoje. A antropologia visual ajuda o pesquisador a estudar e a reinterpretar o contexto e os registros do trabalho de campo. Na minha prática, a antropologia visual funciona como uma ferramenta útil para observar, descrever e interpretar a investigação antropológica (Ribeiro, 2004). Para mim, a antropologia visual simplifica o modo como a gente observa, descreve e interpreta a investigação antropológica, tornando tudo mais claro (Ribeiro, 2004).

A investigação antropológica usa mais do que a observação participante. Ela também usa a observação panorâmica, que alguns chamam de observação global. A observação panorâmica procura ver os problemas e as características gerais da vida social de um grupo. Quando eu preciso focar num ponto específico, eu uso a observação seletiva, que também se chama observação focalizada. A observação seletiva delimita o campo e aprofunda o conhecimento sobre um fenômeno particular. Quando eu quero entender como tudo se encaixa, eu uso a observação transversal. A observação transversal olha para as organizações ou contextos em toda a sua complexidade. Segue a contribuição do usuário:

Quando é preciso acompanhar mudanças ao longo dos anos, a observação longitudinal acompanha os indivíduos. A observação longitudinal acompanha também os grupos ao longo do tempo. Na prática, o pesquisador escolhe o tipo de observação que melhor atende ao objetivo do pesquisador. O pesquisador faz a observação por um longo período de tempo determinado (Roigé I Ventura *et al*., 1999).

Durante a observação social eu olho para o espaço onde a ação social acontece. Eu olho para os objetos que estão no contexto. Eu olho para os atores que participam e para as interações que surgem. Eu descrevo a aparência física do ambiente. Eu descrevo como os objetos são usados. Eu descrevo as características dos participantes. Eu descrevo a estrutura das ações sociais, incluindo os movimentos, as conversas e as interações. Assim, eu consigo

entender melhor a situação. Na minha prática, a observação exige atenção a alguns princípios simples:

a) primeiro, a observação usa todos os sentidos para ver os fenômenos sociais ao redor;
b) segundo, a observação anota tudo o que foi visto, sem deixar nada de fora;
c) terceiro, a observação separa o que realmente foi percebido das interpretações pessoais;
d) quarto, a observação não faz suposições que possam mudar o que foi visto;
e) quinto, a observação descreve os comportamentos e os contextos de forma clara e precisa, para que outras pessoas entendam. Sexto, a observação coloca os dados em ordem cronológica e ajuda a analisar. Sétimo, a observação tem que proteger a privacidade dos participantes. Por fim, a observação tem que evitar juízos de valor e descrições ambíguas.

Uma das escolhas foi usar registos fotográficos e diários de campo neste trabalho porque acredito que o registro fotográfico oferece uma visão mais direta da pesquisa. O diário de campo funciona como um registro regular e constante da observação participante. No diário de campo eu registro as experiências do investigador ao interagir com os sujeitos estudados. Concluo através de anotações, trazendo o que os sujeitos dizem, o que os sujeitos fazem e o que os sujeitos pensam (Jorba, 2000).

Além dos aspectos metodológicos, a observação participante envolve procedimentos sistemáticos de registro das informações produzidas em campo. Entre os principais instrumentos, destacam-se o diário de campo, a descrição etnográfica e o relatório etnográfico. Para organizar adequadamente a observação, recomenda-se definir previamente os objetivos da investigação, estabelecer categorias orientadoras e decidir se o trabalho será desenvolvido individualmente ou em equipe. Durante o trabalho de campo, diversos elementos devem ser registrados de forma sistemática. Entre eles destacam-se a caracterização do espaço onde ocorre a ação, a descrição dos objetos presentes e de seus usos, a identificação dos participantes, considerando aspectos como gênero, idade, vestimenta e deslocamentos, além da descrição detalhada das ações sociais, contemplando sua duração, sequência, interações, conversas e utilização dos objetos presentes no contexto observado.

2.4 HOSPITALIDADE E CULTURA

Cultura, hospitalidade e identidade constituem os pilares centrais desta pesquisa, que parte de uma experiência vivenciada no espaço do CTG Ronda Charrua para compreender como as relações sociais são construídas e fortalecidas por meio das práticas culturais. A escolha desse ambiente não ocorre apenas por sua relevância para a preservação das tradições gaúchas, mas também porque ele representa um espaço privilegiado de convivência, pertencimento e construção de vínculos sociais. Nesse contexto, compreender a hospitalidade exige ultrapassar uma visão limitada ao ato de receber alguém, reconhecendo-a como um fenômeno complexo que envolve valores, símbolos, memórias e práticas cotidianas compartilhadas pelos sujeitos.

Ao abordar cultura, identidade e hospitalidade, torna-se evidente que esses conceitos não possuem definições únicas ou universais. Ao contrário, são construções históricas e sociais que assumem significados distintos conforme o contexto em que estão inseridos. Conforme afirma Geertz (2015), a cultura deve ser compreendida como um sistema de significados compartilhados, produzido e constantemente reinterpretado pelos indivíduos em suas relações sociais. Assim, as manifestações culturais presentes nos Centros de Tradições Gaúchas ultrapassam a dimensão do espetáculo ou da preservação folclórica, tornando-se espaços nos quais valores, símbolos e formas de sociabilidade são continuamente produzidos e transmitidos entre as gerações.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva apresentada por Hall (2006), para quem a identidade não constitui uma essência fixa ou imutável, mas um processo permanente de construção. As identidades são produzidas pelas relações sociais, pelas experiências vividas e pelas representações culturais que conferem sentido ao pertencimento de determinado grupo. Nesse sentido, a identidade gaúcha não pode ser entendida apenas como herança histórica, mas como uma construção cotidiana, alimentada pelas práticas culturais, pelas narrativas compartilhadas e pelos rituais que reforçam os sentimentos de pertencimento coletivo. Mesmo que não exista um senso comum sobre a hospitalidade, a hospitalidade aparece quando recebemos alguém bem. Esse ato cria um espaço na imaginação que chamamos de “nossa casa”. A “nossa casa” é um lugar que pertence a quem recebe.

Farias (2018) traz o seguinte questionamento: a hospitalidade pode ser um fenômeno cultural? A gente vê práticas e ritos culturais que, quando são feitos, acolhem o outro de forma indireta. Mas o fundamento da hospitalidade vai além das práticas culturais. Não dá para dizer que a hospitalidade é característica de um lugar. O que faz a hospitalidade aparecer no lugar são as práticas e as ações que permeiam o espaço. A hospitalidade pode ser observada nas práticas em meio de ritos, costumes, tradições, linguagens e formas de acolhimento nas mais diversas culturas. Cada cultura cria métodos próprios de receber o outro e de fazer a ponte de

relação entre anfitrião e hóspede. Entretanto, o autor procura ir além da análise antropológica ou histórica, questionando se a hospitalidade é apenas um fenômeno cultural ou se ela antecede a própria cultura.

Segundo Farias (2018), a cultura oferece a chance de falar em nome das hospitalidades que a cultura cria junto? A cultura diz que todas as pessoas são estrangeiras nesta terra. A cultura diz que todas as pessoas são viajantes. As pessoas não criam raízes onde passam. Em uma perspectiva inspirada em Levinas, Farias sugere que a relação com o outro é anterior às instituições, normas e tradições culturais. Antes mesmo de existir uma cultura organizada, existe a necessidade de responder à presença do outro. A hospitalidade seria, portanto, uma condição possível para a convivência humana e para a formação dos próprios vínculos culturais.

Essa compreensão dialoga com Camargo (2004), que entende a hospitalidade como um fenômeno relacional, fundamentado na troca, na reciprocidade e na construção de vínculos entre as pessoas. Para o autor, receber alguém significa muito mais do que oferecer abrigo ou alimento; trata-se de criar condições para que o outro se sinta reconhecido e pertencente ao espaço que ocupa. Sob essa perspectiva, a hospitalidade manifesta-se tanto em ambientes privados quanto em espaços coletivos, constituindo-se como elemento essencial para a formação das relações sociais.

Silva (2000) afirma que a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A hospitalidade está nessa construção como prática do dia a dia e como valor importante nas narrativas de identidade. O matear, que é compartilhar chimarrão, o receber bem com churrasco e o acolhimento nas festas religiosas ou nas festas da comunidade são rituais. Esses rituais mantêm viva a identidade cultural gaúcha por meio da hospitalidade.

No contexto do Rio Grande do Sul, essas práticas assumem importância singular, pois funcionam como mecanismos de transmissão da memória coletiva. O compartilhamento do chimarrão, por exemplo, representa mais do que um hábito alimentar; trata-se de um ritual de aproximação que estabelece igualdade entre os participantes, fortalece os laços sociais e simboliza confiança mútua. Da mesma forma, o churrasco coletivo, os bailes, as rodas de conversa e as atividades desenvolvidas nos Centros de Tradições Gaúchas constituem espaços privilegiados de interação, nos quais a hospitalidade se materializa por meio da convivência e do acolhimento. Essas práticas podem ser compreendidas também à luz da teoria da dádiva de Mauss (2025), segundo a qual os vínculos sociais são fortalecidos pelas ações de dar, receber e retribuir. Nas manifestações culturais gaúchas, o oferecimento do chimarrão, da comida, da

música e da convivência constitui uma forma simbólica de estabelecer relações de reciprocidade que ultrapassam interesses individuais, contribuindo para a coesão do grupo e para o fortalecimento da identidade coletiva.

A hospitalidade, como um conceito que cobre várias áreas, é um campo de estudo que cresce e muda o tempo todo. Eu vejo que a hospitalidade tem muitos livros e permite usar métodos diferentes, o que a torna flexível. A hospitalidade faz a hospitalidade conversar com a antropologia, a sociologia, a arquitetura e os estudos culturais. A hospitalidade pode ser usada para analisar as práticas tradicionais e as experiências da comunidade. Nessa perspectiva interdisciplinar, Baptista (2008) ressalta que a hospitalidade constitui uma ética da relação com o outro, sendo responsável pela criação de ambientes capazes de promover reconhecimento, respeito e convivência. Essa abordagem amplia significativamente o campo de estudos da hospitalidade, permitindo compreendê-la não apenas como prática social, mas como elemento estruturante das relações humanas e da construção das identidades culturais.

Ao considerar o CTG como espaço, físico ou afetivo, observa-se que ele ultrapassa sua função de preservação das tradições e rituais que remetam à hospitalidade. Ele se transforma em um lugar de encontro, aprendizagem e fortalecimento dos vínculos comunitários, onde valores como respeito, solidariedade, pertencimento e acolhimento são continuamente reafirmados. Dessa forma, a hospitalidade revela-se como um importante mediador entre cultura e identidade, permitindo compreender como os sujeitos constroem sentidos para sua experiência coletiva e preservam o patrimônio cultural por meio das relações sociais estabelecidas em seu cotidiano. Na minha experiência, a identidade virou um mistério com o tempo, porque a pessoa muda a forma como sente que pertence ao mundo, e a sociedade também muda. A tradição surge como resposta que encontramos no passado para uma pergunta que fazemos hoje – como vivia o gaúcho do passado e como podemos representar esse gaúcho? Essa pergunta aparece no dia a dia para os tradicionalistas. Ricoeur (2010, p. 400) diz que a tradição nasce de uma troca entre o passado que a gente interpreta e o presente que interpreta. Assim, o passado é reconhecido por uma leitura discriminatória e a tradição é instituída pela visão que se tem dele. Figura 13, mostra a concentração do elenco adulto do CTG Ronda Charrua no Sarau de Arte Gaúcha 2025, um dos rodeios artísticos mais clássicos do Rio Grande do Sul se tratando de danças tradicionais gaúchas.

Figura 13: Elenco adulto do CTG Ronda Charrua



Fonte: acervo particular da autora.

3 CTG RONDA CHARRUA, UMA ANÁLISE ATRAVÉS DOS TEMPOS: METODOLOGIA E DIRETRIZES

O Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Ronda Charrua ocupa um lugar de grande importância na história do tradicionalismo gaúcho. Reconhecido como a primeira entidade tradicionalista fundada na região colonial italiana e em todo o Nordeste do Rio Grande do Sul, o CTG representa um marco na preservação da cultura, dos costumes e das tradições do povo gaúcho. Sua fundação ocorreu em 28 de maio de 1953, em um período em que o movimento tradicionalista começava a ganhar força no estado, impulsionado pelo desejo de valorizar as raízes culturais e fortalecer a identidade regional.

A criação do CTG Ronda Charrua foi resultado da iniciativa de um grupo de pessoas que compartilhava o ideal de manter vivas as tradições gaúchas para as futuras gerações. Entre os fundadores destacam-se Benito José Fattori, Ângelo Venzon Neto, Genaro Rodrigues e Wilson Capsi, que, com entusiasmo e dedicação, deram início a uma trajetória marcada pelo compromisso com a cultura regional. O projeto contou ainda com o apoio do então prefeito municipal, Jaime Romeo Rossler, cujo incentivo foi importante para a consolidação da nova entidade (Charrua, 2025).

A fundação do CTG é lembrada como um momento carregado de simbolismo e emoção. Conforme registrado por Benito José Fattori, na tarde do dia 28 de maio de 1953 os idealizadores reuniram-se para oficializar a criação da entidade. Enquanto era redigida a primeira ata, o tradicional chimarrão circulava entre os presentes, fortalecendo o espírito de amizade e companheirismo que caracteriza o povo gaúcho. O vento minuano soprava pelos cantos do galpão, reforçando o cenário típico do final do outono e tornando aquele encontro ainda mais representativo da cultura que desejavam preservar. Para os participantes, aquele momento significava muito mais do que a criação de uma associação; representava o nascimento de um espaço destinado a manter vivas as tradições, os valores e a identidade do Rio Grande do Sul.

Na época de sua fundação, o CTG Ronda Charrua passou a ser o primeiro Centro de Tradições Gaúchas da região colonial italiana e de todo o Nordeste do Estado, fato que evidencia sua relevância histórica dentro do movimento tradicionalista gaúcho. Sua criação serviu de inspiração para o surgimento de outras entidades tradicionalistas na região, contribuindo significativamente para a expansão e fortalecimento do tradicionalismo em diversos municípios.

A primeira sede do CTG funcionou nas dependências do antigo Turista Hotel, localizado na esquina das ruas Júlio de Castilhos e Independência. Nos fundos do terreno existia um galpão que rapidamente se transformou no principal espaço de convivência dos integrantes. Era nesse ambiente que aconteciam os ensaios das invernadas, reuniões administrativas, apresentações de música, declamações de poesia e diversos encontros que promoviam a integração entre os associados e incentivavam a valorização da cultura gaúcha.

Desde seus primeiros anos de funcionamento, o CTG buscou organizar suas atividades de maneira estruturada. Para isso, os estatutos da entidade foram elaborados tomando como base os regulamentos do 35 CTG, considerado uma das principais referências do movimento tradicionalista. Entretanto, Benito José Fattori realizou adaptações que melhor atendiam às necessidades e à realidade da comunidade local, permitindo que o Ronda Charrua desenvolvesse uma identidade própria sem deixar de preservar os princípios fundamentais do tradicionalismo (Charrua, 2025).

A primeira patronagem foi formada por pessoas que assumiram diferentes responsabilidades para garantir o funcionamento da entidade. A liderança ficou sob a responsabilidade de Ângelo Venzon Neto (Figura 14), que exerceu a função de patrão. Genaro Rodrigues assumiu o cargo de tesoureiro, sendo responsável pela administração financeira da entidade. Benito José Fattori desempenhou a função de secretário, registrando os

acontecimentos e organizando a documentação oficial do CTG. Já Osari Varisco foi escolhido como peão, representando a juventude e participando ativamente das atividades desenvolvidas pelo grupo.

Ao longo de sua história, o CTG Ronda Charrua consolidou-se como uma importante instituição cultural, desempenhando um papel fundamental na preservação das tradições gaúchas em Caxias do Sul e em toda a região. Além de promover bailes, rodeios, festivais artísticos, concursos de prendas e peões, apresentações de danças tradicionais e eventos culturais, a entidade tornou-se um espaço de convivência entre diferentes gerações. Crianças, jovens e adultos encontram no CTG a oportunidade de conhecer, praticar e transmitir costumes como o chimarrão, a música nativista, as danças tradicionais, a gastronomia típica e os valores de respeito, amizade e amor pela cultura gaúcha.

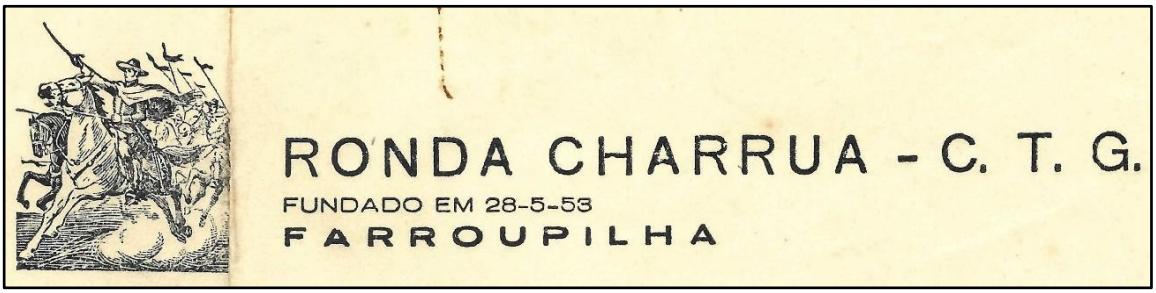
Figura 14: Patrão Ângelo Venzon Neto



Fonte: acervo do departamento cultural do CTG Ronda Charrua.

A entidade está localizada em Farroupilha, Serra Gaúcha, pertence à 25ª Região Tradicionalista e tem atuação no Rio Grande do Sul e em diversos países da América Latina, participando de festivais de folclore nacionais e internacionais. Atualmente, o CTG Ronda Charrua continua sendo uma referência no movimento tradicionalista do Rio Grande do Sul. Sua trajetória demonstra que preservar a cultura é também preservar a memória de um povo. Mais de sete décadas após sua fundação, a entidade permanece fiel aos ideais de seus fundadores, mantendo viva a história, fortalecendo os laços com a comunidade e contribuindo para que as tradições gaúchas continuem sendo valorizadas pelas novas gerações (Charrua, 2025).

Figura 15: Brasão original do CTG Ronda Charrua



Fonte: acervo do Departamento Cultural do CTG Ronda Charrua.

Figura 16: Brasão atual do CTG Ronda Charrua



Fonte: acervo do Departamento Cultural do CTG Ronda Charrua.

Nas Figuras 15 e 16, pode-se ver a sequência do primeiro brasão desenvolvido para a entidade, e o brasão atual e estilizado, com algumas alterações ao longo dos anos. As 3 estrelas representam os anos em que a invernada adulta foi campeã do Enart. O CTG Ronda Charrua, que teve como nome a união da peça de arar a terra utilizada pelos imigrantes italianos – a charrua – com a ideia de estar sempre de Ronda – prontos para vigiar as coisas do Rio Grande, por isso o lema escolhido “Pelo Rio Grande: o Rodeio das Tradições”, o Patrono não poderia ser outro o Heroi de dois mundos: Giuseppe Garibaldi. Nas reuniões, realizadas no Turista Hotel, tomavam chimarrão, faziam poesias e declamavam, fumavam crioulo em palha (Charrua, 2025). [12]

[12] Material disponibilizado pelo CTG Ronda Charrua em seu portfólio cultural desenvolvido no ano de 2025. Autorizado o uso dos dados pela patronagem atual e pelo setor cultural atual.

Já as Figuras 17 e 18, mostram algumas das invernadas que trouxeram um pouco da essência do Ronda, que por anos se denominou como “os senhores da guerra”, alusão às representações de coreografias e trajes sobre as guerras passadas no Rio Grande do Sul, em suas batalhas mais sangrentas.

Figura 17: Invernada adulta anos 2000



Fonte: acervo particular concedido à autora.

Figura 18: Invernada adulta - Enart 2001



Fonte: acervo particular concedido à autora.

3.1 A ENTIDADE E SEUS PROCESSOS CULTURAIS

Turner (1974) analisa eventos culturais como espaços de produção simbólica. Festas, celebrações e manifestações folclóricas funcionam como momentos em que os grupos reforçam identidades coletivas e produzem experiências compartilhadas. O Centro de Tradições Gaúchas Ronda Charrua, por manter uma maioria de membros, acaba proporcionando diversos eventos, essencialmente para arrecadação de fundos para as invernadas e para o CTG em si. Os festivais são parte essencial nesse meio, sendo o Enart um dos mais conceituados nos dias atuais, e o Festxirú ganhando destaque ao longo dos anos por abranger toda uma "velha guarda" (Figura 19) de tempos passados e Enarts mais grandiosos do que os atuais.

Figura 19: Enart 2015



Fonte: acervo do Departamento Cultural do CTG Ronda Charrua. Estampa da Tradição.

No ano de 2000, a invernada novamente ousou e ficou popular por sua audácia e inovação nas coreografias. No ENART (Encontro de Artes e Tradição Gaúcha), em Santa Cruz do Sul, apresentou um trabalho inovador: levou a história das guerras encenada com dança. Os dançarinos tiraram as botas e usaram apenas garrões nos pés; as prendas abandonaram sapatilhas e vestidos luxuosos para dançar descalças, com vestidos esfarrapados. Levantaram o público e conquistaram admiradores por todo o Rio Grande do Sul. Na mesma década, o grupo conquistou diversos prêmios de coreografias de entrada e retirada, mantendo-se firme em busca de novos horizontes. O CTG Ronda Charrua, ao longo de sua história, serviu e serve de

inspiração para outras entidades, não só pela ousadia, inovação e coragem, mas pelo trabalho sério, comprometido e com o objetivo principal de fomentar a cultura gaúcha, levando aos palcos a história viva de nosso estado. [13]

Um CTG possui diversos setores, tal qual uma empresa. Possui um setor artístico, um setor campeiro, um setor cultural, que trabalham sempre com propósitos para promover a entidade como um todo. O setor artístico desse CTG é reconhecido no estado, não apenas por suas invernadas amplamente competitivas nos festivais estaduais, como também por seu setor cultural, responsável por peões e prendas regionais e até mesmo estaduais ao longo dos anos.

Cada entidade trabalha de forma particular, com suas regras próprias, seus horários de funcionamento e suas individualidades.

Quadro 2: Diário de campo evento 01

(continua)

DATA	**06/09/2025**
EVENTO OBSERVADO	Baile de Candeeiro (evento realizado pela Invernada Veterana);
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Bailongo, característico pelo clima mais intimista e também pelas músicas que fazem parte da ocasião. Ocorreu um show com o cantor Pirisca Grecco, e, após, o bailongo com músicas tradicionais gaúchas. Pode-se notar muitos integrantes das invernadas do CTG. Luzes de candeeiros iluminaram o salão principal do CTG Ronda Charrua;
PARTICIPANTES ENVOLVIDOS	Na organização do evento, promovido pela invernada Veterana do CTG Ronda Charrua, foram envolvidos todos os membros da invernada e também alguns membros da patronagem atual. Mas no baile em questão, pode-se observar membros de outros CTGs, convidados no geral e músicos regionais;
INTERAÇÕES OBSERVADAS	As mesas foram distribuídas através das vendas dos ingressos, formando pequenos grupos nos quais se resumiam as interações. Próximo ao palco, pode-se observar pequenas mesas, mais próximas aos músicos principais;
PRÁTICAS OBSERVADAS	Além do show com o cantor contratado, ocorreram também sorteios de brindes através de rifas oferecidas aos convidados; foi escolhido também o melhor chuleador do salão através de uma pequena competição de chula, e foi escolhida também a melhor pilcha da noite;

[13] Material disponibilizado no portfólio do CTG.

(conclusão)

REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Como membro da invernada veterana, que promoveu o evento, posso afirmar que foi uma noite com muitos significados, pois muitos simbolismos do tradicionalismo foram observados. A autora, cujas atividades foram dos preparativos até atividades mais intensas no evento, pode constatar a importância de eventos assim, para a comunidade tradicionalista como um todo, assim como para a entidade. A arrecadação de lucros foi totalmente direcionada na participação do grupo no FestXiru, realizado em dezembro do ano de 2025, contando com todo o apoio da entidade e das invernadas em questão.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Como integrante do grupo que promoveu o evento, tive uma versatilidade em participar da organização, assim como experenciar o evento em questão próximo aos convidados, enquanto cuidava de algumas vendas. A magnitude e o número de experiências que situações assim proporcionam, geram riqueza inestimável para esse tipo de registro etnográfico. As interações, tanto do grupo quanto das pessoas que presenciaram esse Baile de Candeeiro, tornam o foco da pesquisa mais absoluto, pois onde há interações tão abrangentes, há também histórias a serem contadas. A Figura 20, mostra a Invernada Veterana reunida antes do evento. Os integrantes pilchados trabalharam diretamente com o público, enquanto os uniformizados trabalharam nos bastidores.

Figura 20: Invernada Veterana do CTG Ronda Charrua no Baile de Candeeiro



Fonte: acervo particular da autora.

O Baile de Candeeiro, promovido pela invernada veterana do CTG Ronda Charrua, constituiu em uma estrutura intimista e ambiente que lembrasse de bailes a moda antiga, onde a iluminação era proporcionada por candeeiros. O show da noite ficou a cargo do artista nativista Pirisca Grecco. A invernada utilizou do evento para promover sua receptividade perante a comunidade, e também angariar fundos para o FestXirú 2025. Acima, na figura 20, a invernada veterana reunida antes do evento em questão. Na figura 21, um candeeiro ilustra o cerne do evento.

Figura 21: Detalhe de candeeiro para evento



Fonte: acervo particular da autora.

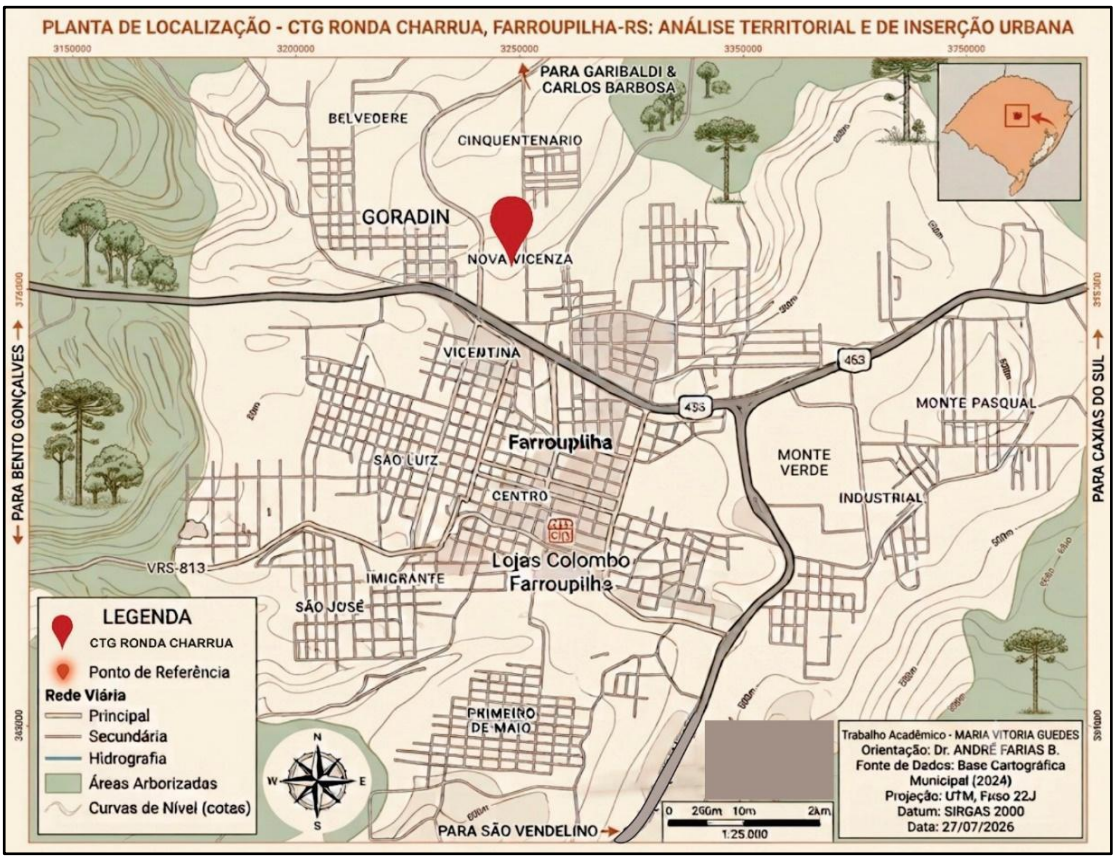
3.1.1 Ambiente de pesquisa

O edifício que abriga o CTG Ronda Charrua pode ser visto desde a rodovia principal da cidade e suas características principais se dão através da divisão dos dois espaços: o CTG e a churrascaria. A churrascaria não faz parte dos processos logísticos da entidade. Abaixo, podemos ver um mapa esquemático da localização da entidade em um mapa interativo. O espaço físico do CTG Ronda Charrua representa um marco regional no meio tradicionalista, devido à sua localização. Integrantes de outras regiões do estado seguem até a cidade de Farroupilha para frequentar o CTG, tornando-o um ponto que interliga cidades próximas.

O CTG Ronda Charrua, de Farroupilha (RS), foi fundado em 28 de maio de 1953. A entidade possui registro formal cadastral vinculado a novembro de 1978, mas a data exata da

construção ou inauguração física de sua sede campista/social específica na Rodovia dos Romeiros não é detalhada em registros públicos abertos de forma isolada. Na figura 22, um pequeno esboço desenvolvido pela autora pra ilustrar a localização do galpão atual da entidade, enquanto na Figura 23, uma foto resgatada da época da construção do galpão como ele é atualmente.

Figura 22: Esboço de Mapa esquemático de localização



Fonte: gerado com recurso IA Gemini por comandos da autora, base do *Google Maps*.

Figura 23: Construção do galpão do CTG Ronda Charrua



Fonte: acervo concedido pelo setor cultural da entidade.

No Capítulo 01 do estatuto do CTG Ronda Charrua, que trata da associação, sede, fundação, prazo, finalidades e representação, traz as seguintes informações:

Art.1 – A associação sem fins lucrativos, denomina-se Centro de Tradições Gaúchas Ronda Charrua, fundado em 28 de maio de 1953, por prazo indeterminado, tem sede e foro na Rodovia do Romeiros, 51, cidade de Farroupilha, Estado do Rio Grande do Sul, não possuindo fundo social, tem por suas finalidades essenciais, propugnará pelas ações precípuas a saber:

I - Proporcionar aos seus associados a recreação social, cultural e desportiva;

II - Desenvolver a integração e a solidariedade entre os seus sócios e familiares, através de promoções sociais festivas e dançantes;

III - Zelar e preservar a cultura do Rio Grande do Sul, representada por suas tradições, história e folclore, tendo como primado maior a “Carta de Princípios” do MTG;

IV - Congregar, na associação, núcleos familiares.[14]

Figura 24: Vista interna do galpão durante ensaio da Invernada Mirim (07/2026)

[14] Material disponibilizado no Portfólio do CTG Ronda Charrua.



Fonte: acervo particular da autora.

3.1.2 Processos culturais, setorização e hierarquia

O Ronda Charrua, através dos anos, foi um CTG empenhado como entidade, na luta para honrar o Movimento Tradicionalista Gaúcho desde os primórdios de sua fundação: em festivais, comemorações da Semana Farroupilha, rodeios (em modalidades como danças tradicionais e de salão, chula, declamação, gaita, intérprete vocal), sempre obtendo boas premiações; em Cirandas e Entreveros, nos quais construiu uma galeria com títulos regionais e estaduais; e nas comissões de congressos tradicionalistas, apresentando moções, proposições e teses. Sempre atuante, também publicou livros, notícias e reportagens em jornais e revistas, prestigiando o gaúcho como ser humano e a paisagem campeira.[15]

Atualmente, a entidade é constituída pela Patronagem, Departamento Cultural, Departamento Artístico (com invernadas pré-mirim, mirim, juvenil e adulta, além de categorias individuais como chuleadores, declamadores, dançarinos de dança de salão, instrumental e vocal) e Departamento Campeiro, com o Piquete Peão Charrua.

[15] Descrição disponível no portfólio técnico disponibilizado pelo setor cultural do CTG Ronda Charrua.

Figura 25: XII Baile da Prenda Jovem



Fonte: disponibilizado no Facebook do CTG.

Entre os diversos títulos conquistados, destacam-se alguns deles abaixo:

a) invernada campeã estadual de danças tradicionais do V FEGART (1990 – Festival Gaúcho de Arte, Tradição e Folclore – MTG/IGTF);
b) em 1991, a invernada representou o Rio Grande do Sul no Rodeio dos Campeões, em Soledade, consagrando-se Campeã Brasileira de Danças Tradicionais, título conferido pela CBTG (Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha);
c) invernada bicampeã estadual de danças tradicionais do XV ENART (2013 – Encontro de Artes e Tradição Gaúcha);
d) invernada tricampeã estadual de danças tradicionais do XXXVIII ENART (2024 – Encontro de Artes e Tradição Gaúcha);
e) campeão do planeta gaúcho (2000);
f) Mayra Moreira: 3ª Prenda Mirim do Estado do Rio Grande do Sul (gestão 1991/1992);
g) Jorge Luis Lima da Silveira Junior: 2º Peão Farroupilha do Estado do Rio Grande do Sul (gestão 2021/2022);
h) Invernada veterana | Vice Campeã do FestiXirú 2025.

Figura 26: Galeria interna do Ronda Charrua para peões e prendas regionais



Fonte: acervo da autora.

A patronagem atual (2026/2027) é composta por:

Patrão[16]: Rogério Carlos Abreu da Silva; Capataz Geral[17]: Luciano Luiz Pontel; 2º Capataz Geral: Ricardo Testolin; 1ª Agregada das Pilchas: Aniele Guarese; 2ª Agregada das Pilchas[18]: Sabrina Prior; 1ª Sota Capataz[19]: Vanda Cristina Basso; 2ª Sota Capataz: Elisete Corrêa Benvenutti.

Conselho de Vaqueanos[20]: Giano Soares como presidente, Rafael Crippa, Segundo Biazoli, Nícolas Moro Muller, Osmar Suzin, Pedro Gaviraghi, Noivar Peccin.

[16] É a liderança máxima da entidade. Assim como o antigo "patrão" gerenciava a estância e cuidava do bem-estar dos peões, no CTG ele representa legalmente a associação, coordena as reuniões e toma as decisões estratégicas e institucionais.
[17] O braço direito do Patrão. Na lida do campo, o capataz era quem administrava o trabalho diário dos peões. No CTG, ele auxilia na gestão interna e assume o comando na ausência ou impedimento do titular.
[18] Encarregado das finanças, do fluxo de caixa, pagamentos e da guarda dos bens do CTG. A palavra "pilcha" faz referência tanto à indumentária gaúcha quanto aos pertences e valores de uso pessoal do gaúcho.
[19] Responsável por toda a parte burocrática, redação de atas, arquivos, cadastros de associados e correspondências. O termo deriva daquele que substituía ou apoiava diretamente o capataz na estância.
[20] Grupo de associados experientes eleitos para fiscalizar as contas da Patronagem e garantir o cumprimento do estatuto.

4 ETNOGRAFIA APLICADA – MEMÓRIA E AFETO: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO FÍSICO E AFETIVO NO CTG RONDA CHARRUA

As paredes transbordam história. Foi a minha primeira percepção ao adentrar o CTG Ronda Charrua. Alguns espaços exibem retratos de grupos de dançarinos de décadas passadas. Outros mostram, orgulhosamente, os troféus conquistados pela entidade em festivais de dança, declamação, chula e até mesmo em campeonatos de truco. Há também os espaços onde estão expostos todos os peões e prendas regionais da 25ª Região Tradicionalista que passaram pela entidade, assim como, ao lado do palco principal, encontra-se uma verdadeira galeria com os retratos de todos os patrões que fizeram parte da história do Ronda Charrua.

Logo na entrada, torna-se evidente que cada objeto presente naquele ambiente carrega significados que ultrapassam sua materialidade. Fotografias, troféus, faixas e retratos constituem marcas da memória coletiva da entidade, narrando sua trajetória e reafirmando os valores cultivados ao longo das gerações. O espaço físico, portanto, não apenas abriga atividades tradicionalistas, mas também comunica pertencimento, identidade e continuidade histórica, funcionando como um lugar de preservação das experiências compartilhadas por seus integrantes. Como afirma Halbwachs (2006), a memória coletiva é construída socialmente e encontra nos espaços e nos objetos importantes suportes para sua conservação.

Sob a perspectiva da hospitalidade, essa primeira experiência revelou que o CTG acolhe seus visitantes antes mesmo do primeiro contato interpessoal. A organização do ambiente, a disposição dos símbolos e a valorização da própria história produzem uma atmosfera de recepção que convida o indivíduo a reconhecer a identidade da entidade e a compartilhar de seus valores culturais. Nesse sentido, Farias (2018) destaca que a hospitalidade ultrapassa o ato de receber alguém, constituindo-se como uma relação simbólica construída por meio das práticas sociais, dos espaços e das experiências compartilhadas entre anfitriões e visitantes. Assim, o ambiente do CTG manifesta uma hospitalidade que se expressa tanto nas relações humanas quanto na própria configuração do espaço.

Essa percepção inicial também permite compreender o CTG como um lugar de memória (Nora, 2012), onde os elementos materiais assumem a função de preservar narrativas, fortalecer vínculos sociais e reafirmar a identidade cultural gaúcha. Mais do que recordar acontecimentos passados, esses registros contribuem para manter vivas as tradições e aproximar diferentes gerações, permitindo que novos integrantes conheçam a história da entidade e passem a fazer parte dela.

O diário de campo representa um dos principais instrumentos de registro da observação etnográfica. Porém, conforme destacam Jociles Rubio e Devillard (2001), sua elaboração envolve diversos desafios e divergências metodológicas. Um dos problemas mais frequentes refere-se aos registros superficiais, que deixam de responder questões essenciais sobre quem participou das ações, como ocorreram, quando aconteceram e onde se desenvolveram. Outro aspecto importante diz respeito ao caráter interpretativo de qualquer descrição etnográfica, exigindo do pesquisador constante reflexão crítica sobre seus próprios pensamentos, preconceitos e categorias analíticas.

A observação etnográfica não consiste apenas em descrever fatos ou registrar acontecimentos. Conforme argumenta Geertz (2015), o pesquisador busca produzir uma "descrição densa", capaz de interpretar os significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas práticas culturais. Dessa forma, o diário de campo transforma-se em um instrumento de análise, permitindo compreender aspectos simbólicos que nem sempre aparecem de maneira explícita nos discursos dos participantes.

Também é necessário equilibrar os registros dos discursos dos participantes com a descrição das práticas efetivamente observadas, reconhecendo que o comportamento social pode revelar dimensões distintas daquelas expressas verbalmente. Essa articulação entre discurso e prática torna-se particularmente relevante em estudos sobre cultura e hospitalidade, uma vez que muitas formas de acolhimento são manifestadas por gestos, rituais, silêncios, expressões corporais e modos de interação que dificilmente seriam captados apenas por entrevistas. Conforme afirma Camargo (2004), a hospitalidade é vivenciada nas relações cotidianas e pode ser percebida tanto nos comportamentos quanto nos espaços onde essas relações acontecem.

Durante a permanência no CTG Ronda Charrua, diversas situações de acolhimento puderam ser registradas no diário de campo. Os cumprimentos, os convites para compartilhar o chimarrão, a organização espontânea dos participantes para recepcionar visitantes e a valorização daqueles que retornavam à entidade revelaram que a hospitalidade constitui uma prática cotidiana, incorporada à cultura do grupo. Esses registros reforçam a importância da observação participante como estratégia metodológica para compreender dimensões simbólicas que dificilmente seriam apreendidas apenas por meio das entrevistas.

A recomendação é que, além das observações propriamente ditas, os diários de campo contenham informações sobre as condições em que ocorreu o trabalho de campo, como data, horário, duração da observação, utilização de registros audiovisuais, intervalo entre a observação e a redação das notas, bem como características do próprio pesquisador, incluindo

formação, experiência, gênero e outros fatores que possam influenciar a produção e a interpretação dos dados etnográficos (Jociles Rubio; Devillard, 2001).

Esses registros permitem maior transparência metodológica e favorecem a compreensão do contexto em que os dados foram produzidos. Além disso, segundo Boni e Quaresma (2005), o detalhamento das etapas do trabalho de campo fortalece a confiabilidade da pesquisa qualitativa, uma vez que evidencia o percurso percorrido pelo pesquisador até a construção das interpretações apresentadas. Dessa forma, o diário de campo deixa de ser apenas um instrumento de anotação para tornar-se parte fundamental da análise científica, especialmente em pesquisas que investigam fenômenos culturais, identitários e de hospitalidade.

Acho válido trazer minha trajetória pessoal nessa entidade como uma das justificativas do ensaio em questão. Ingressei na invernada adulta no início de 2025, como uma das novas integrantes do ano vigente. Vim de uma outra entidade da 25ª RT, e alguns pontos foram levados em consideração para que escolhesse esse CTG em questão: primeiro, a localização me proporcionava poucos minutos de estrada, pois minha residência e a cidade de Farroupilha ficavam a poucos quilômetros de distância; segundo, pois o nível de instrução para dançarinos e a qualidade do setor cultural dessa entidade a precedia, tornando-a muito visada em todo estado.

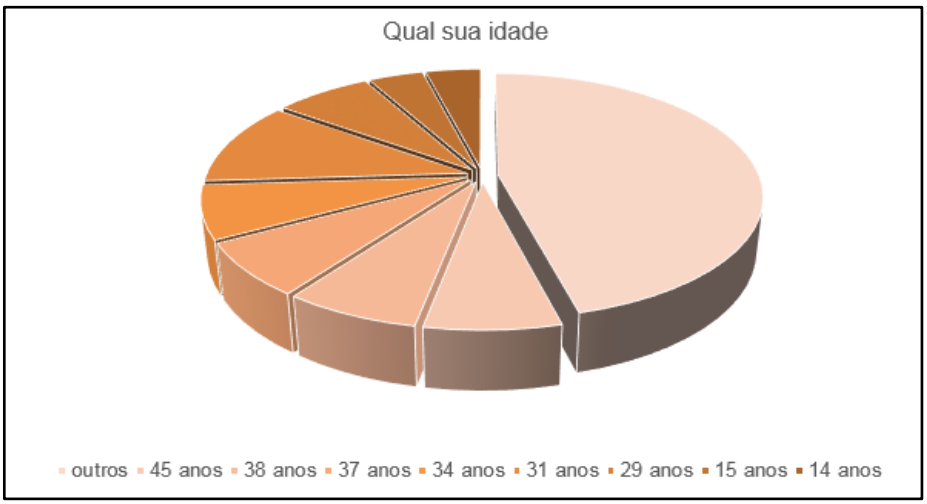
Foram desenvolvidos dois materiais analíticos para guiar a pesquisa em uma observação etnográfica participante: uma tabela de análise mais abrangente, e diários de campo, sendo preenchidos ao longo dos acontecimentos que a autora presenciou e pode fazer o registro. Podemos consultar esse material em anexos nos Apêndices 02 e 03.

4.1 COLETA DE DADOS DE INTEGRANTES

No ano de 2025, dançarinos e integrantes das invernadas Juvenil, Adulta e Veterana concordaram em participar de questionários online desenvolvidos pela autora, com o intuito de obter alguns dados mais personalizados e que apoiassem o restante da pesquisa. Pode-se analisar que entre as 29 pessoas que responderam essa pré-pesquisa, estão membros entre 14 e 45 anos (Figura 27), tornando essa análise muito rica e bem assertiva referente aos objetivos pesquisados nas perguntas a seguir. No Anexo 01, pode-se constatar sobre os questionamentos

e sobre a pesquisa realizada. Algumas questões foram ilustradas para que as porcentagens fossem mais perceptíveis.[21]

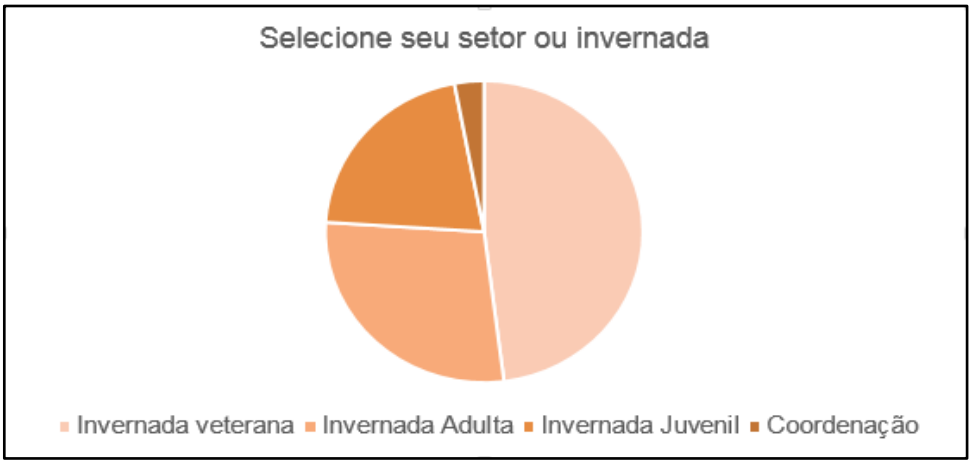
Figura 27: Gráfico sobre as idades dos entrevistados



Fonte: gráfico ilustrado por autora, dados coletados através do site Jotform.

Todos os 29 membros que responderam são membros do CTG Ronda Charrua, nascidos e criados no Rio Grande do Sul. Nem todos são moradores da mesma cidade, mas todos frequentam o mesmo centro de tradições gaúchas. Sendo eles, em sua maioria, da invernada veterana, e o restante distribuído entre as invernadas juvenil, adulta e veterana, assim como membros da patronagem. Para muitos membros, os eventos informais como as rodas de chimarrão, conversas entre amigos, e o receber bem em sua casa, no ambiente familiar, são formas que configuram práticas culturais no dia a dia do gaúcho.

Figura 28: Gráfico sobre as porcentagens de setores e invernadas

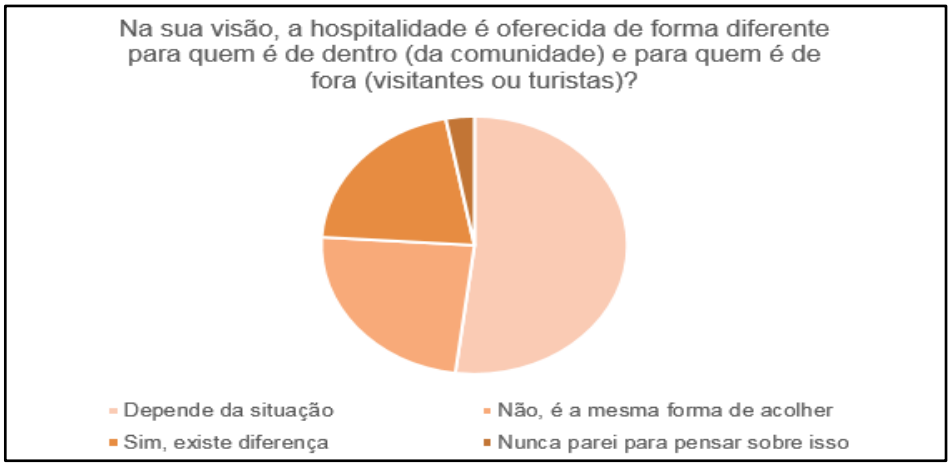


Fonte: gráfico ilustrado por autora, dados coletados através do site Jotform.

[21] Coletas feitas de forma orgânica antes da definição do tema.

A alusão à hospitalidade, nessa pesquisa de campo, se dá em sua maioria pelo acolhimento e pela tradição. O bem receber, os bons costumes e a reciprocidade são princípios essenciais para a maioria dos entrevistados. A tradição gaúcha sofre alterações ao longo do tempo, notadas até mesmo pelos tradicionalistas que responderam essa entrevista. Porém, uma parte dos entrevistados também acredita que a hospitalidade gaúcha está se perdendo ao longo dos anos. Os participantes relataram sentir orgulho das práticas de hospitalidade, que são vistas como um diferencial cultural. A ideia de que "o gaúcho sabe receber" é reiterada como traço identitário positivo. Essa construção simbólica da hospitalidade como virtude regional está presente em discursos cotidianos, em músicas tradicionalistas e em atividades dos CTGs.

Figura 29: Gráfico sobre como os entrevistados percebem a hospitalidade



Fonte: gráfico ilustrado por autora, dados coletados através do site Jotform.

As práticas culturais que remetem à hospitalidade, no contexto do Rio Grande do Sul, ultrapassam a dimensão funcional de recepção e abrigam uma complexa rede de significados culturais. Os rituais cotidianos observados — como o chimarrão, o churrasco, a escuta atenta e a celebração comunitária — operam como práticas simbólicas que reafirmam a identidade gaúcha e fortalecem os laços sociais. Os processos culturais regionais evidenciam o dia a dia e os costumes de um grupo cultural. Além disso, revelam o papel central dos rituais cotidianos na sustentação das formas de vida locais, mostrando que a cultura é vivida e transmitida por meio de gestos simples, mas carregados de sentido. Assim, compreender que a hospitalidade faz também parte da prática cultural estruturante permite não apenas interpretar os modos de vida do sul do Brasil, mas também refletir sobre os desafios contemporâneos de convivência, acolhimento e identidade em contextos cada vez mais plurais e dinâmicos.

4.2 DIÁRIOS DE CAMPO REGISTRADOS SOBRE AS INVERNADAS

Através de observação participante analítica por meio da autora, foram desenvolvidos diários de campo sobre as invernadas e sobre os eventos ocorridos dentro das dependências físicas do CTG Ronda Charrua. Para que ocorresse algum meio de padronização, foi criado um padrão de tabela para facilitar os meios observados. O CTG Ronda Charrua possui 5 invernadas em sua composição atual: pré-mirim, mirim, juvenil, adulta e veterana. Ingressei na entidade na invernada adulta e atualmente estou integrada na invernada veterana. As dinâmicas são bem diferentes devido às variadas faixas etárias, porém, as estruturas de hierarquia permanecem as mesmas em todas as invernadas., possuindo coordenadores, instrutores e demais cargos ocupados.

Quadro 3: Diário de campo – análise etnográfica de observação participante

DATA	**NOVEMBRO - 2024**
EVENTO OBSERVADO	Pré-Estreia Invernada Adulta;
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	No dia em questão, fui convidada observadora, porém, ainda não era integrante do CTG Ronda Charrua, foi um dos primeiros contatos diretos que tive com a entidade. Era um evento de alto nível, com grande quantidade de convidados, proporcionado para apresentar a proposta e as pilchas para o Enart de 2024;
PARTICIPANTES ENVOLVIDOS	Através da minha observação e percepção, a invernada adulta toda foi envolvida nas questões logísticas do evento, e as demais invernadas também estavam presentes para prestigiar e fazer apresentações;
INTERAÇÕES OBSERVADAS	A maioria dos convidados tinha alguma ligação com os integrantes da invernada em questão. Então, após a apresentação principal, ocorreram reuniões entre dançarinos e seus familiares;
PRÁTICAS OBSERVADAS	Na sequência do jantar, ocorreu uma integração entre os convidados. Após, as invernadas adjacentes (juvenil e veterana) fizeram uma apresentação no evento, enquanto a invernada adulta se arrumava para a apresentação principal;
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	No evento em questão, ainda não estava em uma fase tão avançada da pesquisa e as delimitações sobre a escrita e o tema estavam indefinidos, por esse motivo, o nível crítico de observação não foi tão refinado. Por esse motivo, parte das minhas reflexões serão um pouco mais sensíveis;

Fonte: desenvolvido pela autora.

Acredito que esse evento tenha sido uma pequena introdução a essa autora nessa instituição. Foi um dos meus primeiros contatos com o CTG Ronda Charrua diretamente, e foi muito gratificante ter feito parte desse momento como uma observadora. O nível de organização para que um evento de tão grande porte seja executado com maestria requer muita dedicação, requer muita dedicação dos participantes, das invernadas, dos coordenadores e da patronagem. O setor cultural também fez parte desse momento, o que torna a grandiosidade do evento ainda mais evidente por misturar tantos setores do CTG Ronda Charrua e da 25ª Região Tradicionalista.

Quadro 4: Diário de campo – análise etnográfica de observação participante

DATA	**31/08/2025**
INVERNADA OBSERVADA	Invernada Adulta do CTG Ronda Charrua, elenco de 2025;
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Ensaio da coreografia para abertura do Enart 2025. Ensaio aberto aos demais integrantes do CTG no geral;
INTERAÇÕES OBSERVADAS	Integrantes da invernada estavam ensaiando, enquanto acompanhantes tomavam chimarrão ao redor do palco observando a montagem da coreografia. A autora chegou para um futuro ensaio com outra invernada, e observou o espaço como um todo, onde todos estavam muito empolgados;
PRÁTICAS OBSERVADAS	Danças performáticas sobre a coreografia assimilada da vez. Falará sobre Giuseppe Garibaldi, e a coreografia em questão fala sobre sua infância;
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Como ex-integrante da invernada adulta, foi muito emocionante ver, não apenas pela temática que me remeteu ao que foi apresentado no ano de 2014, quando eu era mais jovem e admirava muito o CTG Ronda Charrua.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Quadro 5: Diário de campo – análise etnográfica de observação participante

(continua)

DATA	**JULHO/2025**
INVERNADA OBSERVADA	Invernada Juvenil do CTG Ronda Charrua, elenco 2025.

(conclusão)

DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Pré-estreia da invernada Juvenil
INTERAÇÕES OBSERVADAS	Nesse evento em questão, fui como total observadora do evento em questão. Todas as invernadas estavam presentes, assim como pais, parentes, amigos e assim por diante dos membros da invernada juvenil.
PRÁTICAS OBSERVADAS	Uma pré-estreia é realizada essencialmente para que a proposta atual seja apresentada, com a pilcha nova, as músicas (normalmente feitas exclusivamente para a coreografia em questão) as coreografias e as danças;
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Nessa ocasião, eu estava retornando de uma lesão, e era o dia do meu primeiro ensaio na veterana. Foi muito bom retornar e ver o CTG todo em festa, cheio, realizando uma comemoração muito importante para aqueles adolescentes.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Quadro 6: Diário de campo - análise etnográfica de observação participante

(continua)

DATA	**06/12/2025**
INVERNADA OBSERVADA	Invernada Veterana do CTG Ronda Charrua, elenco 2025.
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Pré-estreia da invernada Veterana
INTERAÇÕES OBSERVADAS	No evento em questão, observei as interações separadas em 3 momentos: manhã, tarde, noite. Como a invernada em questão era a que estava promovendo o evento, toda organização do salão foi feita na parte da manhã pelos integrantes. Mesas foram organizadas, decorações foram postas e adereços finalizados. Na parte da tarde, a interação se deu principalmente entre as prendas, que utilizaram do tempo para que se arrumassem. E na parte da noite, ocorreu o jantar, e após, a apresentação principal da invernada. Mostrando os trajes atuais e também as coreografias.

(conclusão)

PRÁTICAS OBSERVADAS	Uma pré-estreia é realizada essencialmente para que a proposta atual seja apresentada, com a pilcha nova, as coreografias e as danças; **os** momentos de amizade e carinho entre os dançarinos foram algo muito especial de presenciar, pois houve muitos momentos entre amigos, com trocas de presentes e homenagens.
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Esse evento teve uma particularidade para mim como pesquisadora: estava em um pós-operatório e ocorreram muitos momentos em que pude somente observar as atividades ao meu entorno. Não somente como membro do elenco em questão, mas como pesquisadora, a memória e o afeto se fizeram presentes em todos os momentos.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Figura 30: Invernada Veterana em sua pré-estréia 2025



Fonte: acervo da autora.

4.3 CONTRAPONTO ENTRE ESPAÇO FÍSICO E O ESPAÇO AFETIVO

A percepção e compreensão do espaço constitui um dos elementos centrais para a análise dos processos culturais e das relações de hospitalidade, principalmente quando se considera que sua existência ultrapassa a dimensão estritamente física. Existe uma dualidade entre o espaço físico e o espaço afetivo: ambos dizem respeito ao mesmo território, porém são experimentados e significados de maneiras distintas pelos sujeitos que ali convivem. Enquanto o espaço físico corresponde à materialidade do território, delimitado por suas características geográficas, arquitetônicas e ambientais, o espaço afetivo se dá através de experiências vividas, das memórias compartilhadas, dos vínculos sociais e dos significados atribuídos pelos indivíduos ao lugar. Essa perspectiva permite compreender que um território não é apenas ocupado, mas também sentido, vivido e continuamente ressignificado.

A Geografia Humanista contribui significativamente para essa reflexão ao reconhecer que o espaço adquire valor à medida que é apropriado pela experiência humana. Para Tuan (1983), o espaço representa possibilidades de deslocamento e liberdade, enquanto o lugar é o espaço que recebeu significado por meio da vivência e do afeto. Em outras palavras, é a experiência cotidiana que transforma um espaço físico em um lugar dotado de identidade, memória e pertencimento. Essa distinção é particularmente relevante para compreender a cultura gaúcha, cuja identidade está profundamente associada não apenas ao território, mas às relações construídas em torno dele.

Nessa perspectiva, o espaço não pode ser compreendido apenas como uma delimitação geográfica. Ele constitui um ambiente carregado de significados culturais, históricos e simbólicos, onde diferentes sujeitos interagem, compartilham experiências e produzem sentidos coletivos. Trata-se de um cenário dinâmico no qual práticas sociais, manifestações culturais e relações de hospitalidade se entrelaçam, contribuindo para a formação das identidades individuais e coletivas.

Sob esse enfoque, o espaço torna-se um elemento fundamental para a constituição da cultura, uma vez que é nele que se desenvolvem práticas sociais, valores, símbolos e tradições compartilhadas por uma comunidade. Santos (2006, p. 63) afirma que "o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações", evidenciando que sua configuração resulta da interação permanente entre estruturas materiais e ações humanas. O autor demonstra que o espaço não é um cenário neutro, mas uma construção social continuamente produzida pelas relações econômicas, políticas e culturais. Entretanto, para além dessa dimensão social e

material, o espaço também incorpora significados afetivos construídos pela convivência cotidiana, pelas lembranças e pelos vínculos estabelecidos entre as pessoas.

Essa dimensão simbólica aproxima-se da reflexão desenvolvida por Bachelard (1993), para quem os espaços vividos tornam-se depositários da memória e da imaginação humana. Segundo o autor, os lugares habitados preservam experiências íntimas que contribuem para a constituição da identidade dos indivíduos. Assim, o espaço físico transforma-se em espaço afetivo quando passa a representar segurança, acolhimento, pertencimento e continuidade das experiências vividas. Sob essa perspectiva, o território deixa de ser apenas uma categoria geográfica e passa a integrar também a dimensão emocional da existência humana.

No contexto do Rio Grande do Sul, essa relação entre espaço físico e espaço afetivo torna-se particularmente evidente. A delimitação territorial é essencial para compreender a formação histórica e cultural da sociedade sul-rio-grandense. A ocupação do território, marcada pelas disputas entre portugueses e espanhóis, pela presença dos povos originários e, posteriormente, pelos processos migratórios europeus, possibilitou a constituição de uma identidade regional singular. Entretanto, essa identidade não resulta apenas da ocupação física do território, mas também das experiências compartilhadas entre diferentes grupos sociais que transformaram esse espaço em um lugar de memória, convivência e pertencimento.

Conforme afirma Hall (2006), as identidades culturais não são naturais nem permanentes, mas construídas historicamente por meio das relações sociais, das representações e das práticas culturais. Desse modo, a cultura gaúcha não corresponde a uma essência fixa, mas a um processo contínuo de construção, negociação e ressignificação. A própria relação dos indivíduos com o território modifica-se ao longo do tempo, acompanhando as transformações sociais, econômicas e culturais que caracterizam cada período histórico.

Nesse sentido, a região torna-se um importante elemento de identificação coletiva. O espaço deixa de representar exclusivamente uma localização geográfica e passa a constituir um território simbólico, onde os sujeitos reconhecem suas origens, compartilham valores e fortalecem vínculos sociais. Haesbaert (2004) destaca que o território é produzido pelas relações de poder, identidade e pertencimento, sendo apropriado simultaneamente em suas dimensões material e simbólica. Dessa forma, a identidade regional está diretamente relacionada à maneira como os indivíduos experienciam e atribuem significados ao espaço que ocupam.

A cultura atua como mediadora dessa relação entre sujeito e território. É por meio das práticas cotidianas, dos rituais, das celebrações, da gastronomia, da linguagem e das formas de sociabilidade que determinado grupo atribui significado ao lugar onde vive. Como afirma

Geertz (2015, p. 15), "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu", sendo a cultura justamente essas teias que orientam as ações humanas. Sob essa perspectiva, os espaços culturais tornam-se repositórios da memória coletiva, preservando costumes e fortalecendo o sentimento de pertencimento entre seus integrantes.

Levando em consideração a herança cultural transmitida entre gerações e as complexas relações estabelecidas entre cultura, identidade e território, Bezzi e Brum (2009) propõem uma regionalização cultural do Rio Grande do Sul baseada na principal etnia formadora de cada município. A proposta procura compreender a diversidade sociocultural do estado por meio das diferentes influências étnicas que contribuíram para a construção das tradições, dos costumes, das práticas sociais e das formas de organização presentes em cada região.

Essa análise contempla aspectos como idioma, religiosidade, gastronomia, arquitetura, formas de trabalho, festividades e organização comunitária, reconhecendo que a cultura permanece em constante transformação em decorrência do contato entre diferentes povos. Conforme observa Pesavento (2002), a identidade regional resulta de um permanente processo de construção histórica, no qual diferentes experiências coletivas produzem representações sobre o território e seus habitantes.

Ao considerar a etnia como critério para compreender a organização cultural do estado, Bezzi e Brum (2008) valorizam as raízes históricas de cada grupo sem desconsiderar os processos de intercâmbio cultural que contribuíram para a formação da sociedade gaúcha. Assim, a regionalização permite compreender o Rio Grande do Sul não como um espaço homogêneo, mas como um mosaico de identidades que coexistem, dialogam e se transformam continuamente.

Segundo Bezzi e Brum (2008), o Rio Grande do Sul pode ser dividido em quatro grandes regiões culturais: a Região Cultural 1, marcada pela predominância das influências dos povos nativos, portugueses, espanhóis e açorianos; a Região Cultural 2, caracterizada pela imigração alemã; a Região Cultural 3, fortemente influenciada pela colonização italiana; e a Região Cultural 4, constituída por significativa diversidade étnica. Essa proposta evidencia que a identidade cultural gaúcha não é uniforme, mas formada por múltiplas matrizes culturais que, ao longo da história, estabeleceram relações de convivência, intercâmbio e ressignificação.

Essa configuração demonstra que a cultura gaúcha foi construída por sucessivos processos históricos de ocupação do território, migração e adaptação às diferentes realidades sociais e ambientais. Embora cada região preserve características associadas às suas origens, observa-se que as fronteiras culturais permanecem permeáveis, sendo constantemente transformadas pela circulação de pessoas, pelas relações econômicas e pelas práticas sociais.

Assim, elementos característicos de determinadas regiões passam a integrar o cotidiano de outras, ampliando as possibilidades de interação e enriquecendo o patrimônio cultural do estado.

Nesse contexto, a regionalização proposta por Bezzi e Brum (2008) deve ser compreendida como um instrumento analítico capaz de identificar as principais influências históricas presentes no território, sem reduzir a complexidade das identidades regionais. As manifestações culturais, os modos de vida, as festividades, a gastronomia, a religiosidade e as formas de sociabilidade revelam que a identidade gaúcha resulta de um processo dinâmico de construção social, no qual tradição e transformação coexistem continuamente.

Por fim, compreender o espaço significa compreender também as relações de hospitalidade que nele se desenvolvem. A hospitalidade manifesta-se não apenas na ocupação material do território, mas sobretudo na maneira como os indivíduos acolhem o outro, compartilham experiências e produzem vínculos que transformam um simples espaço físico em um espaço afetivo. O território torna-se, assim, um lugar de encontros, memórias e pertencimento, onde as práticas culturais adquirem significado e são transmitidas entre gerações. Nessa perspectiva, espaço, cultura, identidade e hospitalidade constituem dimensões indissociáveis da experiência humana, permitindo compreender que o verdadeiro sentido do território não reside apenas em sua materialidade, mas nas relações sociais e afetivas que continuamente lhe atribuem significado.

Quadro 7: Análise etnográfica do espaço físico x afetivo

(continua)

AMBIENTE FÍSICO	1. Como é a organização do espaço?	O CTG Ronda Charrua se dá por um edifício em anexo a churrascaria, com estacionamento amplo. Ao adentrar o edifício, um hall de entrada junto a uma sala administrativa é a primeira impressão do CTG. Na sequência, o salão principal, com um limite de ocupação de 450 pessoas. Uma sala ampla, com pé direito alto, iluminada por rodas de carretas antigas com luminárias acopladas. Suas paredes contam as histórias: quadros das antigas invernadas campeãs, peões e prendas regionais, e antigos patrões e patroas. Ao longo do salão, prateleiras com centenas de troféus, de variadas modalidades tradicionalistas. Ao fundo do salão, temos um palco principal, e ao lado, o acesso a cozinha industrial e camarim que são anexos ao CTG.

(continuação)

	2. A decoração tradicional se configura por:	Já na entrada do edifício, vemos um banco antigo, utilizado para fotos em dias de eventos, assim como a placa de madeira esculpida identificando o CTG e a churrascaria. A porta principal também é característica e condizente a um galpão de CTG, composta por madeira. No interior do galpão, pode-se ver a indicação do "bolicho", mais conhecida como copa, onde as bebidas são disponibilizadas em dias de eventos. Um telhado antigo faz alusão a uma tapera na entrada desse local, e na lateral, o acesso à parte de trás do CTG. No espaço alternativo, onde as invernadas muitas vezes se reúnem para jantares e momentos em grupo, podemos ver alguns quadros mais antigos que trazem aconchego à sala, assim como a lareira sempre acesa nos invernos. Nos fundos, temos uma grande churrasqueira utilizada nos eventos.
	3. Quais símbolos culturais podem-se identificar?	O galpão por si já se trata de um símbolo cultural local, do qual muitos moradores da região passam de tempos em tempos, seja nos eventos, ou passando para assistir algum ensaio.
	4. Há presença de bandeiras ou objetos tradicionais-civis?	Sim. No palco principal existe um suporte para as bandeiras.
INTERAÇÕES SOCIAIS	1. Como os integrantes interagem?	Como no dia a dia ocorrem os ensaios semanais, a interação dos integrantes do CTG se dá dentro da própria invernada. Mas muitas pessoas interagem e mantêm uma relação de amizade e companheirismo com todos os participantes do CTG.
	2. Como se dá integração entre as idades?	O tradicionalismo se mantém pelo repasse da cultura, práticas e rituais rotineiros daqueles que os praticam, sempre dos mais velhos para os mais novos, então ocorre essa interação de respeito e afeto entre todas as idades. Há membros sócios que frequentam o Ronda Charrua desde seus nascimentos, e que permanecem até a idade adulta.
	3. Há relações de amizade?	A grande maioria das relações **é** de amizade e companheirismo, com respeito também.

(continuação)

PRÁTICAS GERAIS	1. Como visitantes são recebidos?	O galpão é aberto ao público em geral, então todos são sempre muito bem-vindos durante os ensaios e os eventos. Normalmente, quando os ensaios são fechados, eles ocorrem em lugares alternativos devido à confidencialidade da proposta em questão. Atualmente, algumas das invernadas fazem parte de projetos financiados pelo governo, incentivando ainda mais a participação da comunidade e fortalecendo a tradição. As práticas que remetem a hospitalidade podem ser visualizadas muito mais nesses momentos cotidianos e pequenos, pois a cordialidade com que um "forasteiro" é tratado, mostra o quão hospitaleiro é a instituição em questão.
	2. Há convites para participar das atividades?	Dependendo do acontecimento atual, ocorre sempre um convite de participação, como tomar um chimarrão ou a integração com a invernada. Porém, nos ensaios rotineiros, são convidados para a participação da invernada com convite ou aviso prévio.
ATIVIDADES CULTURAIS	1. Como ocorrem os ensaios de danças tradicionais?	Os ensaios ocorrem com agenda, com cronograma pré-definido entre patronagem e coordenadores de todas as invernadas. Hoje, o CTG Ronda Charrua conta com invernadas: pré-mirim, mirim, juvenil, adulta e veterana. Cada invernada mantém um funcionamento próprio, com seus instrutores próprios, coordenadores para cada setor, e isso inclui os gastos, que são de responsabilidade de cada invernada.
	2. Como ocorrem os eventos tradicionalistas?	Os eventos tradicionalistas ocorrem em 2 tipos de ocasião quando atribuídos ao nome do CTG: ou é um evento do próprio CTG, para arrecadação de fundos da entidade, ou então é um evento promovido por uma das invernadas, a qual fica responsável por cada atribuição do evento.

(conclusão)

EXPRESSÕES DE PERTENCIMENTO	1. De que forma pode-se notar o pertencimento dos integrantes das invernadas?	O tradicionalista no geral possui uma tendência: tornar aquele espaço físico e afetivo sua segunda casa. O que torna não só o espaço físico essencial para sua experiência, mas também o coleguismo, as atividades realizadas, e isso independe do mundo material.
	2. Ocorre o uso de pilchas no dia a dia?	Alguns itens de uma pilcha tradicional acabam se tornando essenciais durante a realização dos ensaios, mais para os peões do que para as prendas. Itens como chapéu, bombacha, bota, faca, guaiaca, sapatilhas e saia de ensaio são obrigatórios.
	3. Como ocorrem as narrativas sobre a história do ctg?	Isso é algo realmente muito precioso. Temos membros desde os primórdios da entidade, e poder sentar com alguém que vivenciou momentos importantes, tomando um chimarrão, ou durante um almoço qualquer, é essencial para que novos membros, ou os integrantes das invernadas mais novas se sintam ainda mais integrados e pertencentes à história daquele lugar.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Figura 31: Vista da entrada do CTG Ronda Charrua, com acesso para a churrascaria



Fonte: acervo particular da autora.

Figura 32: Vista do "Bolicho" e entrada para cozinha



Fonte: acervo particular da autora.

4.4 DIÁRIOS DE CAMPO SOBRE O ESPAÇO AFETIVO COLETIVO

Quadro 8: Diário de campo sobre espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante

(continua)

DATA	**21/11/2025**
EVENTO OBSERVADO	Enart 2025 – realizado no Parque da Oktoberfest, na cidade de Santa Cruz do Sul.
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Abertura do Enart 2025 – realizado pelo CTG Ronda Charrua, campeão do ano de 2024. (tradição do evento, campeão anterior faz o show de abertura do próximo ano, para devolver o troféu rotativo)
PARTICIPANTES ENVOLVIDOS	Na abertura, todas as invernadas estavam participando, assim como dançarinos dos anos anteriores também foram convidados para participarem das coreografias e danças apresentadas.

(conclusão)

INTERAÇÕES OBSERVADAS	Antes da apresentação, todos os membros se reuniram no acampamento designado para a entidade, para registrar o momento, relembrar marcações ou apenas para rever velhos amigos.
PRÁTICAS	Foram disponibilizados para quem estava na plateia, pequenos barcos de papel com um texto introduzindo ao público a temática do Elenco adulto 2025, como um sinal de cordialidade, hospitalidade, como verdadeiros anfitriões. Foi apresentada **a** coreografia de entrada do ano 2000, o pau de fitas do ano 2014, as coreografias de entrada e saída de 2024, e uma coreografia inédita para o ano de 2025, trazendo a figura central do tema, Giuseppe Garibaldi, ainda na sua infância. E, ao final, um trecho dançado por todos, onde o troféu se revelava para que fosse devolvido **ao** futuro campeão estadual de danças tradicionais força A. Todos os anos retratados foram anos campeões em danças tradicionais ou então, suas coreografias.
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Foi um Enart atípico para mim, como dançarina, pois precisei, por motivos adversos, assistir tudo como espectadora. Não pude dançar, e não participei das preparações para esse evento, mas estive do lado de fora, torcendo, e pude constatar a grandiosidade desse festival, não como dançarina, mas como amiga e colega, vendo do lado de fora. Senti muito orgulho da invernada da qual fiz parte e também assisti seus adversários na dança.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Quadro 9: Diário de campo sobre espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante

(continua)

DATA	**12/12/2025**
EVENTO OBSERVADO	Festxiru 2025 – realizado no CTG Piá do Sul, na cidade de Santa Maria.
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Apresentação da Invernada Veterana do CTG Ronda Charrua na categoria Veterana. (Figura 33)
PARTICIPANTES ENVOLVIDOS	A invernada Veterana era o foco principal, mas a patronagem se encontrava presente, assim como membros da invernada adulta. A instituição toda estava reunida, seja nos preparativos dos trajes, cabelo, maquiagem, ou apenas como torcida.

(conclusão)

INTERAÇÕES OBSERVADAS	Durante a dinâmica de um festival, sendo uma observadora e participante, afirmo que muitas atividades entre o grupo ocorreram no período do festival, desde a viagem de ônibus, até as preparações para as apresentações. No sábado, a invernada veterana do CTG Ronda Charrua foi uma das primeiras veteranas na sala, tornando possível que o grupo conseguisse se preparar para a classificação. Após o retorno do grupo para o alojamento, uma escola alugada para acampamento, todos se reuniram para jantar, conversar, analisar a apresentação e se preparar para o dia seguinte.
PRÁTICAS	No FestXirú, há modalidade de danças tradicionais, que é dividida em três faixas etárias: veterana, xiru e vaqueano. E também há as modalidades individuais: danças gaúchas de salão, chula, declamação, e intérprete vocal. Para quem estava na plateia, foi entregue uma mensagem que remetia ao tema do grupo, intitulado "Nas varandas do teu mundo". A invernada Veterana do CTG Ronda Charrua, elenco de 2025, foi a vice-campeã do evento, levando para casa um total de 4 troféus: 2º lugar em danças tradicionais, Melhor pilcha do festival, 3º melhor coreografia, 1º melhor coreografia.
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Foi uma experiência de extremo prestígio para mim, como dançarina e como pesquisadora. Foi minha estreia no festival, pois a idade mínima para participar é de 30 anos; anteriormente, só havia participado do Enart, do Juvenart, e o Fegart, festivais com propostas e faixas etárias diferentes. Acompanhei toda a preparação para o evento, tanto dançando quanto observando enquanto me recuperava de uma lesão, então foi muito gratificante para mim fazer parte desse momento com meus amigos e companheiros.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Figura 33: Peões na dança Anú - FestXirú 2025



Fonte: estampa da tradição. Disponibilizado para a invernada veterana.

Figura 34: Evento de comemoração do FestXirú 2025



Fonte: acervo particular da autora.

Quadro 10: Diário de campo sobre o espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante

DATA	**23/06/2026**
EVENTO OBSERVADO	Observação e participação do ensaio semanal da invernada veterana do CTG Ronda Charrua.
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Ocorria um ensaio semanal de danças tradicionais e também uma preparação para uma futura coreografia.
PARTICIPANTES ENVOLVIDOS	Integrantes da invernada veterana e alguns acompanhantes (esposas, amigos e filhos). O espaço é aberto para pessoas próximas, e para a comunidade no geral. Alguns integrantes da invernada mirim, junto a seus pais, assistiam ao ensaio.
INTERAÇÕES OBSERVADAS	Antes do ensaio, o grupo se prepara com as vestimentas exigidas nos ensaios: saia de ensaio, botas, lenço, chapéu e pala no caso dos peões. Enquanto aguardam o ensaio começar, os integrantes se reúnem, tomam chimarrão e conversam sobre as danças e sobre suas vidas pessoais.
PRÁTICAS	O grupo participa de um aquecimento e alongamento, dirigidos por um dos integrantes com formação em educação física. Após, os professores comandam a aula com as danças tradicionais do ano em questão: chimarrita, queromana, tatu de castanholas, chotes carreirinho, cana-verde, chico sapateado.
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Como observadora participante, e já em minha fase final desta dissertação, posso afirmar que cada interação, prática, elemento do entorno e acontecimento é visualizado e registrado em forma de diário de campo e fotografias, para que os registros na dissertação sejam o mais precisos possível.

Fonte: desenvolvido pela autora.

Quadro 11: Diário de campo sobre o espaço afetivo - análise etnográfica de observação participante

(continua)

DATA	**26/06/2026**
EVENTO OBSERVADO	Observação e participação do ensaio de coreografia da invernada veterana do CTG Ronda Charrua.
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	Foi determinado que o ensaio com coreógrafos que vieram de outra região do Rio Grande do Sul seria em um salão paroquial localizado no interior da cidade de Farroupilha, na linha Boêmia.
PARTICIPANTES ENVOLVIDOS	Participaram do ensaio: os dançarinos da invernada Veterana, os coreógrafos que foram contratados para a montagem da coreografia, e alguns membros da comunidade que estavam acompanhando o ensaio.

(conclusão)

INTERAÇÕES OBSERVADAS	Foram observados diversos momentos de interação entre o grupo além do objetivo principal. Foram criadas algumas rodas de chimarrão no início do ensaio, ocasionadas pela temperatura na serra gaúcha daquele dia. A semana havia sido muito gelada. No intervalo, o grupo se reuniu para uma pequena confraternização com salgados e café, onde se observou um grande coleguismo entre os envolvidos.
PRÁTICAS OBSERVADAS	A principal prática desse evento registrada foi a montagem da coreografia de entrada do elenco de 2026 da invernada veterana. No intervalo, ocorreu uma confraternização entre os integrantes.
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	Como o último registro observado e documentado, a percepção da pesquisadora sobre a etnografia aplicada se transformou completamente do início do ensaio para o final e conclusão. A escolha de como documentar, e a área de análise, assim como seus personagens, são absorvidos nas nuances da vida real. Como pesquisadora, a necessidade de ter um afastamento pessoal em alguns momentos torna muito eficazes os momentos em que pude observar o grupo do lado de fora, como em uma tela, nos momentos em que estive afastada das práticas de dança.

Fonte: desenvolvido pela autora (2026).

Através das análises aqui feitas com esse grupo em específico, concluiu-se que o espaço afetivo não depende diretamente do espaço físico, mas sim das práticas cotidianas, das tradições e particularidades que aquele grupo criou ao longo do tempo. Alguns já dançam nas mesmas invernadas há décadas, outros são casados entre si, e assim, se cria uma dinâmica única e peculiar desse grupo de personagens.

5 CONCLUSÃO

Concluir esta pesquisa representa muito mais do que apenas concluir mais uma etapa acadêmica. Representa encerrar um caminho de descobertas que começou muito antes do meu ingresso no Programa de Pós-Graduação e que se transformou de forma orgânica ao longo da caminhada. Quando este estudo começou a ser pensado, a intenção era compreender a cultura gaúcha a partir de suas manifestações mais evidentes, principalmente aquelas relacionadas ao turismo cultural, aos grandes eventos tradicionalistas e à forma como essas manifestações poderiam contribuir para o desenvolvimento turístico regional. Entretanto, como acontece em muitos processos de pesquisa ou ensaio acadêmico, foi o próprio estudo que conduziu a pesquisa para outro caminho.

Ao ingressar no CTG Ronda Charrua, inicialmente como integrante da entidade, e ao longo do tempo como pesquisadora e observadora, analisei que aquilo que realmente despertava meu interesse não eram somente os eventos, as apresentações ou os rituais oficiais. O que chamava atenção estava nos pequenos acontecimentos cotidianos: nas conversas antes dos ensaios, no chimarrão compartilhado, nos abraços depois das apresentações, nos momentos de dificuldade enfrentados coletivamente, na maneira como novos integrantes eram recebidos e, principalmente, na forma como um espaço físico passava a representar um lugar de pertencimento para tantas pessoas.

Foi justamente nesse percurso que o conceito de espaço afetivo deixou de ser apenas uma categoria teórica para tornar-se uma realidade substancial da pesquisa, fazendo parte de muitos dos materiais que estudei. Como arquiteta e urbanista, foi um grande desafio fazer com que a pesquisa tivesse relação com minha formação acadêmica, então encontrar uma maneira de trabalhar o espaço nesse ensaio foi muito gratificante e uma realização pessoal, além de saber que a produção desse material servirá como base para futuras pesquisas. Ao longo da pesquisa de campo, tornou-se evidente que o galpão do CTG ultrapassa sua função arquitetônica e institucional. Ele passa a representar um espaço carregado de memórias, experiências, vínculos e significados que são continuamente produzidos pelos sujeitos que o ocupam. Não é apenas o lugar onde se dança, onde se realizam eventos ou onde se preservam tradições. É, sobretudo, um lugar onde histórias pessoais se encontram, onde amizades são construídas, onde famílias se fortalecem e onde diferentes gerações compartilham um mesmo sentimento de pertencimento.

Essa percepção permitiu compreender que a hospitalidade observada no CTG Ronda Charrua não pode ser reduzida à ideia tradicional de receber bem um visitante/forasteiro. Ela manifesta-se diariamente por meio das relações estabelecidas entre os integrantes, nos gestos de cuidado, na disponibilidade em ensinar, na transmissão dos conhecimentos, no incentivo aos mais jovens, no respeito aos mais antigos e na construção coletiva de um ambiente onde as pessoas desejam permanecer. A hospitalidade, portanto, revelou-se muito mais como uma prática relacional do que como uma simples ação de acolhimento. Ela é quase um sentimento e uma metáfora em um espaço físico onde se perpetuam vidas e se realizam sonhos, e é tão grandiosa em todas as suas definições que não pode ser reduzida a apenas um significado.

Ao longo desta investigação, ficou evidente que essas práticas que remetem à hospitalidade acontecem, muitas vezes, de maneira espontânea e orgânica. Não são resultado de normas escritas ou protocolos previamente estabelecidos. Elas surgem da convivência cotidiana e da repetição de pequenas ações que, ao longo do tempo, consolidam vínculos

afetivos extremamente sólidos. Talvez seja justamente essa naturalidade que torne a hospitalidade tão difícil de ser percebida por quem observa apenas superficialmente esses espaços. Somente a permanência prolongada no campo, no convívio do dia a dia e fazendo parte dessa grande família, proporcionada pela observação participante, tornou possível compreender a profundidade dessas relações. Assim, mais do que responder aos objetivos inicialmente propostos, esta pesquisa reafirma que a hospitalidade se manifesta como uma experiência profundamente humana, construída diariamente por meio das relações, dos afetos e da convivência. No CTG Ronda Charrua, ela não se apresenta como um conceito abstrato, mas como uma prática vivida, capaz de transformar um espaço físico em um verdadeiro lugar de memória, identidade e pertencimento. Talvez seja justamente essa capacidade de reunir pessoas, preservar histórias e produzir vínculos duradouros que explique por que determinados espaços permanecem vivos na memória daqueles que os habitam, muito tempo depois que as luzes do galpão se apagam e a música termina.

A escolha da etnografia como caminho metodológico mostrou-se fundamental para alcançar esse entendimento. Estar inserida na realidade investigada exigiu um exercício constante de equilíbrio entre o olhar da pesquisadora e o olhar da participante, o contraponto entre o olhar acadêmico e o olhar sensível de uma artista. Em muitos momentos foi necessário distanciar-me das minhas próprias experiências para analisá-las criticamente; em outros, foi justamente minha vivência que permitiu compreender detalhes que dificilmente seriam percebidos por alguém externo ao grupo. Essa dupla condição, longe de fragilizar a pesquisa, enriqueceu significativamente a produção do conhecimento, permitindo interpretar aspectos subjetivos que dificilmente emergiriam por meio de outras abordagens metodológicas. Nesse sentido, acredita-se que esta dissertação amplia o diálogo entre os estudos da hospitalidade, da antropologia, da cultura e da etnografia, demonstrando que esses campos possuem inúmeras possibilidades de aproximação.

Ao mesmo tempo, esta pesquisa também reforça algo que diversos autores discutidos ao longo da dissertação já apontavam: a identidade cultural gaúcha não constitui um elemento estático, homogêneo ou acabado. Ela permanece em constante construção e evolução ao longo dos anos. Os rituais observados no CTG, as formas de organização da entidade, os modos de vestir, de dançar, de celebrar e até mesmo de receber novos integrantes demonstram que a tradição está continuamente sendo reinterpretada pelas pessoas que a vivenciam. Sendo assim, preservar a tradição não significa permanecer preso ao passado, mas permitir que ela continue fazendo sentido para aqueles que a praticam no presente, e que esses recursos se tornem viáveis para os futuros tradicionalistas. Os símbolos permanecem, mas os sujeitos mudam; os rituais

permanecem, mas seus significados acompanham as transformações das relações sociais com o passar do tempo. Essa dinâmica demonstra que tradição e mudança não são conceitos opostos, mas processos que coexistem e se complementam.

Também considero que esta pesquisa contribui para valorizar os Centros de Tradições Gaúchas enquanto importantes espaços culturais. Frequentemente essas entidades são reconhecidas apenas por seus eventos, festivais ou apresentações artísticas. No entanto, a convivência diária permitiu perceber que existe uma dimensão muito mais profunda, construída silenciosamente entre um ensaio e outro, entre uma roda de chimarrão e outra, entre uma conversa de corredor, uma ajuda espontânea ou um simples gesto de acolhimento. É nesse cotidiano que o sentimento de pertencimento se fortalece e que a cultura deixa de ser apenas representada para ser efetivamente vivida.

Naturalmente, este estudo apresenta limitações. A pesquisa concentrou-se em uma única entidade tradicionalista e em um recorte temporal específico, impossibilitando generalizações sobre todos os CTGs existentes no Rio Grande do Sul. Entretanto, essa escolha metodológica permitiu aprofundar a análise das experiências vividas, característica essencial da abordagem etnográfica. Esse lugar, com essas pessoas, durante esse período de tempo, com essa finalidade. Cada entidade possui sua própria história, sua organização, seus conflitos, suas formas particulares de convivência e suas maneiras de construir hospitalidade. Justamente por isso, acredita-se que futuras pesquisas possam ampliar esse debate por meio de estudos comparativos entre diferentes Centros de Tradições Gaúchas, diferentes Regiões Tradicionalistas ou até mesmo entre outros grupos culturais brasileiros que compartilham práticas semelhantes de acolhimento, memória e construção identitária.

Resumidamente, a síntese dessa dissertação se dá por:

a) O espaço afetivo não depende diretamente do espaço físico, mas das práticas, tradições e particularidades criadas pelo grupo;
b) A hospitalidade se manifesta diariamente nas relações, no cuidado, na transmissão de conhecimentos e no acolhimento;
c) A identidade gaúcha é dinâmica: tradição e mudança coexistem e se ressignificam;
d) O CTG pode ser compreendido como espaço cultural, comunitário e de fortalecimento de pertencimentos;
e) A etnografia e a posição implicada da pesquisadora ampliaram a leitura das dimensões subjetivas do campo.

Por fim, talvez a maior contribuição desta pesquisa tenha sido compreender que aquilo que mantém viva uma tradição não são apenas os símbolos, as normas ou os discursos. São as pessoas. São elas que atribuem significado aos espaços, que constroem memórias, que compartilham experiências e que transformam um galpão em um lugar carregado de afeto. O espaço físico, por si só, não produz pertencimento. São as relações humanas estabelecidas em seu interior que fazem com que ele se torne um espaço afetivo.

Ao concluir esta dissertação, encerro também um ciclo de intensa transformação pessoal. Entrei no mestrado em busca de compreensão de aspectos da cultura gaúcha e da hospitalidade, assim como de novas experiências no meio acadêmico. Saio compreendendo, acima de tudo, que pesquisar pessoas é, inevitavelmente, também pesquisar a si mesmo. Cada conversa, cada ensaio, cada evento observado e cada experiência compartilhada modificaram meu olhar não apenas enquanto pesquisadora, mas também enquanto tradicionalista, arquiteta e sujeito pertencente a essa cultura.

REFERÊNCIAS

AGAR; MICHAEL. ***The professional stranger****: an informal introduction to ethnography. 1. ed.* [S.l.]: *Nova Iorque: Academic Press,* 1980. p. 41-54.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Ocupação do território: a origem da ocupação do território rio-grandense explica, em parte, as diferenças de distribuição da população**. Disponível em: https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/ocupacao-do-territorio. Acesso em: 26 mai. 2025.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 181-349.

BAPTISTA, Isabel. **Hospitalidade e eleição intersubjetiva:** sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 5-14, jul./2008. Disponível em: https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/150. Acesso em: 26 jul. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: 70 LTDA, 2016.
BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68–80, 2005.

BRUM, Ceres Karam. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, Santa Maria, v. 39, n. 138, p. 1-20, 31 dez. 2009. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/211/226. Acesso em: 26 jul. 2026.

BRUM NETO, Helena. **Regiões Culturais:** a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. 2007. 328 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BURGESS, Robert G. **A pesquisa de terreno:** uma introdução. Oeiras: Celta Editora, 1997.

CAMARGO, L. O. D. L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 42-69, mai./2015. Disponível em: file:///C:/Users/eduar/Downloads/574-Texto%20do%20Artigo-790-1755-10-20150522.pdf. Acesso em: 26 mai. 2025.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004. 96 p.

CAMILOTTO, Samara. **tradição e tradicionalismo gaúchos (Rio Grande do Sul/Brasil) sob olhares da hospitalidade:** identidade em questão. 2023. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Turismo e Hospitalidade, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2023.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2007. p. 97-127.

CÔRTES, J. C. Paixão; LESSA, Luís Carlos Barbosa. **Manual de danças gaúchas**. 3. ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1968. 160 p.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987. 246 p.

FAGUNDES, Antonio Augusto. **Indumentária gaúcha**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

FARIAS, A. B. D. **Poéticas da hospitalidade:** ensaios para uma filosofia do acolhimento. 1. ed. Porto Alegre: ZOUK, 2018. p. 23-46.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul.** 2. ed. [S.l.]: Martins Livreiro, 1986.

FLORES, Moacyr. **O gaúcho:** história e mito. Passo Fundo: Upf, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015. p. 3-107.

GOFFMAN, Erving. **Representação do eu na vida cotidiana.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOLIN, Tau. **A fronteira**: os tratados de limites Brasil-Uruguai-Argentina, os trabalhos demarcatórios, os territórios contestados e os conflitos na bacia do prata. Porto Alegre: L&Pm, 2004. 432 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 396 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 222 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.

HALL, Stuart; SILVA, T. T. D; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 15-25.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 10-55.

IPHAN. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/indl/pagina/detalhes/1574/. Acesso em: 10 jan. 2025.

JOCILES RUBIO, María Isabel; DEVILLARD, Marie José. **Reflexiones sobre la escritura etnográfica y el diario de campo.** *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Madrid, v. 56, n. 2, 2001.

JORBA, Juan M. García. **Diarios de campo.** Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2000. 244 p.

KERN, Arno Alvarez. **Missões:** uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 275 p.

LABIRINTOS AZUIS. **O relato de derrida sobre hospitalidade.** Disponível em: https://bluelabyrinths.com/2023/03/06/derridas-account-on-hospitality/. Acesso em: 26 mai. 2025.

LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do Tradicionalismo Gaúcho.** 8. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989. 145 p.

LASHLEY, Conrad. **Hospitalidade e hospitabilidade:** *hospitality and hospitableness.* Hospitalidade, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 70-92, mai./2015. Disponível em: https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/566/623. Acesso em: 25 jun. 2025.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo:** um fenômeno social gaúcho. 4. ed. Porto Alegre: L&Pm, 1985. 199 p. (Coleção Universidade livre).

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. *In*: CONGRESSO TRADICIONALISTA, 1., 1954, Santa Maria: [s.n.], 1954.

LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos e lendas do Sul**. Porto Alegre: L&Pm, 2012. 327 p. (Coleção L&PM Pocket).

LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975. 282 p.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul.** 5. ed. São Paulo: UNESP, 2009. p. 15-36.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. **Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro**. In: BERND, Zilá (org.). Olhares cruzados. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994. p. 76-95.

MACIEL, Maria Eunice. **Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul**. Mneme – Revista de Humanidades, v. 7, n. 18, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova guiné, melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 424 p. (Os pensadores, 43).

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** Petrópolis: Editora Vozes, 2025. 144 p.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **O que é um ensaio-teórico?** Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, mar./abr. 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Carta de princípios.** Porto Alegre: MTG-RS. Disponível em: https://www.mtg.org.br/carta-de-principios/. Acesso em: 10 jul. 2026.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **História do MTG.**. Porto Alegre: MTG-RS. Disponível em: https://www.mtg.org.br/historia-do-mtg/. Acesso em: 10 jul. 2026.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Regulamento geral do MTG.** Porto Alegre: MTG-RS, 2025. Disponível em: https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2026/02/Regulamento-Geral-do-MTG.pdf. Acesso em: 10 jul. 2026.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO (MTG). **Diretrizes para a pilcha gaúcha**. Porto Alegre: MTG, 2017. Disponível em: MTG – Diretrizes para a Pilcha Gaúcha. Acesso em: 27 jul. 2026.

NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101. Acesso em: 28 jul. 2026.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo:** A Diversidade Cultural no Brasil-Nação. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

OLIVEN, Ruben George. **Cultura gaúcha e regionalismo.** Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. 140 p.

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, memória e esquecimento:** um projeto da modernidade. 7. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004. p. 25-127.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2015. 358 p.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual:** da minúcia do olhar ao olhar distanciado. Porto: Afrontamento, 2004.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1969. Tradução de Emery Ruas.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** vol. 3: o tempo narrado. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. Tradução de Claudia Berliner.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo. razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 260 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 133 p. (Educação pós-crítica).

SPRADLEY, James P.. **Participant Observation.** New York: Holt, Rinehart e Winston, 1980. 183 p. Disponível em: https://archive.org/details/participantobser0000spra/page/n5/mode/2up. Acesso em: 29 jul. 2026.

THOMAS, Carmen. Conquista e povoamento do Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 1, n. 19, p. 17-27, dez./1976. Disponível em:

https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/3323. Acesso em: 25 mai. 2025

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. Tradução de Lívia de Oliveira. Disponível em: http://fundacc.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN.pdf. Acesso em: 29 jul. 2026.

TURNER, Victor W.. **O processo ritual:** estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974. 245 p.

VENTURA, Xavier Roigé. **Tècniques d'investigació en antropologia social**. Barcelona: Publicacions I Edicions de La Universitat de Barcelona, 1999. 236 p.

ZALLA, Jocelito. **A política do mito: debate e apropriação na elaboração do projeto tradicionalista gaúcho de Luiz Carlos Barbosa Lessa.** Esboços: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 176-202, dez. 2010. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-7976.2010v17n24p176 . Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n24p176 . Acesso em: 30 out. 2026.

APÊNDICE 1 – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS TEMÁTICAS

Quadro 12: Bibliografia consultada e temática (continua)

AUTOR (es)	ANO	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVES
AUGÉ, Marc	1994	Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade	Lugar; não lugar; identidade; espaço; mobilidade
BAPTISTA, Isabel	2002	Lugares de hospitalidade	Hospitalidade; lugar; acolhimento; experiência; convivência
BENI, Mário Carlos	2001	Análise estrutural do turismo	Turismo; sistema turístico; cultura; planejamento
BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema	2005	Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais	Entrevista semiestruturada; pesquisa qualitativa; coleta de dados
BOUTAUD, Jean-Jacques	2011	Comensalidade: compartilhar a mesa	Comensalidade; alimentação; ritual; convivência; sociabilidade
BOURDIEU, Pierre	1989	O poder simbólico	Poder simbólico; representação; práticas culturais; campo social
CAMARGO, Luiz Octávio de Lima	2003	Os domínios da hospitalidade	Hospitalidade; acolhimento; receber; hospedar; alimentar; sociabilidade
CAMARGO, Luiz Octávio de Lima	2004	Hospitalidade	Hospitalidade; dádiva; relações humanas; interação social; convivência
CANDAU, Joël	2011	Memória e identidade	Memória coletiva; identidade; pertencimento; patrimônio cultural
CÔRTES, Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa	1968	Manual de danças gaúchas	Danças tradicionais; folclore; manifestações culturais; tradição

CUCHE, Denys	1999	A noção de cultura nas ciências sociais	Cultura; identidade cultural; diversidade; processos sociais
			(continuação)
DA MATTA, Roberto	1997	A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil	Sociabilidade; espaço social; cultura brasileira; relações sociais
DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna	2006	O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens	Pesquisa qualitativa; interpretação; métodos; investigação
DOUGLAS, Mary	1976	Pureza e perigo	Cultura; símbolos; rituais; classificação social; significados
FAGUNDES, Antônio Augusto	1986	Tradicionalismo gaúcho: escorço histórico	Tradicionalismo; cultura gaúcha; costumes; folclore; tradição
FARIAS, André Brayner de	2018	Poéticas da hospitalidade	Hospitalidade; encontro; alteridade; sensibilidade; experiência humana
GASTAL, Susana	2006	Turismo, imagens e imaginários	Turismo; identidade; imaginário; cultura
GEERTZ, Clifford	1989	A interpretação das culturas	Cultura; símbolos; significados; antropologia; interpretação cultural
GIL, Antonio Carlos	2019	Métodos e técnicas de pesquisa social	Pesquisa social; metodologia; investigação; pesquisa qualitativa
HAESBAERT, Rogério	2004	O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade	Território; territorialidade; identidade; espaço social
HALL, Stuart	2006	A identidade cultural na pós-modernidade	Identidade; cultura; representação; pertencimento; sujeito
JACKS, Nilda	1998	Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional	Cultura regional; identidade; comunicação; tradição
LEFEBVRE, Henri	2006	A produção do espaço	Espaço social; produção espacial; práticas sociais; cotidiano

LESSA, Luiz Carlos Barbosa	1954	O sentido e o valor do tradicionalismo	Tradicionalismo; cultura gaúcha; identidade regional; valores sociais
LESSA, Luiz Carlos Barbosa	1985	Nativismo: um fenômeno social gaúcho	Nativismo; tradição; cultura regional; identidade gaúcha
			(conclusão)
MAESTRI, Mário	2000	História do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais	História gaúcha; sociedade; cultura regional; formação histórica
MAUSS, Marcel	2025	Ensaio sobre a dádiva	Dádiva; reciprocidade; troca; vínculo social; relações humanas
MINAYO, Maria Cecília de Souza	2014	O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde	Pesquisa qualitativa; interpretação; metodologia; análise social
MOESCH, Marutschka	2002	A produção do saber turístico	Turismo; conhecimento; interdisciplinaridade; cultura
MONTANDON, Alain	2011	Filosofia do turismo: teoria e epistemologia	Turismo; experiência; fenômeno turístico; cultura
OLIVEN, Ruben George	2006	A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação	Regionalismo; identidade gaúcha; cultura brasileira; diversidade
PANOSSO NETTO, Alexandre	2011	Filosofia do turismo: teoria e epistemologia	Turismo; experiência; fenômeno turístico; cultura
SANTOS, Milton	2006	A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção	Espaço; território; sociedade; técnica; relações sociais
TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva	1987	Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação	Pesquisa qualitativa; estudo exploratório; metodologia
TUAN, Yi-Fu	1983	Espaço e lugar: a perspectiva da experiência	Espaço vivido; lugar; experiência; pertencimento; percepção
TUAN, Yi-Fu	2012	Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente	Topofilia; afetividade; lugar; memória; relação homem-espaço
TURNER, Victor	1974	O processo ritual: estrutura e antiestrutura	Ritual; símbolos; liminaridade; comunidade; tradição
ZATTERA, Vera Stedile	1995	Gaúcho: vestuário tradicional e costumes	Indumentária gaúcha; costumes; tradição;

			cultura material; identidade

Fonte: desenvolvido por autora.

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIOS SUBMETIDOS AOS MEMBROS DO CTG RONDA CHARRUA

Questionário submetido aos participantes das invernadas do CTG Ronda Charrua em julho de 2025, respondido em formato online.

1. Qual sua idade? (escrita)
2. Em qual das opções você melhor se encaixa?
( ) Nascido e criado no RS
( ) Morador, mas natural de outro estado
( ) Visitante frequente no RS
3. Você frequenta o CTG Ronda Charrua?
( ) Sim
( ) Não
4. Frequenta alguma das invernadas?
( ) Pré Mirim
( ) Mirim
( ) Juvenil
( ) Adulta
( ) Veterana
5. Para você, o que é hospitalidade na cultura gaúcha?
6. Na sua percepção, em quais espaços a hospitalidade se manifesta com mais destaque?
( ) no ambiente familiar (receber em casa)
( ) nos encontros informais (rodas de chimarrão, conversas)
( ) nos eventos comunitários (festas,de comunidade, rodeios, festivais)
7. Você costuma participar desses rituais?
( ) sim
( ) não
8. A hospitalidade gaúcha, para você, está mais associada
( ) acolhimento
( ) tradição

( ) partilha

( ) generosidade

( ) respeito

( ) reciprocidade

( ) cortesia formal

9. Você percebe que a hospitalidade gaúcha se mantém da mesma forma entre as gerações mais novas?

( ) Sim, permanece forte

( ) Sim, mas com algumas adaptações

( ) Não, percebo que está se perdendo

( ) Não tenho certeza

10. Na sua visão, a hospitalidade é oferecida de forma diferente para quem é de dentro (da comunidade) e para quem é de fora (visitantes ou turistas)?

( ) Sim, existe diferença

( ) Não, é a mesma forma de acolher

( ) Depende da situação

( ) Nunca parei para pensar sobre isso

11. Se quiser, compartilhe uma situação ou memória que, para você, representa bem a hospitalidade gaúcha.

➞ (Resposta aberta)

12. Você acredita que a hospitalidade é um elemento que ajuda a fortalecer a identidade cultural gaúcha? Por quê?

➞ (Resposta aberta)

13. Na sua percepção, esses rituais diários ajudam a manter a tradição gaúcha viva ao longo das gerações?

14. Deseja deixar algum comentário, reflexão ou sugestão sobre esse tema?

➞ (Resposta aberta)

"Muito obrigada por compartilhar seu tempo, suas experiências e suas percepções! Sua contribuição é fundamental para que possamos compreender de forma mais sensível e profunda como a hospitalidade molda os rituais, os vínculos e a cultura gaúcha. Minha pesquisa leva um pouquinho do teu amor ao Rio Grande do Sul junto as páginas, muito grata."

APÊNDICE 3 - ROTEIRO DESENVOLVIDO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

AMBIENTE FÍSICO	1. organização do espaço 2. decoração tradicional 3. símbolos culturais 4. presença de bandeiras ou objetos tradicionais-civis
PRÁTICAS GERAIS	1. como visitantes são recebidos 2. oferecimento de chimarrão 3. convites para participar das atividades
ATIVIDADES CULTURAIS	1. ensaios de dança 2. eventos tradicionalistas 3. músicas e apresentações
EXPRESSÕES DE PERTENCIMENTO	1. orgulho da tradição gaúcha 2. uso da pilcha 3. narrativas sobre a história do CTG

Fonte: desenvolvido pela autora.

APÊNDICE 4 – DIÁRIO DE CAMPO DESENVOLVIDO PARA ANÁLISE DA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

DATA	
INVERNADA OBSERVADA	
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO (ex. ensaio de dança, roda de chimarrão, evento)	
INTERAÇÕES OBSERVADAS	
PRÁTICAS OBSERVADAS	
REFLEXÕES DO PESQUISADOR	

Fonte: desenvolvido pela autora.

APÊNDICE 5 - CARTA DE PRINCÍPIOS MTG

A "Carta de Princípios" atualmente em vigor foi aprovada no VIII Congresso Tradicionalista, levado a efeito no período de 20 a 23 de julho de 1961, no CTG "O Fogão Gaúcho" em Taquara, e fixa os seguintes objetivos do Movimento Tradicionalista Gaúcho:

I – auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo;

II – cultuar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade;

III – promover, no meio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho;

IV – facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo, combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resulta;

V – criar barreiras aos fatores e idéias que nos vem pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo;

VI – preservar o nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares;

VII – fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns;

VIII – estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes;

IX – lutar pelos direitos humanos de Liberdade, Igualdade e Humanidade;

X – Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais, que têm como característica essencial a absoluta independência de sectarismos político, religioso e racial;

XI – acatar e respeitar as leis e poderes públicos legalmente constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios do regime democrático vigente;

XII – evitar todas as formas de vaidade e personalismo que buscam no Movimento Tradicionalista veículo para projeção em proveito próprio;

XIII – evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou financeira;

XIV – evitar atitudes pessoais ou coletivas que deslustrem e venham em detrimento dos princípios da formação moral do gaúcho;

XV – evitar que núcleos tradicionalistas adotem nomes de pessoas vivas;

XVI – repudiar todas as manifestações e formas negativas de exploração direta ou indireta do Movimento Tradicionalista;

XVII – prestigiar e estimular quaisquer iniciativas que, sincera e honestamente, queiram perseguir objetivos correlatos com os do tradicionalismo;

XVIII – incentivar, em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais;

XIX – influir na literatura, artes clássicas e populares e outras formas de expressão espiritual de nossa gente, no sentido de que se voltem para os temas nativistas;

XX – zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais;

XXI – estimular e amparar as células que fazem parte de seu organismo social;

XXII – procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e no seio do povo, buscando conquistar para o Movimento Tradicionalista Gaúcho a boa vontade e a participação dos representantes de todas as classes e profissões dignas;

XXIII – comemorar e respeitar as datas, efemérides e vultos nacionais e, particularmente o dia 20 de setembro, como data máxima do Rio Grande do Sul;

XXIV – lutar para que seja instituído, oficialmente, o Dia do Gaúcho, em paridade de condições com o Dia do Colono e outros “Dias” respeitados publicamente;

XXV – pugnar pela independência psicológica e ideológica do nosso povo;

XXVI – revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade;

XXVII – procurar o despertamento da consciência para o espírito cívico de unidade e amor à Pátria;

XXVIII – pugnar pela fraternidade e maior aproximação dos povos americanos;

XXIX – buscar, finalmente, a conquista de um estágio de força social que lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas Classes Rio-grandenses para atuar real, poderosa e eficientemente, no levantamento dos padrões de moral e de vida do

nosso Estado, rumando, fortalecido, para o campo e homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo, assim, sua alta destinação histórica em nossa Pátria.